DOM TIHAMER TOTH

O BRILHO DA MOCIDADE

VI EDIÇÃO

1959
EDITÔRA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS RJ

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO. E REVMO. SR. DOM MANOEL PEDRO DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PETRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVERKAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 12-2-1959.

O direito de tradução dêste livro pertence à Congregação do Sagrado Coração de Jesus e foi cedido temporàriamente à EDITÔRA VOZES LTDA.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

PROÊMIO

Meu filho: Junto à minha secretária vêm, não raro sentar-se jovens estudantes.

Apenas iniciado o ano escolar, começam também para mim as visitas dos jovens. Os novatos batem tìmidamente à porta, e os antigos, os conhecidos, batem com ousadia, mas alegremente.

Sentam-se junto à minha secretária e, na calma e no recolhimento do meu quarto, abre-se o precioso reino, fechado por mil fechaduras, duma alma de jovem. Quando êles contam os seus aborrecimentos, bem pequenos (mas que êles enxergam com abatimento infinito); quando se lamentam sôbre as suas mil dificuldadezinhas (mas que tomam terrìvelmente a sério); quando põem a descoberto a sua alma com as suas grandes tempestades, com os seus profundos problemas; e quando, de olhos arregalados, dizem com transporte: "Dême um conselho: que devo fazer?" — nesses momentos inspirados é que tenho aprendido a conhecer que *a alma do jovem é um imenso campo de diamantes espirituais que encerra uma promessa de desenvolvimento futuro ilimitado*. Para nós, os adultos, é não sòmente um santo dever, mas também grande honra, o contribuirmos para êsse desenvolvimento.

Aquêle que se não ocupa da juventude não suspeita a quantas questões, combates, passos em falso — e certamente também naufrágios definitivos — está exposto o desenvolvimento das vossas almas, ó jovens, nem quanto, nas tempestades da primavera da vida, o

batel da vossa alma, precisa de mão robusta para o fazer singrar na boa direção.

Quando tenho querido fortificar os que estão em plena luta, acalmar-lhes as tempestades da alma, aliviá-las com os meus conselhos nas suas dúvidas, retirá-las do lôdo com mão firme, tem-me parecido que não sòmente um jovem estudante estava sendo junto a mim, senão que milhares de jovens de alma atraente, de olhar penetrante, estavam em todo o nosso país a braços com as mesmas graves questões, e talvez não soubessem onde achar resposta, consolação, conselho, esclarecimento, e assim, entregues a si mesmos, eram obrigados a sustentar um prélio difícil na idade crítica da adolescência.

Tais foram as idéias que fizeram surgir à publicidade esta série de obras dedicadas *"À Juventude Católica"*.

Bem sei que a palavra impressa não tem o poder da palavra viva, mas talvez não seja inútil reunir parcialmente nalguns livros os pensamentos que costumo expor aos meus alunos.

Não sei, ó jovem, como te chamas. Não sei que escola freqüentas: se o colégio, a escola primária ou secundária, a escola industrial, a escola de comércio, a escola normal ou, talvez, a Universidade. De ti só sei uma única coisa: é que és *um jovem estudante*, que trazes na alma a sorte futura da nação, que te preocupas com graves problemas, aos quais temos o sacratíssimo dever de dar respostas sérias. Porquanto não há nada mais nobre nesta vida do que abrir a fonte da verdade eterna às almas sequiosas. Fundar reinos não pode ter maior mérito perante a humanidade, e construir igrejas não pode ser mais agradável a Deus do que preservarmos da ruína, por nossos conselhos,

uma só alma de jovem, que é a principal esperança dos estados, o "templo vivo" de Deus.

Cada letra dêste livro foi escrita por amor de tua alma; foi escrita por me haver persuadido de que encher de sublime ideal um coração de môço é ato de valor inestimável e eterno. Êsse amor merece que reflitas sèriamente no que puderes ler neste livro. E a maior recompensa dos meus esforços será que estas linhas possam repor ou manter no bom caminho ao menos uma só alma de adolescente.

O Autor.

OS DOIS LAGOS

Quando eu era jovem estudante, ia muitas vêzes passear à beira de um lago situado na montanha. Os raios do Sol alegremente lhe dançavam no espelho cristalino. A sua onda pura deixava perceber a vida buliçosa dos sêres que lhe povoavam o fundo de cascalho. Nadavam lindos peixinhos aqui e acolá, mal podendo conter a sua satisfação ao contacto dos cálidos raios solares.

Na margem, sonhavam as miosótis, e os nenúfares montavam guarda gravemente com as suas fôlhas como lâminas de sabre. À superfície da água, inclinavam-se com dignidade os salgueiros, que, com ar meditativo, fruíam do céu sorridente e sem nuvens o azul que se refletia. Uma aura de ar fresco circulava através dos ramos, e os caniços baixavam a cerviz à sua passagem. O lago da montanha era uma como alma de jovem transbordante de vida, de sorriso, de ventura, como um ôlho de criança arregalado, brilhante qual estrêla.

Ùltimamente, após longos anos, encaminhei-me outra vez para lá.

Foi com espanto que vi em que se transformara o meu querido lago: um atoleiro lodoso de côr amarelo-esverdeada. A água estava-lhe turva e suja. O que êle encerrava não se via por causa das ervas, mas o ar pestilento que dêle se exalava traía a podridão

que nêle se achava. Da vasa ascendia o coaxar das rãs. Quando passava alguém, répteis hediondos pulavam assustados nas ervas ou na água lutulenta.

Onde estão os nenúfares que altivamente montavam guarda?

Para onde se foram os salgueiros da margem que balouçavam as suas coroas de folhagem?

Para onde se foi o céu azul que sorria, que se refletia na superfície da água?

Tudo desapareceu. E' debalde que os caniços brotam na margem; inclinam-se frouxamente ao menor vento. Por tôda a parte, é só podridão e isolamento.

E o coração confrangeu-se-me. Então, era aquêle o formoso lago cristalino da minha juventude?

* * *

Os olhos dos jovens são tão belos quanto a miosótis, e a alma dêles é como o lago cristalino da montanha.

Ai! quantas mais tarde se tornam pântanos senagosos!

* * *

Foi para que tua alma sempre permanecesse pura como um cristal, meu filho, que escrevi êste livro. Porque conservar pura a própria alma, e assim chegar à idade de homem, é a mais sublime tarefa da vida.

PARTE I

OS PLANOS DO CRIADOR

> "E Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus: criou homem e mulher. E Deus abençoou-os e disse-lhes: Crescei, multiplicai-vos e enchei a Terra" (Gn 1, 27-28).

Havia milênios que a Terra prosseguia a sua rota em tôrno do Sol. Dentro dela refervia a lava incandescente; com estrupidos tremendos, quebrava ela a crosta exterior endurecida, mas o esfriamento continuava incessantemente. Na superfície do globo, verdejava já a floresta virgem. Florescia a primavera com aspecto deslumbrante, e as aves cantavam àlacremente na asa dos ventos. Era em tôda a parte a vida, a fôrça, a energia, a atividade. Mas faltava ainda alguma coisa.

Alguma coisa ou, antes, alguém.

Não havia ninguém para escutar o canto do rouxinol. Não havia ninguém para aspirar o perfume das flôres. Não havia ninguém para saborear os frutos. Faltava o ser inteligente e consciente que absorvesse tôda aquela beleza imensa numa alma ávida, que não fôsse apenas uma peça do grande mecanismo da natureza, mas que se volvesse conscientemente para todos

aquêles cantos de aves, para todos aquêles murmúrios de regatos, para o perfume das flôres, para o ciciar das florestas, para a dignidade severa dos maciços nevosos, para o zumbido das abelhas, e que elevasse com amor para o Criador de tôdas aquelas coisas, nas asas da gratidão, uma alma inebriada pelas belezas da natureza.

1. O primeiro homem e a primeira mulher.

Foi então que Deus criou o primeiro casal humano: um homem e uma mulher. O homem e a mulher são dois sêres completos em si mesmos, e, no entanto, devem-se completar um ao outro. Nos dois sexos o Criador realizou *conjuntamente*, de modo completo, a idéia de *"homem"*. Cada sexo tem o seu caráter peculiar, porém o homem e a mulher, completando-se mùtuamente, dão a idéia completa de *"homem"*.

O cunho característico do homem é o trabalho criador que reclama coragem e atividade. A sua vontade é forte, o seu caráter firme, perseverante nas resoluções. Êle se enche de alegria quando pode afrontar vitoriosamente, com fronte dura como o granito, as mil tempestades do combate da vida.

A mulher seria esmagada na luta contínua pela vida. O terreno melhor para ela é o doce ninho da família, onde com amor inexaurível e com dedicação incessante, cuida do lar, dos filhos, e desenruga com um sorriso os traços severos do espôso que entra após o trabalho penoso. A sua fôrça criadora não é tão elevada quanto a do homem, mas são maiores a sua paciência e a sua perseverança.

Deus realizou para a humanidade o mais belo ideal, criando *dois sexos*. Fundou sôbre a diferença dos sexos o encanto inesgotável da vida familiar, o

amor do espôso e dos filhos, e mesmo, em parte, o amor do país.

São, pois, precisos no mundo o homem e a mulher. Faz-se mister a fôrça do homem ao lado da ternura da mulher. E' necessária a energia ardente do homem ao lado da ternura da mulher. E' indispensável a energia ardente do homem ao lado do amor, da beleza e da sensibilidade mais profunda da mulher. Os dois sexos são inseparàvelmente feitos um para o outro. Foi por isso que o Criador colocou a primeira mulher ao lado do primeiro homem, e fundou desde o comêço da humanidade a primeira família.

2. Os planos do Criador.

Criando, porém, os dois sexos, Deus tinha ainda desígnios mais profundos e mais santos. Com a união dos dois sexos, deu êle também aos homens *uma fôrça criadora*. Queria que êles tivessem parte na sua obra criadora e que preenchessem por uma geração nova o vácuo que a morte cava entre os homens. Foi êsse o plano infinitamente sublime e misterioso do Criador quando fundou o matrimônio. Segundo a intenção de Deus, devemos encarar o jovem e a jovem na plenitude da sua integridade e da sua fôrça, *como uma incorporação da idéia criadora divina.*

Todos vós aprendestes no catecismo que o próprio Deus criou diretamente os dois primeiros sêres humanos, Adão e Eva. Porém, mais cedo ou mais tarde, todo menino faz a si mesmo esta grave pergunta: "Quem criou então os outros homens? Deus não os criou diretamente, como aos primeiros homens; então, como vieram êles à Terra? E como foi que eu próprio vim à Terra? Enfim, como é que vêm ao mundo as criancinhas?"

Certamente é uma questão extremamente grave. E todo menino, mais cedo ou mais tarde, é agitado pelo desejo de saber. Prefiro responder-te a deixar-te inquirir os outros.

Presta, pois, bem atenção, meu caro filho. Sabes certamente muito bem que os sábios dividem o conjunto das criaturas do universo em duas grandes classes: os sêres orgânicos e os sêres inorgânicos. Deus não sòmente criou os sêres pertencentes à primeira classe (as plantas, os animais e o homem), senão que os proveu de uma parcela da sua própria fôrça criadora, de tal arte que êsses sêres, graças a essa fôrça geradora, podem dar a vida a pequenos sêres vivos semelhantes a êles. A planta produz uma nova planta, o animal dá à luz o seu filhote, e o homem dá origem a criancinhas.

Aos sêres inorgânicos (o Sol, as estrêlas, os minerais, as montanhas, o mar, etc.) Deus não deu a fôrça criadora. E por quê? Porque êles não perecem tão fàcilmente quanto os sêres vivos, e assim não precisam chamar à existência outros sêres pequenos em seu lugar. Mas isso é necessário para os sêres orgânicos. O peixe e a ave, a árvore e a planta, o animal e o homem, envelhecem, perecem, deixam de existir — isso aos milhões, ano por ano. Porém se isso durasse contìnuamente e não houvesse outros sêres novos no lugar dêles, ràpidamente a vida cessaria na Terra. E' verdade que Deus poderia, no lugar de cada sêr vivo desaparecido, criar diretamente um novo. Mas a sua santa e misteriosa vontade realizou coisa ainda mais grandiosa: a cada sêr vivo deu êle a fôrça de poder dar vida a outros, porém de maneira tão misteriosa, que até agora os homens mais sábios do mundo não lhe conseguiram penetrar os segredos.

Já viste, meu filho, durante o inverno, na árvore adormecida, o botão apenas visível? Cada botão é o ninho de um rebento novo, de uma flor nova, de um novo fruto, de uma àrvorezinha nova. Os botões aguardam só a carícia de um raio de Sol primaveril para se porem a abrir, a crescer, a florir; as flôres esperam pela visita dos insetos de maio ou de um vento leve, confiam que as asas do vento, as patas das abelhas tragam o pólen masculino e o semeiem no pistilo de uma flor fêmea. Quando o pólen atinge o pistilo, as duas flôres nesse instante são unidas, pelo assim dizer, por um amor recíproco. O pistilo fecundado começa a crescer e a aumentar. Torna-se cada vez maior, cada vez mais desenvolvido, até que, finalmente — ao cabo de algumas semanas ou de um par de meses — chegado à maturidade, cai dos pés um fruto maduro, e no fruto está uma semente nova, germe de nova árvore, de nova vida. E' assim que o Criador cuida de que a natureza se renove contìnuamente a si própria.

3. A fonte da vida.

E' do mesmo jeito que êle quer velar também pela renovação, pela conservação da humanidade. Deu ao homem a fôrça criadora: fôrça misteriosa pròpriamente falando, faculdade realmente divina, em virtude da qual pode êle dar ao mundo uma vida nova, um homem novo. Colocou no homem uma fôrça criadora, uma semente vital, e na mulher um germezinho humano, a fim de que da reunião dos dois surja um novo ser vivo, um novo homem. Essa fôrça geradora, essa semente de vida e êsse germe dormitam durante anos na criança, sem que essa tenha disso consciência, como os botões das árvores durante o frio do inverno.

Mas a primavera da vida chega, quando o menino se torna jovem, quando a menina se converte em donzela; o raio de Sol sorridente e vivificador põe-se a brilhar, o jovem inflama-se de amor pela jovem, toma-a por espôsa e, no santuário da vida conjugal, verdadeiramente unidos um ao outro, unem êles as duas almas e os dois corpos. E essa união corporal, êsse amor que une os esposos, não só os enchem a ambos de alegria, mas fazem atuar o germe que dormitava até então na mulher, nesse instante o germezinho humano começa a viver, o botãozinho humano começa de avolumar-se crescer e desenvolver-se, e, ao cabo de nove meses, está bastante forte para cair, como o fruto da casca, para separar-se da árvore nutriz materna, e nós dizemos que um novo homem veio ao mundo. Um novo menino, um novo homenzinho que não é o pai nem a mãe em ponto pequeno, mas que reúne o pai e a mãe; um terceiro ser humano, cuja vida, entretanto, já está predeterminada em muitos pontos pelo gênero de vida anterior do pai e da mãe, pela vida anterior dêstes, honesta ou pecaminosa. Mas também não há maior amor no mundo que o dos pais aos filhos, que, no sentido mais exato da palavra, lhes saíram da carne e do sangue.

4. A mãe e o filho.

Escuta êste diálogo, cheio de ingenuidade, entre um rapazinho e uma mãe de família razoável, que prefere responder francamente às perguntas do filho a deixá-lo pedir explicações a camaradas duvidosos.

— Mamãe querida, — perguntava à mãe um colegialzinho, como é que eu era quando ainda estava bem pequeno?

— Quando eras pequenino? Oh! eras como um ponto. Menor que uma cabeça de alfinête. Só te poderiam ver com uma lente.

— Meu Deus! — exclama a criança. Mas então qualquer coisa poderia esmagar-me!

— Certamente, respondeu a mãe. Todo ser vivo é no comêço um pontinho, um germezinho, uma sementezinha, que é preciso esconder, como a semente debaixo da terra, a fim de que fique protegida quando começa a desenvolver-se. E, estás vendo? Deus teve cuidado contigo, para que não sofresses nenhum dano enquanto eras pequenino. E no meu corpo, por baixo do meu coração, fêz êle um lugarzinho para ti. Um ninho bem quente, bem macio, bem protegido, para que nêle pudesses brotar e crescer com segurança.

— E eu ali podia alimentar-me, mamãe? E respirar?

— Eu fazia tudo isso por ti. Naquele momento eu comia mais, para ser mais forte e fazer-te aproveitar a minha fôrça. O que eu comia transformava-se em sangue, e o sangue corria em ti e te alimentava.

— Mamãe, a senhora sabia que eu estava ali naquele esconderijo?

— Se sabia? Oh! meu filhinho, como não o sabia! Às vêzes, tu te mexias, e eu me punha a conversar contigo: "Bom dia, meu filhinho! Estás acordado?" E tua mãezinha velava por ti e pensava em ti: "Cresce e fortalece-te para teres em breve bastante fôrça para sair do teu esconderijo, e eu te poder avistar com grande alegria".

E agora me olhas com grandes olhos, como se até agora nada soubesses de tudo isso. Entretanto o sabias, mas apenas não o compreendias. Bem sabes que cada dia nós recitamos juntos na Ave-Maria: "Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus". Estás ven-

do? Assim como a maçã é o fruto da macieira, assim também a criancinha é o fruto de sua mãe. Mas a criancinha tem mais valor que a maçã, e foi por isso que Nosso Pai celestial quis ter muito mais cuidado com ela. E' por isso que ela fica tanto tempo escondida no seu quente e macio esconderijo, debaixo do coração de sua mãezinha.

— E quanto tempo fiquei ali, mamãe querida?

— Bem o sabes. Quando é o dia da Anunciação, essa festa em que o Anjo saudou a Virgem Maria e lhe anunciou que ela teria um filho? E' a 25 de março, não é? E quando é que se celebra o nascimento do Menino Jesus? A 25 de dezembro. Qual é o intervalo entre essas duas datas? Nove meses. Também sabes qual é o dia da Imaculada Conceição da Virgem Maria: 8 de dezembro. E o dia do seu nascimento? 8 de setembro. O intervalo entre essas duas datas é igualmente de nove meses. Pois bem: até agora tinhas ouvido falar de tudo isso, mas não lhe prestavas atenção e eu não te queria falar disso enquanto não ficasses rapazinho. Agora o sabes, meu filho, porém não fales disso aos outros meninos. As pessoas grandes também não têm o direito de falar disso sem motivo. E por quê? porque é uma coisa muito santa e sublime, e, se não se prestar atenção às coisas belas e santas, elas ràpidamente se poluem.

E durante êsses nove meses rezei muito, porque queria que te tornasses um menino bem piedoso e amante de Deus. Estava sempre de bom humor e sorridente, porque queria que assim também estivesses. Quando ficaste bastante forte, um dia a porta fechada abriu-se e tu saíste, nasceste. Certamente isso me causou atrozes dores, mas que importa! Porque mal apareceste à luz, soltaste grandes gritos, choraste, te debateste, colocaram-te nos meus braços, e eu te es-

treitei ao meu peito, chorei também, mas de alegria, beijei-te muito, e, agora, meu filho, sabes porque é que te amo tanto.

— Sim, mamãe, e sei porque é que eu também amo minha mãezinha mais do que a qualquer outra pessoa no mundo — disse o menino que, com lágrimas de gratidão nos olhos, beijou a mãe.

5. Santa gravidade.

Não havemos de mister mais que refletir um pouco, para que uma emoção e uma admiração imensas se nos apoderem da alma ante o pensamento grandioso de Deus. Como é sublime o plano divino, de não querer criar especialmente o homem num estado de desenvolvimento completo, como Adão e Eva! Efetivamente, como seria completamente outro o mundo inteiro, estranho, frio, deserto, se assim não fôsse! Não se cogitaria de família, porquanto a família é constituída pelo pai, pela mãe e pelos filhos. Não teríamos então nem pai, nem mãe, nem irmãos, nem irmãs, nem parentes. Cada qual seria sòzinho no mundo. Então ninguém amaria o seu próximo, ninguém saberia a quem fazer compartir as suas alegrias, a quem confiar as suas penas.

Não haveria criancinhas no mundo. Vem-me esta idéia singular: cada um seria grave adulto, tio barbudo ou tia idosa, e a casa não retiniria com os folguedos e risos argentinos das crianças. Não haveria meninos, e seriam desconhecidas a despreocupação e a alegria dos anos de infância.

Vê como é inexprimível o amor de Deus na maneira que êle escolheu de assegurar a perpetuidade da espécie humana. Só criou diretamente os dois primeiros homens: um homem e uma mulher; e dêsses dois,

e por êles, todos os outros. Comunicou-lhes uma parcela da sua fôrça criadora, de tal sorte que êles próprios dariam aos demais homens a vida do corpo.

Como é maravilhoso, como é santo, como é nobre o plano do Criador! Como é infinitivamente digna da veneração a sua vontade, que, na obra de renascimento contínuo da humanidade — obra realmente criadora —, deixou uma parte desta aos homens! Mas, ao mesmo tempo, deixou-lhe um mandamento severo e estritamente obrigatório: que o órgão corporal de que, com sábia providência, êle proveu o homem, *seja empregado ùnicamente na finalidade santa* que êle prescreveu: que pelo amor mútuo do homem e da mulher um novo homem venha ao mundo, mas *sòmente no quadro que êle estabeleceu desde o comêço,* estando o homem e a mulher unidos em matrimônio indissolúvel.

Em tôda a natureza, a fôrça mais nobre, mais santa é o poder de dar vida. O homem possui, com a natureza, o poder de dar a vida a novos sêres humanos; porém assim como a alma humana se eleva a uma altura incomensurável, acima de qualquer outro ser criado, assim também cumpre considerar essa faculdade criadora com a mais delicada observância das leis morais, transportando-a da esfera material para o mundo espiritual. Renunciaríamos ao nosso belo privilégio, à "nossa natureza racional", se houvesse em nós sequer uma só manifestação da nossa vida física, pela qual nos não distinguíssemos e elevássemos completamente acima da atividade inteiramente animal.

Portanto, meu filho, nunca penses nesse órgão senão com a mais santa gravidade; não escutes jamais uma conversa de duplo sentido a êsse respeito; não fales dêle tu mesmo, não o olhes, não o toques e conserva-te sempre puro. Os teus pulmões, o teu cérebro, o teu coração, não os podes tocar (nem poderias fazê-lo, ainda quando a isso pudesses chegar); assim também, não tens o direito de por brinquedo, por leviandade, tocar ou excitar aquêle órgão. Efetivamente, o plano do Criador é que até ao casamento cada um conserve, sem exceção, numa pureza sem mancha seu corpo e sua alma; e, se para fim mais elevado — por exemplo, ou um grande sábio no interêsse da sua obra científica — alguém não se casar, viva assim na pureza até à morte.

Deus não permite, pois, a união física dos sexos a não ser sob a forma legal por êle fixada, a união indissolúvel concluída para a vida, e só de modo que dela possa resultar o nascimento de filhos. Quem quer que, neste mundo, utilize êsse órgão corporal de qualquer outra maneira (seja só, seja com outros), por sensualidade e gôzo, peca gravemente contra si próprio e contra a santa vontade do Criador.

Algum jovem pode perguntar a si mesmo como é possível que a vida sexual seja uma coisa boa e santa no casamento, e, contràriamente, a mesma coisa fora do casamento seja má e seja grave pecado. Como é possível isso? — inquirem êles. Ou é sempre pecado, ou nunca o é.

Fàcilmente, porém, pode-se achar a resposta: Deus criou os órgãos sexuais, o instinto sexual e a vida sexual; logo, êsse instinto é santo, e o seu exercício não é mau (aquilo que Deus criou não pode ser mau). Mas é mau o homem que faz uso dêle *em circunstâncias em que Deus não o permite.* Ora, mais claro que o Sol é que, segundo a vontade de Deus, só no matrimônio se tem o direito de fazer uso do órgão sexual, e, mesmo no matrimônio, sòmente de maneira que tenda à procriação.

Por que dispôs Deus assim? — poder-se-ia ainda perguntar. Por quê? Poderemos responder: Deus é o Senhor absoluto; a ninguém deve dar contas das suas leis. Aquêle que construiu uma máquina é quem melhor sabe o que a esta é necessário para bem funcionar e não se estragar. Deus concebeu e criou o homem, e é quem melhor sabe como deve a humanidade viver para não perecer.

Se refletirmos um pouco, a nossa razão nos mostrará que só no casamento a vida sexual pode manifestar-se sem degradar o homem e sem o diminuir a seus próprios olhos. Só no casamento é que a vida sexual é "santa", porque só nêle é que não sofre dano algum a parte mais nobre do homem, a alma. E' só no casamento que o instinto sexual não se torna mera procura do gôzo, senão o desabrochar de novos germes humanos, o nascimento de novos filhos, cuja educação só na união indissolúvel pode ser assegurada. Sem dúvida, o estado e a sociedade não poderiam subsistir, se Deus não tivesse ligado o uso da vida sexual exclusivamente ao matrimônio indissolúvel.

Aquêle que satisfaz o seu instinto sexual fora do casamento, quer tocando o seu próprio corpo para excitar em si mesmo gozos impuros, quer tendo relações com mulher antes de se haver associado a ela como espôsa, perante o altar, para tôda a vida, é o algoz da própria honra e da própria infelicidade, tanto para si mesmo como para os outros.

6. O pecado da impureza.

E, todavia, não haverá dom de Deus de que o homem tenha abusado com mais ingratidão e maldade! Com tristeza infinita podemos dizer que a humanidade nunca, talvez, desviou tanto da sua destinação original um plano divino quanto o respeito da pureza da alma, as verdadeiras relações recíprocas do homem e da mulher.

O despertar de uma vida nova anda em tôda a parte de par com uma grande alegria: vê só na primavera, na renovação da natureza, como o rouxinol canta, como o vento cicia, como a abelha zumbe, como o regato murmura, como tudo se rejubila com a vida nova. O comércio sexual do homem e da mulher, donde deve nascer uma vida nova, o Criador uniu-o ao prazer para que o homem tome sôbre si os numerosos sacrifícios que se aliam à educação dos filhos.

O plano divino aí está diante de nós perfeitamente claro: a união do homem e da mulher *numa vida conjugal indissolúvel*, no intuito de assegurar à humanidade novos sucessores. Em compensação, o teatro, o cinema, os quadros, as fotografias, os romances, os artigos de jornais, os livros, milhares e dezenas de milhares de falsos profetas anunciam à sociedade que o homem e a mulher, mesmo antes do casamento, ainda em idade insuficientemente madura e sem fundarem mais tarde uma família, têm o direito de se proporcionar a si mesmos êsses prazeres do corpo, que, segundo o plano do Criador, *só deveriam conhecer no santuário da vida familiar.*

Meu filho, não podes passar como surdo diante dêsses engodos sedutores.

Assim que o teu corpo, na idade de treze a quatorze anos, se tornar mais forte e se desenvolver, todos os dias hás de sentir quantas manifestações da nossa vida social de hoje são poluídas por essa concepção imoral. Nas ruas, no teatro, nos livros, na sociedade dos teus camaradas, em tôda a parte encontrarás o desprêzo lastimável dos planos do Criador, e a tentação constantemente há de te aproximar do

monstruoso dragão da impureza. Livros tais cair-te-ão nas mãos, levar-te-ão a semelhantes teatros, intrometer-te-ão em semelhantes sociedades. E até — escrevo estas linhas com o coração confrangido — quantos meninos, desde a mais tenra idade, quiçá na escola primária, têm sido iniciados nessas coisas por companheiros corrompidos. Grande número cai, assim, vítima das seduções dos companheiros. Tais camaradas se aproximarão de ti para te falar com bôca impura do despertar dos gozos do corpo, da origem da vida, do nascimento da criança, — idéias essas que só alguns anos mais tarde te deveriam chegar ao conhecimento. Êsses camaradas já estão corrompidos por uma chaga hedionda da nossa época, chaga que degrada, pelo vergonhoso meio da depravação, os planos sublimes do Criador.

7. O santo mistério.

Contudo já vês, meu filho, *quanto são de lastimar êsses infortunados*. Porque, se conhecessem o santo dever, a nobre tarefa que Deus ligou a êsse instinto humano, não falariam dêle com tão disfarçada grosseria.

Julga tu mesmo, meu filho, que vulgar maneira de pensar, que degradação da alma é preciso para inventar e espalhar pilhérias soezes sôbre um dos mais santos e mais nobres privilégios de que o Criador quis revestir o homem.

"Não sabeis que sois o templo do Espírito Santo, e que êste habita em vós?" — diz a Sagrada Escritura (1 Cor 6, 19). Num templo, cada lugar é santo, e em nosso corpo também tudo é santo, pois êle vem de Deus. Mas em cada templo há uma parte que é especialmente santa: o tabernáculo, onde o próprio Senhor habita no Santíssimo Sacramento e do qual só

nos devemos aproximar inclinando a cabeça, ajoelhando-nos com profundo respeito; no corpo humano também há um lugar particularmente secreto — não é o coração, não é o cérebro — mas, sim, o órgão onde habita uma parcela da fôrça criadora do Onipotente e no qual não devemos pensar senão com profundo respeito.

Com quanto mais respeito pensares na santa fôrça criadora que acorda em ti entre os quatorze e os dezesseis anos, tanto mais claramente terás consciência de que no teu corpo, consoante a admirável vontade de Deus, estão latentes a vida, a felicidade e o futuro de tôda uma geração, tanto menos troçá-la-ás, tanto menos sorrirás dela, e dela absolutamente não falarás.

De feito, o aparecimento da vida é, em a natureza inteira, um inviolável segrêdo, santo e impressionante. Lá onde começa uma nova vida, o Deus Criador sempre lança um véu. A borboleta esconde-se num casulo quando muda de forma, e ninguém a vê. E quem já viu a semente germinar? Ninguém. Profundamente escondida no seio da terra, ela surge para uma nova vida. Quem já viu o cristal da ametista azul e do rubi vermelho formar-se no silêncio absoluto das profundezas misteriosas dos rochedos? Ninguém. O comêço, o aparecimento, a origem da vida, estão por tôda a parte misteriosamente ocultos. Em vão o sábio investiga o início da vida; quando muito, apenas percebe haver chegado ao limiar de um santuário fechado. Um passo mais, e — Deus é que se ergue diante dêle.

E eis que os teus companheiros falam dêsse sublime segrêdo com língua impura; e êsse instinto destinado a assegurar a conservação da raça humana, e que é talvez o pensamento mais santo, mais nobre do

Criador, torna-se para êles um objeto de brinquedo frívolo, de gôzo e de gracejos sórdidos!

Já sabes, porém, agora que alta missão te reserva o futuro. Sabes que um dia — se consoante os planos divinos te casares — chamarás à vida germes humanos e beijarás na fronte a bela adormecida no bosque. Sentes a imensa responsabilidade que te pesa sôbre os ombros e que reclama, *até êsse santo momento, a conservação das fôrças do teu corpo numa pureza total, não desperdiçando as energias do teu organismo.* Sabes que em todo môço e em tôda môça estão ocultas um pai e uma mãe, e aquêle que não pode viver casto *antes* do casamento, muito menos poderá permanecer fiel e honesto *durante* o casamento. A sorte de gerações inteiras depende da maneira por que puderes estar um dia com pureza total entre os obreiros do Criador.

As raízes da árvore estão ocultas na silenciosa profundidade do solo, e enviam ao tronco e à fronde a fôrça vivificadora que os desenvolve; se expusermos as raízes à luz do sol, a árvore secará. A idade viril, o desenvolvimento do instinto sexual, devem produzir-se num silêncio igualmente misterioso, numa santa reserva, sem olhares e sem pensamentos curiosos. Por isso, nunca falarás dessas coisas, por curiosidade, com os teus camaradas, pois aquilo que a sabedoria divina mantém oculto diante de nós, a curiosidade humana não deve exibi-lo à luz do dia. Considerarás o órgão da geração tão altamente nobre, que não tenhas o desejo de o profanar com teu gôzo pessoal, contràriamente aos desígnios do Criador. Efetivamente, nos teus verdes anos não sòmente constrói ou destrói a felicidade no teu próprio corpo e na tua alma, senão também para as gerações futuras. Não escutarás a sedução, ainda que ela venha sob a máscara da literatura ou da arte. Ai daqueles viajores que o fogo fátuo desvia da rota para os pântanos cenagosos! Êles desaparecem irremediàvelmente no tremedal.

O desenvolvimento dessa semente vital, que ora apenas amadurece em ti, pode orientar-se em boa ou má direção, conforme o teu procedimento e o teu modo de viver nos teus primeiros anos, de maneira que serás uma bênção ou uma maldição para tua futura família. Não te esqueças de que um bando inumerável de meninos neuropatas, doentes, cegos de nascença, idiotas, paralíticos, criminosos, loucos, maldizem os pecados da juventude, os excessos de seus pais.

A tua boa vontade presente, as tuas idéias são, vão ser, infelizmente, postas a prova pelas mil tentações da tua juventude e do mundo. Livros, gravuras, peças de teatro, fitas cinematográficas, anúncios, cartões ilustrados, fôlhas humorísticas, cantigas, comédias, mostruários de livreiros, artigos de jornais, etc., precipitar-se-ão sôbre ti aos milhares e gritar-te-ão aos ouvidos: "Não sejas santarrão", "não sejas atrasado, com a mentalidade da Idade-Média", "não sejas criança", "não esperes até o casamento", ou, então, "não sejas fiel no casamento, mas proporciona-te os gozos do corpo, os prazeres dos sentidos, tanto quanto e onde quer que seja possível". No mundo inteiro, tão transtornado, ouvirás incessantemente repetir que o amor e o gôzo são a finalidade única da vida.

E lá estás, com a cabeça atordoada, no meio dêsse barulho de feira.

Não sabes o que fazer, a que te apegares, que rota hás de seguir.

Chegas ao cruzamento dos caminhos onde vai decidir-se a tua sorte, a sorte de tôda a tua vida. E para ti se erige a questão, a importante questão que aguarda resposta urgente: *Para onde me devo dirigir?*

PARTE II

PARA ONDE IREI?

"Sêde senhor da vossa vontade, escravo da vossa consciência".

(Maria von Ebner-Eschenbach)

"Engana-se quem acredita que, em se mostrando fraco na juventude, poderá ter caráter mais firme quando chegar à idade madura".

(José Eötvos)

Conheces a história de Hércules, o célebre herói do mundo lendário grego? Era êle o ideal personificado da fôrça viril e da coragem. Seu inimigo quis fazê-lo perecer desde o berço: colocou duas serpentes ao lado dêle, mas o menino robusto esganou-as. A sua vida é cheia das mais belas façanhas. Matou a hidra de Lerna, domou o touro de Creta, venceu as Amazonas, limpou as estrebarias de Augias, roubou o pomo de ouro das Hespérides... e, não obstante, êsse herói fabuloso não escapou à prova que — é a verdade — nenhum homem pode evitar: também êle chegou um dia à encruzilhada dos caminhos onde irrevogàvelmente há que tomar uma decisão capital: *Para onde irei? que caminho hei de seguir?*

8. No cruzamento dos caminhos.

O seguinte episódio passou-se na sua juventude, quando em menino, principiava êle a se tornar adolescente. Um dia, estando sòzinho, mergulhado em seus pensamentos, duas mulheres apresentaram-se-lhe de repente. Uma pôs-se-lhe a falar assim:

"Vejo, Hércules, que tu perguntas a ti mesmo que estrada deves seguir na vida. Se me escolheres por companheira, conduzir-te-ei por uma via agradável, estrada deves seguir na vida. Se me escolheres por onde, durante tôda a tua existência, só acharás prazer. Não terás outro cuidado senão saberes o que hás de comer e beber e como hás de satisfazer os teus sentidos. Se me pertenceres, terás tôdas as alegrias, sem trabalho e sem dor..."

Então Hércules a interrompeu:

— Mulher, qual é o teu nome?

— Meus amigos chamam-me "Felicidade" — respondeu ela —, e meus inimigos dão-me o nome de "Vício".

Entrementes a outra mulher se aproximara.

"Eu não te quero enganar" — diz ela. "Afirmo-te que os deuses não concedem grandeza nem bem algum sem trabalho nem dor. Se me seguires, certamente terás que trabalhar muito. Se quiseres que tôda a Grécia te louve por causa das tuas façanhas, esforça-te por fazeres bem a tôda a Grécia. Se quiseres que teu campo dê frutos abundantes, amanha o teu campo. Se te quiseres tornar um guerreiro célebre, aprende a arte da guerra com os homens capazes. Se te quiseres tornar robusto, habitua teu corpo a obedecer à razão, a suportar o trabalho penoso e o sofrimento".

O vício interrompeu-a:

"Estás vendo, Hércules, por que caminho penoso essa mulher te quer, conduzir, e como eu te levo fàcilmente à ventura?"

"Mísera!" — exclamou a Virtude. "Que ventura podes dar? Pode haver ventura mais miserável que a tua, já que nada fazes para adquiri-la? Comes antes de ter fome, bebes antes de ter sêde. No verão, suspiras pelo gêlo e pela neve. Desejas o sono, não porque muito hajas trabalhado, mas porque nada fizeste. Impeles ao amor os teus partidários, antes que a natureza o reclame, e conspurcas a natureza pelo abuso dos dois sexos. Os teus fiéis estão habituados a fazer coisas vergonhosas durante a noite, e a dormir boa parte do dia. Pôsto que sejas imortal, os deuses excluíram-te do seu meio, e os homens de bem te desprezam. Os teus jovens amigos arruinam seus corpos, e os mais idosos perdem a alma. Na juventude, rebolcaram-se nos gozos até o enjôo, e afora, em idade avançada, arrastam-se a suspirar. Envergonham-se das ações passadas, e agora a fadiga da sua vida malbaratada pesa-lhes sôbre os ombros. Eu, ao contrário, habito com os deuses e no meio dos homens bons. Sem mim, nada de nobre se produz no mundo. Honram-me os deuses e os homens. Os artistas me amam como sua auxiliar; os pais de famílias, como guardião do seu lar. Para os que me seguem, a comida e a bebida são coisa agradável, porque só as usam quando delas precisam. O sono é-lhes mais doce que ao preguiçoso, e êles não lhe sacrificam um só dos seus deveres. Os amigos estimam-nos e a pátria os honra. E, finalmente, quando lhes é chegado o derradeiro momento, êles não descem às trevas do esquecimento, mas, ao revés, a lembrança dêles continua a viver gloriosamente nos lábios das gerações futuras.

garás a uma glória eterna!"

* * *

Eis aí como li a história de Hércules num velho escritor grego, Xenofonte, no terceiro livro da obra intitulada "De Cyri expeditione". E, agora, escrevi-a para ti, meu filho, porque um dia também chegarás certamente ao cruzamento dos caminhos, quando houveres de fazer a tua escolha e tiveres consciência desta averiguação imperecível da Sagrada Escritura: "A carne tem desejos contrários aos da alma" (Gál 5, 17).

Presta bem atenção!

9. Da infância à adolescência.

Desde os teus quatorze ou dezesseis anos — quiçá até mais cedo — sentes em ti mesmo coisas novas, extraordinárias. Teu corpo e tua alma começam a transformar-se: novas idéias, novos pensamentos, novos esforços, desejos ainda não sentidos, acordam dentro em ti. És como o suco de uvas que se põe a fermentar, para depois se converter em vinho generoso. O período de transição levanta-se para ti; o menino inconsciente torna-se o jovem que tem consciência de si mesmo.

Essa importante transformação é acompanhada de tais manifestações, que abala e põe em movimento as mais pequenas partes do teu sêr. Eu quase diria que o menino condenado a desaparecer luta dentro de ti com o jovem em via de nascer. Da mesma sorte que na primavera a fôrça vital se agita nos galhos adormecidos das árvores, e a seiva nova faz desabrochar os botões, assim também referve dentro de ti o sangue ardente da primavera da vida, que pulsa nas tuas veias e te transtorna os desejos e pensamentos.

Meio irresoluto, conturbado e indeciso, contemplas em tua alma o turbilhão de sensações novas, pareces-te quase estranho a ti mesmo em face do teu antigo eu. Como acontece às aves migratórias aos primeiros raios de Sol do outono, verdadeira febre e inquietação se apossam de ti.

Dize-me: não é assim?

10. Teu organismo desenvolve-se.

Primeiramente, teu corpo cresce, teus membros se alongam. Seguramente, tens às vêzes um porte mais ou menos cômico. Não sabes mais que fazer dos teus grandes braços — a não ser que metas as mãos nos bolsos. Como sentes que as tuas calças curtas já te não assentam bem! Não é? As férias vêem-te crescer dez centímetros, e em dois ou três anos atinges estatura de homem feito. Já não corres tão depressa quanto os pequenos, mas também não podes andar tão fàcilmente como os grandes. Teus pulmões dilatam-se, teus ossos tornam-se mais fortes e alarga-se-te o peito. Os primeiros traços viris e graves desenham-se-te no rosto de menino. Desaparece a tua bela voz de soprano. E, quando ninguém te vê, ensaias diante de um espelho se já podes torcer o bigode, que começa a pungir.

Dize-me: não é assim?

Tudo isso mostra que estás na primavera da vida. *Ora, a primavera é um tempo infinitamente precioso: decide de tôda a colheita do ano. Depois de uma primavera infeliz, o verão não tem fruto, e o outono é horroroso.*

Ora, não é só o teu exterior que muda, mas também dentro em ti se desenvolvem órgãos mais nobres.

Teu coração, teus pulmões, teu cérebro, o teu sistema nervoso, desenvolvem-se também, para se tornarem instrumento apropriado ao teu novo organismo.

Essa passagem da infância para a adolescência *é uma verdadeira tempestade, uma revolução.* Às vêzes, tens dores de cabeça, vertigens, hemorragias nasais, e o coração põe-se-te a bater de modo assustador. Não tenhas mêdo; isso vai de par com o desenvolvimento da tua natureza. Com alimentação conveniente, boas horas de sono e divertimentos adequados, poderás gozar de ótima saúde.

Presta, porém, muita atenção a que essa época da *"idade ingrata" é a mais importante de tôda a tua vida terrena.*

Mas ai! quantos há que, na sua inconsciência, estragam irremediàvelmente êsse período tão precioso da sua existência!

11. Quando abril estiver dentro de ti.

Teu estado de alma será também mui variável, caprichoso, fàcilmente egoísta, teimoso, irritadiço, não reconhecendo nenhuma autoridade, pondo-te acima de tudo, buscando honras e considerações. Essas mudanças efetuam-se conforme seja o teu temperamento. E' realmente abril que te visita: pela manhã, sorri o Sol com alacridade incomparável, e meia hora depois estás molhado até aos ossos na rua; e, quando entras em casa descontente, o Sol põe-se de novo a brilhar. Cais também sob o domínio de impressões passageiras. Ora és de um entusiasmo que te transporta até o céu, ora um sentimento de amargura e decepção te lança por terra; mas tu mesmo não sabes a razão nem o porquê. Apodera-se de ti o desejo de viajar.

Suspiras pelas aventuras, pela glória, e queres fazer grandes coisas. Não raro, alguns jovens fogem de casa.

E' nesses meses, é nesses anos que tua alma está verdadeiramente predisposta a qualquer mal. A menor corrente de ar faz-lhe dano, e tu apanhas uma inflamação. Não dos brônquios, porém, dela, da alma. Alta febre apodera-se de ti: murmuras, ficas descontente, acrimonioso. Suas muito: dizes tolices, deliras. Essa febre alta quase te impede de te expressares convenientemente; falas de modo grosseiro, dando de ombros, com arrogância. Em particular, um grave desejo apodera-se, às vêzes, da juventude: se ao menos eu já fôsse homem! Que não daria eu para ter apenas mais quatro ou cinco anos! Mas, se ainda não és homem, ao menos queres aparentá-lo. E — coisa maravilhosa! — não são as virtudes e boas ações, senão as coisas exteriores da vida das pessoas grandes que tu imitas: as roupas, o andar, o chapéu, as conversas e, como sói acontecer quase sempre, fumas e bebes como elas.

Aquêle que não compreende êsse período ri de tua ausência de tacto, e zomba de ti e da tua falta de jeito. Talvez tua própria mãe não te compreenda. Antes, eras tão obediente, e ela não sabe agora porque lhe respingas e porque és tão melindroso. Os pequenos temem-te, os grandes enfadam-se contigo, e tudo isso te azeda.

Efetivamente, és um mistério para ti mesmo, e é necessário não te menosprezar, mas, sim, ajudar-te.

Oh! como é feliz aquêle que acha nessa época um guia sábio a quem possa confiar, com tôda segurança, cada uma das suas dificuldades! Oh! como é infeliz aquêle que, com as suas dúvidas e problemas angustiosos, se volve para as explicações cruéis de companheiros corruptos!

12. Idéias novas, desejos desconhecidos.

Tu descobres e sentes outra coisa mais em ti mesmo. Na tua alma — que até então era talvez alma de criança, clara, harmoniosa, alegre, despreocupada — produzem-se mudanças não menos importantes. Invade-a perturbação estranha, como se nuvem informe se estendesse por sôbre ela. Desejos e mais desejos surgem de profundezas desconhecidas, dos quais não tinhas idéias até há pouco, e agora, que pela vez primeira os encontras, te perturbam realmente. Com ansiedade pensas nas tuas disposições tranqüilas e calmas de há um par de anos apenas, e na perturbação dêsses novos pensamentos surge em ti esta dúvida terrível: Que é isto? estarei moralmente corrompido?

Todavia, assim não é. Posso tranqüilizar-te: atualmente, ainda não tens nenhum motivo de te assustares.

Entretanto, eu gostaria de te fazer uma recomendação, a saber, que o teu futuro, tôda a tua vida moral, dependerão do modo por que houveres passado êsses anos, êsse período que se chama "idade ingrata". E' agora que o jovem deve dar conta de si à sua própria alma, única chamada a imperar sôbre êle, e que pode ser senhora dos seus baixos instintos; é agora que o jovem patenteará se há de ser cavalheiro de nobres sentimentos e de espírito elevado, ou, então mísero escravo de hábitos pecaminosos. O que escrevi nas páginas que seguem é destinado aos jovens que chegaram a êsse grau de desenvolvimento físico, a essa "idade ingrata", sem ter sofrido a menor influência nociva de fora. Ai! há tantos que foram inteirados dessas coisas por maus companheiros, quando o desenvolvimento do organismo e a ordem da natureza só agora lhes deveriam ter sido revelados ao espírito! De maneira que êles passaram por essa crise mais depressa do que se havia de esperar, e não sem dano.

Uma fôrça principia a se fazer sentir em teu espírito, que até agora não sabias se estava em ti: é o que se chama "instinto sexual".

E' maravilhoso o magnífico plano de Deus. A criancinha vem impotente ao mundo e é pouco a pouco, lentamente, que adquire as capacidades de que há mister na existência. A princípio, não tem dentes, mas êstes não lhe são necessários. Depois do primeiro ano, para comer, ela precisa de mastigar, e nasce-lhe um ou dois dentes. A pouco e pouco vêm outros dentes, à medida que forem sendo necessários. Os germes de todos os dentes já lá estavam, sem dúvida, no instante do nascimento, mas aguardavam precisamente sob a gengiva chegasse o momento em que fôssem precisos.

O instinto sexual, igualmente, dormita no jovem até aos quatorze ou quinze anos. Até então, êste nem sequer sabia que êle existisse (a menos que maus companheiros lhe tivessem excitado a curiosidade). Mas é justamente nessa idade que tal fôrça começa a despertar-se e a inquietar os jovens conscienciosos. Essa maturidade dura aproximadamente dos quatorze ou quinze anos até aos vinte e cinco, e atinge o seu máximo grau entre os quinze e dezoito.

Que nova coisa é, porém, essa que principia agora a sentir?...

Cada vez mais verificas êste fato — que sempre verificaras até então, mas que te não impressionara tanto — que a humanidade se compõe de dois sexos: o sexo masculino e o sexo feminino.

Bem o tinhas visto até àquele tempo, mas não te preocupavas muito com isso. Só te ocupavas das meninas, talvez para brincar, puxar-lhes as tranças e divertir-se muito quando elas se punham a gritar.

Mas agora já não o farias por coisa alguma do mundo. Quando brincas ou falas em companhia de

môças, algo de particular, um constrangimento que jamais experimentaras, um ardor, um prazer, apoderam-se de ti. Esforças-te por parecer diante delas mais belo, mais inteligente, fala-lhes dos teus predicados verdadeiros ou imaginários, das tuas capacidades e, longe de lhes puxar os cabelos, ofereces-lhes, ao contrário, generosamente, "os teus serviços cavalheirescos", e se, com abundância de curvaturas, podes apanhar-lhes uma luva caída no chão, nadas numa alegria sem limite.

13. O primeiro amor.

E quando estás em casa, no meio dos teus livros, — pois estás no terceiro ou no segundo ano, — certa fôrça de vontade te é necessária para aprenderes a lição de amanhã. Estudas como se deve elevar ao quadrado e como se deve extrair uma raiz quadrada, e eis que, de repente, a raiz quadrada vira uns olhos, umas orelhas, uma bôca e, — nem tu mesmo sabes como —, uma môça bonita.

Agora, tomas a gramática. Estudas a lição de prosódia do dia seguinte, e talvez fôsse bom experimentar se poderias realizar na prática as regras aprendidas. Mordes a extremidade do lápis, as frases ritmadas passam uma após outra ao papel e, numa demão, eis os teus primeiros versos, — versos de amor. O professor de prosódia julgaria quiçá, que essa "obra-prima" é uma sobrevivência da idade da pedra, pois as rimas, o ritmo, são acidentados qual veículo em estrada pediegosa; contudo, estás persuadido de que teus versos ultrapassam as poesias dos Dantes e dos Petrarcas reunidos.

E ainda é só o comêço.

Pouco e pouco, tomas consciência de que êsses pensamentos e outros semelhantes te ocupam a mente:

estás enamorado. A tua consciência delicada começa a inquietar-se, e tu mesmo não és capaz de saber o que é feito de ti. Uma seara misteriosa principia a brotar em ti, cuja semente dormia nas profundezas de tua alma, sem que dela tivesse consciência. Tal seara, que teus olhos de menino sem experiência vêem com espanto, será trigo ou será joio?

14. Êsse desenvolvimento faz parte do plano divino.

Repito, meu filho, até agora não há mal. Tudo isso é coisa natural, que sucederá a cada um mais cedo ou mais tarde. E mesmo — para falar bem claro — essas emoções e sensações sexuais *produzem-se em ti pela vontade de Deus*. Lembra-te apenas do que eu te disse no capítulo primeiro sôbre o "plano do Criador", segundo o qual a vocação da maioria dos homens é cuidar da propagação da espécie humana. Já sabes com que maravilhosa e santa sabedoria regulou Deus a continuação da humanidade. E' sua santa vontade que o amor mútuo do jovem e da jovem os reuna em santuário da vida familiar, e que, pelo fruto da união de dois corpos e do amor de duas almas, à humanidade se adicionem continuamente novas unidades para substituírem as que a morte faz desaparecer da Terra. Essas sensações novas surgem, pois, em ti conforme às leis da natureza; ora, *as leis da natureza são santas, e santas ficam sendo enquanto o homem não as polui com pecadora mão*. Nossa alma é santa quando vive consoante às leis de Deus, e também é santo nosso corpo, por isso que é a bela morada de nossa alma.

Eis aí, pois, meu filho, o plano do Criador. E' em harmonia com a sua vontade que se desperta, no jovem que cresce, o interêsse, o desejo, o amor para com as môças, entre as quais encontrarás um dia

uma companheira para a vida. O amor, que é a atração mútua de dois sexos, — a tempo e a propósito —, não é pecado, mas, ao contrário, é dos mais belos dons de Deus.

Mas o amor também é, simultâneamente, um abismo tenebroso.

15. Puro até o altar, fiel até ao túmulo.

Conformemente à santíssima e imutável vontade de Deus, não podes satisfazer êsses instintos, que começam agora a manifestar-se em ti pela primeira vez, e que em seguida se tornarão cada vez mais fortes, *a não ser no casamento,* isto é, na instituição que o Criador destinou à conservação da espécie humana. Entretanto ainda estás longe do casamento, não é verdade?

Sem embargo, é teu mais santo dever conservares êsses desejos e êsses instintos na sua pureza e integridade até o dia em que conduzires a tua intemerata noiva ao altar do Senhor. *Antes do teu casamento, jamais tens o direito de dar satisfação a êsses instintos, sob pretêxto nenhum, nem só, nem com outros.* Todo homem que não é casado comete pecado grave se, voluntária e conscientemente, se entrega a pensamentos, sentimentos, ações que se relacionem com isso que se chama "vida sexual".

Fica, pois, alerta, e não dês nunca lugar *voluntàriamente* a êsses pensamentos, olhares, palavras e ações. Se no curso do desenvolvimento do teu organismo te vierem à imaginação tais pensamentos, insta enxotá-los a todo o transe, substituindo-os por bons pensamentos; e não te esqueças de que, enquanto não prestares juramento com tua noiva perante o altar, não tens o direito de te entregares a essas sensações. Se

obrares assim, estarás no bom caminho. E' de maior importância que não olvides esta verdade.

O grande perigo, nesses anos, reside particularmente na tua imaginação. Nessa idade, todo jovem é mais ou menos sonhador. Põe cuidado em não cair na desgraça de tantos moços que, durante semanas, meses, vivem a pensar em coisas que não são as suas lições, que vivem com romances inteiros na sua imaginação e forjam para si um futuro fantástico, descurando os seus deveres e trabalhos, e ficando para trás em todos os terrenos. Atenção, pois, para que os devaneios sentimentais não te paralisem a alma.

Reitero o que já te disse: êsses desejos novos, êsses sonhos, êsses instintos, despertam em todos os adolescentes, sem exceção. Êsse instinto sexual que sentes em ti é santo, pois é uma participação misteriosa da fôrça criadora de Deus. O seu aparecimento não deve, por conseguinte, inquietar-te. Êsses sinais indicam que principias a *ficar homem* e que, consoante os desígnios de Deus, se congregam as fôrças que te preparam para o teu papel futuro de pai de família. Quanto mais tarde essa sensação se manifestar em ti, tanto melhor. Os meninos doentios e nervosos experimentam muito cedo essa crise (desde os doze ou treze anos); e os que são sadios, mais tarde (pelos dezesseis e dezessete anos). Alegra-te, pois, se ainda és "menino", pois tanto mais tranqüilamente poderás desenvolver-te. Os frutos precoces não têm valor. Tu próprio já pudeste fazer a experiência disto. Vais a um jardim: o pomar está carregado de frutos, mas ainda não estão maduros; entanto aqui e ali há alguns pomos vermelhos. Tomas um com alegria, porque é bonito; e, assim que o mordes, joga-o fora: está bichado ou eivado. Pensa no provérbio: as coisas boas precisam de tempo.

Quando o teu desenvolvimento físico chegar ao seu têrmo, é teu dever sagrado não despertar êsse instinto por leituras sensuais, conversas, olhares, pensamentos, ações; e em vista do combate que deves mover contra êle, haure fôrça na convicção de que, segundo os planos de Deus, te aguarda um dia tarefa muito santa.

16. No perigo, na tempestade.

Eis, meu filho, que o teu crescimento te traz à encruzilhada dos caminhos. O Vício e a Virtude aparecem diante de ti como diante de Hércules, e convidam-te a lhes seguir a trilha. O Vício posta-se diante de ti, encantador, e oferece-te a mancheias os prazeres sensuais.

Teus instintos, de que acima falei, querem, no curso dos anos (mormente nos teus anos de Universidade), comandar-te de modo cada vez mais tirânico.

Assim como os gritos contínuos das hienas e dos chacais sanguissedentos fazem tremer as caravanas do Saara no silêncio da noite, assim também os ataques do instinto sexual te perseguirão até o fim dos teus anos de juventude. O prazer mostra-se diante de ti sob roupagem atraente, sob o indumento do gôzo que te promete a satisfação imediata dos teus instintos sexuais. De contínuo, tentações convidar-te-ão a abandonares o caminho da pureza moral; é um como demônio furibundo que pede, promete, escarnece, excita e conduz aos prazeres sensuais.

E, nessa terrível tempestade, a custo repararás no semblante nobre da Virtude e lhe ouvirás a voz em meio às exigências dos sentidos: "Meu filho, não te fies no Vício. Conserva tua alma pura. Não peques contra a pureza de tua alma nem sequer por um só

pensamento. Conserva intactos teu corpo e tua alma segundo o mandamento de Deus, guarda-os para tua futura noiva. Crê que só assim serás um dia homem honesto, enérgico e feliz.

Mas a tempestade continua a bramir. Sobretudo entre os dezoito e os vinte e quatro anos. *E tu, meu filho, cumpre que fiques com alma intrépida, sem cambaleares no meio das vagas espumantes.* Durante anos, terás que suportar valentemente a luta contra as paixões: são anos de guerra que na realidade "contam dobrado". Dobrado, porque o teu caráter fica formado de modo definitivo. Então é que se regula o destino de tôda a tua vida. Quais grandes marteladas, ressoam estas palavras do pagão Ovídio: *"Nulla reparabilis arte laesa pudicitia est: deperit illa semel"* (Ovídio, Her. V, 103, 104). O que, em vernáculo, vem a ser: *A pureza, uma vez ferida, não pode ser restaurada: morre só uma vez.* Ai de ti, se caires uma vez! afundar-te-ás cada vez mais. Só se torna homem de caráter aquêle que, na juventude, sabe trazer ajoujadas as suas paixões. Tanto é fácil cair quanto é difícil tornar atrás. Atualmente, ainda não fazes mais que lutar — não há mal nisso. Põe cuidado em não sêres um dia obrigado a chorar os prazeres da inocência perdida de tua alma.

> "Espírito malvado, devolve-me
> A paz pura da minha alma;
> A felicidade de minha vida,
> A minha inocência, devolve-ma".
>
> (Die Ahnfrau III, 1000).

Meu filho, queres ficar firme? Já pudeste verificar que os desejos que se despertam no período do teu crescimento não têm o direito de ser satisfeitos, visto serem atualmente meros sinais precursores da obra criadora a que Deus te destinou *para o futuro?* Que-

tem; os homens chafurdam-se nos prazeres, as mulheres estão escassamente vestidas; dança-se, sorve-se de um trago o champanha, e na alma do inditoso jovem se agitam sentimentos até então desconhecidos, desejos, pensamentos, e é como se ao mesmo tempo dentro dêle desmoronasse qualquer coisa de grande. Que era que caía? Quem o sabe? Uma fortaleza, todo um mundo nêle se desmoronou.

Dize lá: e se nós o experimentássemos também? — Diz-lhe agora ao ouvido o vizinho, um jovem grande de olhos inflamados.

"Sim!" clama alguma coisa nêle. "Não!" clama logo outra vez dentro dêle. Mais um "sim", mais um "não". Porém êle nada responde. Só faz olhar, olhar, de olhos fixos na tela, a cena excitante. O rosto torna-se-lhe rubicundo, o sangue ferve-lhe nas veias, mas quando, finalmente, êle sai para a rua, e o ar fresco lhe bate no rosto, uma tristeza sem nome de chôfre lhe invade a alma: "Acabo de cometer um pecado mortal".

Entrou êle em casa. Quis estudar a lição do dia seguinte. Em vão. A mente não aprendia nada, a alma estava-lhe conturbada. "Vou ter com o meu confessor". E êle só torna a achar tranqüilidade, quando as meigas palavras de seu pai espiritual lhe acalmam a alma inquieta: "De agora em diante seja mais prudente, meu filho".

— "Prometo-o, não o farei mais".

Desgraçadamente, um par de meses mais tarde, êle foi ao teatro. O título era inofensivo: "O despertar da primavera". Quem poderia suspeitar que nessa peça jovens e donzelas fôssem ostentar em cena coisas vergonhosas? Se êles fizessem aquilo na rua, a polícia imediatamente os prenderia. E representava-se aquilo

por dinheiro. Êle já não é senhor de si. Os olhos quase lhe saem das órbitas, tanto êle olha para a cena. O coração bate-lhe fortíssimo. Voltando a casa, pensamentos impuros lhe atravessam a mente. Só quando quer deitar-se e principia a sua oração da noite, como de costume, é que êle é tomado de inquietação: "Cometi mais um pecado". Tôda a noite, não pode dormir. A alma lhe chora amargamente. "Amanhã irei confessar-me". Adormece, enfim, com essa resolução.

Mas, quando acorda, já não quer ir. E até procura tranqüilizar-se. "Afinal, já estou no segundo ano. E' bom que o saiba. Já não sou menino. Em particular, só me interesso por tudo aquilo sob o aspecto científico".

Algumas semanas mais tarde, um camarada do "primeiro" chama-o à parte durante dez minutos ao corredor e mete-lhe nas mãos uma pequena brochura: "Toma, é o "suco"; cheio de fotografias artísticas". Na calma da noite a consciência lhe fala ainda de quando em vez, porém a voz dela é já cada vez mais fraca, o seu protesto é cada vez mais impotente, até que, um dia, ela se cala inteiramente. E' a tranqüilidade na alma do jovem... A tranqüilidade mortal do túmulo...

Mas era justamente o que êle desejava; queria que ninguém lhe embargasse o caminho; queria viver sua vida.

E o jovem "vivia sua vida"...

17. Na ladeira.

Êle já ouviu, leu, viu e fêz tanto! Pouco a pouco ficou um môço "em dia". Nos primeiros meses, contentou-se com poesias amorosas, que compôs com perseverança incansável. A princípio, rimou apenas nos momentos livres, sôbre um novo "Sol" que se tornara

a sua "pálida Lua"; mas, daí a pouco, apenas sonhou com "Ela"; e, mesmo acordado, ainda sonha com "Ela". Quando deveria estudar, dá tratos à bola para achar rimas, ou então pensa no passeio da noite, na avenida, onde as môças ficarão doidas com o seu terno da última moda e com a sua gravata de gôsto.

De fato, o nosso estudante está contìnuamente na avenida. Tôda a tarde, êle é visto na sua postura de elegante (assim êle o crê), com o seu requinte de vestuário, com a sua atitude de "gentleman". Ao lado dêle, o príncipe de Gales é quase um rústico... Quando o professor passa perto dêle, não pode imaginar donde provém aquela nuvem perfumosa que invade a rua. Como, aliás, poderia êle advinhar que seu aluno, que na aula jamais pode responder, tenha virado aquêle sonhador ao luar, aquêle peralvilho enamorado e suspirante? — "Como sou distinto!" — diz êle de si para si. E não considera em que uma árvore pobre também faz figura na escuridão. "Vou fazer conquistas" — pensa o jovem. "Polichinelo!" — repete sempre entre si. "Que bela máscara!" — dizem as pessoas gradas. Que sorte o não se ter ainda achado um instrumento para se poder ler na alma humana! Ai! Sabeis o que se veria então aí? Oh! "Bela cabeça, mas não tem miolo".

18. Com os companheiros.

Assim é que êle perambula pelas ruas com camaradas que se parecem com êle, e a sua "conversa edificante" segue seu curso. Ai da jovem que o acaso traz perto do pequeno bando! Já de longe a penetram êles com seus olhares indiscretos e ávidos; quando ela lhes passa ao lado, em voz alta lhe dizem uma graçola e riem-se da sua linguagem espirituosa.

Entrementes, um dêles conta que o belchior tem leituras apetitosas: O grupo entra e pede àvidamente os livros "do gênero". "O sr. pode vender-nos os livros, porque já não somos crianças". Com o dinheiro que surripiaram da bôlsa da mãe, pagam aquelas sordícias, e em seguida vão para uma taberna mais afastada. Ali estão tranqüilos, pois os professôres lá não vão. "Garção, duas garrafas de cerveja!"

Puxam cigarros que tiraram das carteiras dos pais, e põem-se a ler as brochuras obscenas que acabaram de comprar. Depois, tocando os copos, encetam uma conversa "distinta", esmaltada de anedotas licenciosas. Os porcos, refocilando-se no lodaçal, raramente fazem saltar tanta lama quanta êsses jovens revolvem durante meia hora com a língua. E depois de esvaziarem o alforge de pilhérias de sentido ambíguo, e gastarem em bebida todo dinheiro surripiado, entram enfim em casa, às vêzes cambaleando.

Eis aí uma cena freqüente entre os galopins. Outros jovens caem noutro caminho; alguns há que caem por si mesmos no pecado que a princípio encaravam como brinquedo inocente. A maioria, porém, envereda pelo caminho do vício por fôrça dos conselhos e seduções de camaradas já corrompidos.

19. A crise.

À noite, não vem o sono fechar os olhos ao nosso pobre jovem. O que o inquieta agora não é a sua composição do dia seguinte, que nem sequer ainda está esboçada. Finalmente, com uma mentirola a coisa será logo explicada. Mas a conversa da tarde, o que êle ouviu dizer aos camaradas sôbre os prazeres que pode cada qual despertar em si mesmo, isso é o que lhe abrasa a imaginação e lhe espanta o sono.

O seu cérebro é atravessado por pensamentos cuja evocação lhe faria horror uns dois anos antes. O coração começa a bater-lhe fortemente, o sangue lhe ferve e entra em ebulição. Quisera êle saber se o gôzo é realmente tão grande, quando o homem se serve do seu órgão genésico. — "Estou só, ninguém me vê". Arde nêle o desejo de experimentar a coisa. E comete no seu próprio corpo uma ação vergonhosa, que êle bem sabe ser *um pecado contra Deus, contra sua própria honra e contra a dignidade humana.* Mas quem é que se inquieta com o pecado, quando o instinto exerce o seu império, o instinto que, durante tôda aquela tarde, foi inflamado pelas conversas, pelas leituras e pelas cantigas?...

20. A ruína do templo.

Acaba de ser cometido o primeiro pecado solitário. O infeliz jovem a si próprio se atirou na lama, — a si próprio se maculou. Todo o "gôzo" durou cêrca de meio minuto. A primeira brecha foi aberta na muralha.

Naquele jovem começa a destemperar a fôrça, o ardor para o trabalho e o entusiasmo. Um grande grito solta imediatamente a consciência adormecida. Ei-la desperta. Mal se consumou o ato, dirige ela amargas exprobrações ao jovem.

Num instante êle recorda, como relâmpago, sua alma até então pura; e agora, após a primeira queda, a sua imaginação espantada fá-lo enxergar os belos sonhos aniquilados.

Assim é que deve Napoleão ter contemplado, de braços cruzados, Moscou em chamas, na planície russa, coberta de neve. Assim foi que chorou Jeremias, o profeta, sôbre as ruínas do Templo e da capital judaica. E num entêrro choramos sôbre um corpo, em razão

de o haver deixado a alma que Deus abandonou! *Ah! se ao menos êsse jovem derramasse lágrimas, de sangue, sôbre a ruína do templo de sua alma! Porque mil igrejas não valem nada em comparação com o templo vivo de Deus, que é uma alma pura de adolescente.* Era nisso que pensava S. Paulo quando escrevia aos coríntios: "Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá. Porque o templo de Deus é santo, e é isso mesmo que vós sois" (1 Cor 3, 16-17).

Mas essas reflexões não duram mais que alguns dias. Logo se encontra o jovem, de novo, na sua antiga companhia. Sabe de novos acontecimentos. Ouve novas coisas, ri-se de novas pilhérias; ao cabo de uma semana recai no tal pecado, e a semana seguinte ainda, e em seguida cada vez mais freqüentemente. A sua consciência defende-se ainda um pouco, qual tição que vai apagar-se ou como caça apanhada na armadilha; mas, em seguida, ela se esgota e se cala: — "Tu não me escutas, então para que te hei de falar?"

Pobre, pobre môço! A imensa energia dos teus jovens anos, a fôrça da tua vontade, aí estão aniquiladas no pó. Enquanto bebes o mel em copo cheio, não percebes que veneno bebes no fundo dêsse copo. Ah! se aos quinze anos visses as lágrimas amargas que as conseqüências malditas do pecado te farão derramar aos vinte! se aos quinze anos antevisses a pesada lava que vai queimar, depois do pecado, o teu coração, até agora fresco e rubro! Ah! se aos quinze anos previsses a que aviltamento um par de anos mais tarde o pecado terá reduzido a tua alma pura como a neve! Ah! se pudesses considerar no que hás de dizer um dia: "Que desgraça para mim!"

"Foi pena para o meu coração estuante de vida,
foi-se calor e brilho para longe;
foi pena para os meus olhos que eram puros e *brilhantes*,
e refletiam o sorriso de Deus!
Foi pena para o meu sangue, que circula mais lentamente.
Onde está a sua frescura e a chama juvenil?
Foi pena para mim, que pena! que pena! Tudo o que eu fui,
minha juventude cara, como está morta agora!"

(Radványi).

Quando, no jôgo do xadrez, cometes uma falta, retiras a tua pedra, dizendo: "Não vale"; porém os *erros morais não podem nunca ser considerados como não sucedidos.*

"Detém-se em nossa memória o nosso saber e os nossos atos só não nos esquecemos da hora em que pecamos".

(João Valda).

21. Juventude andrajosa.

Em seguida, o caráter! Bravura, grandeza de ânimo, amor da pátria, respeito aos pais, nobre altivez, cortesia, heroísmo e tôdas as demais belezas da alma humana cedem lugar a uma indiferença glacial na alma de tal adolescente. Pode-se ver alguma coisa de mais triste do que uma árvore nova — que deveria estar em plena floração — sem brotos, sem folhagem, com o tronco tristemente curvado, com os galhos arrastando no chão? O mesmo se dá com o adolescente que perdeu a sua inocência sob o vendaval das paixões desencadeadas. A árvore mais robusta perderá as fôlhas, e os galhos lhe secarão, se lhe fizermos uma ferida no tronco e a seiva sair por ela. O pecado secreto produz as mesmas devastações naquele que se lhe tornou escravo.

A pureza da alma é semelhante ao orvalho matinal, que brilha como gemas nas pétalas das flôres e nas fôlhas virentes. E' uma simples gôta de água que fulgura tão maravilhosamente; mas, se um dia alguém, por descuido, tocar na ramagem florida, não haverá oceano que a possa substituir.

Já ouviste falar, meu filho, daquela mulher singularmente bela da antiguidade, Pândora, que dera ao marido como dote uma explêndida caixa de ouro? Um dia, êle abriu a caixa de ouro, e a miséria, a dor, a doença, espalharam-se por tôda a Terra. Meu filho, os gozos carnais proibidos são semelhante a cofre de ouro — exteriormente. Ai, porém, dos jovens que abrem estouvadamente a caixa de Pândora!

Acreditas, talvez, que — embora à custa da paz de sua alma — êsse jovem seja mesmo feliz? Absolutamente, não. Do contrário, êle não volveria a novos prazeres. Seu corpo, que êle já várias vêzes poluiu com gozos proibidos, torna-se de uma exigência insuportável. Nunca está satisfeito ainda que se lhe concada gôzo sôbre gôzo, mesmo que se lhe sacrifique inteimente a alma. Sim, quando uma vida é de gôzo, a alma torna-se, por assim dizer, carnal: egoísta, insensível, impiedosa. A alma fica sombria, abatida, vazia; e ao mesmo tempo no seu corpo as fôrças demoníacas desencadeadas se assanham, se perseguem umas as outras. Que profunda decadência para o homem feito à imagem de Deus, dotado de razão e de vontade livre.

Aquêle que, sem prestar atenção, tomou uma gôta do veneno dos gozos interditos, torna-se como o rato que comeu uma isca envenenada: fogo espantoso arde-lhe por dentro, corre para um lado e para o outro em busca de água; bebe, engole tudo o que acha no caminho; mas — ai! o fogo não se apaga enquanto o veneno lhe não haja tirado a vida. E' um fogo seme-

res proteger o jardim florido de tua alma contra as devastações da geada? Queres-te manter firme qual um rochedo, e não correr atrás de um clarão enganador? Queres acorrentar os baixos instintos da tua natureza à nobre razão humana, quando arde nas tuas veias o fogo devorador das paixões? *Meu filho, meu caro filho, queres ficar puro durante a tua juventude?*

Há uns, há muitos que não prestam atenção, que avançam, sem tomar cuidado, pela lampa da imoralidade. Mas, ai daquele que trilha por essa ladeira! Ai daquele cuja alma em flor é colhida pela geada de uma noite hibernal!

PARTE III

NO DECLIVE

Integritas morum juvenem facit esse decorum.

A pureza dos costumes é a fonte de beleza do jovem.

Um dia, achar-te-ás na encruzilhada dos caminhos. Presta atenção, meu filho, não tomes a senda atraente. Aquêle que resvala na ladeira dificilmente pode parar. Encara sòmente a sorte dêsse inditoso jovem que enveredou pela estrada escorregadia da leviandade dos costumes.

Nêle, como em todo o homem, despertaram um dia os novos instintos e os novos desejos de que tratamos no capítulo precedente. Também nêle se despertou uma curiosidade indefinível relativa ao mistério da origem da vida, o desejo de satisfazer os seus instintos nascentes, mais e mais quer êle entrar em relações com aquêles que lhe poderiam contar muita coisa a êsse respeito.

Lê apenas o caso de um jovem estudante:

Tinha êle talvez quatorze ou quinze anos, quando foi um dia ao cinema. Exibiam ali um estúpido drama de amor: num cabaré, homens e mulheres se diver-

lhante a êsse, devorador, que o jovem ateia em si próprio pelos atos culposos. "O gôzo diverte, mas o fim dêle é maléfico". O prazer, o gôzo, é o divertimento precípuo da mocidade, mas o seu fim é a ruína e a miséria.

22. No caminho da perdição.

Quando o efebo chegou até aí, quer conhecer ainda mais a fundo o mistério da natureza humana. Agora, já êle quisera saber tudo o que concerne à vida sexual, à origem da vida humana. Êle, o "aluno das classes superiores", já está bastante maduro para esquadrinhar o mundo inteiro, para esquadrinhar as coisas que a santa vontade do Criador ocultou nas profundezas do santuário familiar. Quer, desde já antes do casamento, saber e praticar essas coisas. Os seus camaradas já estão iniciados. Com alegria levam o inditoso môço aos antros do pecado, a essas chafurdas onde mulheres decaídas o iniciam nos segredos que êle quer conhecer. E, muitas vêzes êle não precisa de camaradas. Porque em certas ruas da capital um jovem não pode circular à noite, e mesmo durante o dia, sem que o mais miserável rebotalho da humanidade, as maiafonas sórdidas, lhe sorriam e o atraiam para o tremendo abismo...

O espetáculo das ruínas é em tôda a parte deprimente. E' triste ver os escombros a que a rajada dos combates reduziu uma imponente igreja. Mil vêzes mais triste é, porém, ver que êsse ato de vandalismo se produz no templo de uma alma onde refulgia, ainda há pouco, o altar de mármore branco do amor de Deus, e onde ardia a santa chama do entusiasmo pelo ideal.

Mas agora já não há segredos para êle. Agora, êle já ouviu tudo, viu tudo, degustou tudo, experimentou tudo. E é êle feliz agora? Ou não o é?

Por que essa fúnebre tristeza nos seus olhos? Que sombra lúgubre é essa que lhe sombreia os traços? Por que é que os seus olhares evitam os olhares das pessoas honestas? Por que são os seus estudos cada vez mais negligenciados? Por onde lhe vagabundeia o espírito durante a aula? Que serpente aperta com suas espirais essa alma para sufocá-la? Por que se sente êle como estranho no meio dos seus condiscípulos cândidos? Por que já não acha prazer nos seus divertimentos? Acaso não sabe êle "tudo?"

Sim, sabe "tudo", e por isso mesmo é que não é feliz. Porque a felicidade que êle procurou à custa da sua inocência, do seu caráter, da sua honra, procurou-a em vão. *Procurou-a onde ela não está.* Quando aproximamos ao ouvido um búzio marinho, ouvimos o esplêndido marulho das ondas do mar, sua antiga pátria; assim também, nas horas de solidão dêsse mancebo ressoam os nobres esforços, desejos, sofrimento de uma alma torturada. Quando, de rosto em fogo e com o coração a bater bem forte, procurava êle àvidamente a borboleta multicor de uma felicidade imaginária, a borboleta evolava-se para mais longe, e não restava mais nas mãos do infortunado jovem senão o pó cinzento de uma asa de borboleta ordinária.

Mas a borboleta levou consigo o repouso, o futuro, a felicidade da alma do rapaz. E que ficou no lugar do ditoso paraíso anterior? Um vácuo enorme, um vazio sem esperança, sem alegria, sem fulgor, glacial e negro... Com um roçar de fantasma, grasnam corvos nessa alma de mancebo, onde deveria ecoar o canto melodioso do rouxinol.

Carlos IV, rei da Hungria, quando jazia no leito de morte, na ilha da Madeira, fêz esta oração por seus sete filhos: "Senhor, tirai-lhes a vida, antes que êles vos ofendam por um pecado mortal".

Branca de Castela, rainha da França, dizia um dia a seu filho, o futuro São Luís: "Meu filho, amo-te mais que a mim mesma. És o meu único refrigério na Terra; és a esperança do reino, e no entanto — eu preferiria ver-te morto a saber que cometestes um pecado mortal".

Antes o túmulo do que em estado de pecado mortal. Ah! como seriam amargas as lágrimas dos pais ansiosos, como ficaria dilacerado o coração de uma amorosa mãe sob o pêso da dor, como seria a alma de um bom pai estrangulada por acerba dor, se êles vissem o pecado do filho, se conhecessem a queda de seu desventurado filho!

E tu, filho cruel, por que não poupas êsse sofrimento da alma a teus pais, que tanto trabalharam por ti?

Leônidas, um dos primeiros mártires cristãos, beijava com veneração o peito do seu filho adormecido, Orígenes, porque sabia que naquele coração puro habitava o Eterno. E tu, infeliz, tu arrastas na lama tua alma outrora branca qual a neve e olente como um canteiro de flôres na primavera o mais belo templo de Deus!

Contudo, ainda é só princípio da ladeira. Ainda não estamos no fundo do abismo.

23. A lei da gravidade.

Há uma lei de física, segundo a qual um corpo que cai não se precipita para a Terra com velocidade igual, mas é *com velocidade acelerada* de segundo em segundo que êle cai no fundo a que o atrai uma fôrça misteriosa.

A lei da gravidade não existe só para a natureza material, mas também para a vida da alma. No fundo de cada alma estão ocultas espantosas fôrças demoníacas que, quando, para nossa desgraça, se tornam senhoras, arrastam a alma, com fôrça cada vez mais irresistível para as profundezas do pecado. Uma só leviandade, *a primeira queda* — e a lei da gravidade começa a realizar-se.

Por tôda a parte onde o pecado da impureza passa com os seus terríveis companheiros, seca-lhes o solo sob os pés, as cabeças que até então se mantinham bem eretas se inclinam, os dorsos altaneiros se abatem, as rosas da face empalidecem, o caráter se debilita. Não há mais senão uma folhagem sêca, onde deveriam estar flôres, sorridentes; não há mais senão pó, onde elas deveriam desabrochar no frescor.

Meu filho, cães famélicos, chacais sanguissedentos, estão ocultos no fundo da natureza humana decaída. Não dês de comer a êsses chacais — êles têm sêde de sangue, do teu sangue quente e fresco. Não tires a corrente a êsses cães uivadores, por que êles te morderiam e enodoariam a pureza de tua alma.

"Qualquer pecado que o homem comete", escreve S. Paulo, "é pecado fora do corpo; mas aquêle que se entrega à impureza peca contra seu próprio corpo" (1 Cor 6, 18).

24. Nos lagos Mazurianos.

Quando foi a grande guerra, o exército russo sofreu terrível derrota nos lagos pantanosos da Mazúria. O general alemão Hindenburgo, que conhecia como a palma das suas mãos as menores partes daquela região pantanosa, fêz metòdicamente recuar as tropas russas para os lagos. Mal a frente russa vacilou e co-

meçou a deslocar-se, os alemães lançaram-se contra os russos com impetuosidade inaudita. Os russos não tiveram tempo de refletir, e precipitaram a sua marcha. Diante dêles, os atoleiros intransponíveis; por detrás, os alemães implacáveis.

Mas a perseguição não durou muito tempo.

O exército perseguidor parou de repente.

Como se o exército alemão tivesse criado raiz, tôda a tropa estacou ante o espetáculo pavoroso que se ostentava à sua frente. Os russos, que tinham perdido a tramontana fugindo, precipitaram-se naquele solo verdejante, que parecia terra firme; mas, por baixo da erva, ocultava-se um pantanal sem fundo, e as tropas alemãs lançadas em sua perseguição, cheias de espanto, viram os russos desaparecerem em morte tremenda; afundaram-se-lhes os pés, as pernas, os corpos. Depois, surgiram as mãos; semblantes descompostos pelo terror... uivos assombrosos... gritos de socorro que horrorizavam... Nem uma só alma que pudesse ajudá-los! E o abismo, arrastando-os para o fundo, os tragou a todos.

Pensa, meu filho, no que há de ser de um jovem que põe o pé na lutulência da impureza e vai afundar-se nas profundezas do abismo.

PARTE IV

NO FUNDO DO ABISMO

"Nem sequer se ouça dizer que haja entre vós fornicação, impureza de qualquer sorte... Nada de palavras desonestas, nem chocarrices, nem gracejos grosseiros, coisas essas tôdas que são impróprias" (Ef 5, 3-4).

"A parte dos impudicos é no tanque ardente de fogo e de enxôfre" (Apc 10, 8).

Não há adolescente a cujos ouvidos não ressoem, mais cedo ou mais tarde, os cantos sedutores ou as palavras exigentes dos desejos sensuais. A sua sã razão, a sua alma honesta, o seu coração puro, o seu idealismo, tudo isso o protege, o defende contra a queda; a sua consciência — qual sino de alarma — não cessa de clamar-lhe: "Não faças isso, não o faças!" E, no entanto, eis que se faz ouvir diante dêle o canto de sereia dos sentidos, cativante, feiticeiro, encantador, e os desejos sensuais cegam a pobre alma que luta com a alegria momentânea dos gozos que se oferecem. O que sucede após êsse instante em que te engolfaste, o que perdeste, o que te aguarda, o que te arruína o sistema nervoso, macula-se e enfraquece-te o caráter. De tudo isso não entendes nada, tudo isso te está

oculto. Do mesmo teor que, no cinema, nossos olhos se prendem ao filme que passa na tela e, naquele instante, nada mais vemos ao redor de nós, assim também o desejo dos gozos sensuais cega o mancebo, e êle não pensa mais em nada, não cuida mais de nada, segue cegamente os seus instintos.

Desce a ladeira...

Ai, porém, daquele que desce a ladeira!

25. O carvalho partido.

Não há no mundo prazer, gôzo *mais efêmero* do que o dos frutos da impureza; mas também não os há mais caros, pois o homem os paga ao preço de seu corpo e de sua alma. Sem o menor exagêro, quero descrever diante de ti, com tôda a verdade, a triste sorte de um môço impuro. Talvez êsse quadro te pareça incrível. Pensarás que êle é exagerado; que um só pecado, um pecado de impureza, não pode ter tão pesadas conseqüências, que miséria tão incomensurável não pode resultar de um só pecado! Meu filho, o que escrevo aqui não é sequer um quadro completo da ruína imensa, da ruína física e moral que a impudicícia acarreta muitas vêzes sôbre tôda uma vida humana, mesmo sôbre a vida de gerações inteiras, por amor de alguns instantes de prazeres sensuais.

Não pretendo demonstrar que o pecado solitário acarrete a ruína do organismo físico; porém é certo que, seja qual fôr a idade do escravo dêsse pecado, o sistema nervoso é abalado, e quanto mais novo êle é, quanto mais fortemente cai sob o jugo do pecado, tanto mais ràpidamente lhe é arruinada a fôrça física.

Em todo o caso, a ruina da alma é absolutamente inevitável. Mesmo no rapaz de organismo físico o mais robusto, a alma sofre indizìvelmente sob o efeito do pecado. Meu filho, não te deixes iludir pela aparência robusta de tal pecador. O rosto dêle pode ser róseo, a sua fôrça não parecer diminuída, mas o vigor da sua mente certamente é minorado, a sua memória é enfraquecida, as suas faculdades intelectuais são reduzidas. O espírito geme sob êsse montão de ruínas, e a alma, chamada a reinar, definha sob o jugo miserável das paixões. Êsse pecado é enganador e pérfido. Com um sorriso astuto, êle te promete céus e terra — enquanto o não cometes: e despoja-te da mais santa jóia de tua alma, deixando-te nas torturas do desespêro — quando te rebaixas a lhe ser escravo.

E o mais triste de tudo é que êsse pecado é dificílimo de curar. Aquêle que o comete durante algum tempo, vê a própria alma tornar-se tão insensível a tôda influência moral, que as palavras súplices de um pai amoroso ou as exortações cheias de autoridade de um sacerdote não produzem o mínimo efeito. A vontade do môço lascivo está aniquilada. Desde pela manhã, perde êle precioso tempo até se decidir a sair da cama. Quando se põe ao trabalho, reflete longamente se quer começar. Bocejando, folheia ora um livro, ora outro, mas não estuda; é incapaz de tomar a sério uma resolução. Às vêzes, suspira com franqueza: "Ah! se eu não fôsse assim!" Êle bem quisera não ser assim, mas não faz nada para isso. E' como um soldado em gravura: brande sempre a espada para ferir, mas nunca fere. Outras vêzes, após algum acontecimento maior na sua alma, êle se comove sùbitamente: "Agora vou emendar-me. Doravante tudo vai mudar". E certo é que nada muda; sobe o foguete, e depois a escuridão é maior. *Êsse môço não pode salvar-se, porque êle próprio já não quer ser salvo.*

26. "Uma vez só?"

No capítulo precedente, viste o adolescente trilha do primeiro pecado. Pode ser que só a curiosidade o tenha impelido pela primeira vez a êsse declive, a essa ilusão desoladora: "Farei isso uma vez, uma vez só, para fazer experiência". Êle não sabe que o *primeiro* pecado é o mais difícil; o seguinte ocorre mais fàcilmente, e afinal o carro desce irresistivelmente a ladeira.

Todavia, não creias que, se as tentações forem violentíssimas e te assediarem quase vitoriosamente, seja preciso consentir nelas, para que te deixem tranqüilo. Há moços que acreditam libertar-se da tentação, cometendo o pecado. Que funesta ilusão! O primeiro pecado de impureza enche-lhes a imaginação de imagens obscenas, que lhes penetram na memória com tanta fôrça, e tão depressa provocam novamente o pecado, que já se não pode cogitar de trabalhar agora. Só agora o inditoso menino compreende que antes do pecado estavam acorrentados os chacais famintos que surgiam dentro dêle, e o primeiro pecado os soltou, açulando-lhes as exigências atrevidas. Os leõezinhos não são perigosos enquanto não vêem sangue; mas, se um dia provarem carne fresca, tornam-se feras carniceiras e sanguissedentas.

"Uma vez só, para saberes!" — diz a tentação antes do pecado. Mas, se lhe obedeceres, ela acrescenta: "Agora que começaste, pouco importa fazeres quantas vêzes o quiseres".

Sê, portanto, forte desde o primeiro instante, porque se engana quem acredita que, se mostrou ser covarde na juventude, pode tornar-se na idade viril um caráter de têmpera.

O remédio chega tarde demais, se já estás na escravidão de um longo hábito.

Quem é que pode dizer quando começa o outono? Primeiramente, algumas fôlhas caem das árvores, depois os galhos são desnudados, e eis que de repente um vento de inverno assobia através do arvoredo. E' assim que avançamos no pecado, quase sem reparar, indo de um pequeno a um capital. Ai daquele que não liga importância ao pecado solitário ou às relações sexuais, e quer fazer "uma vez só" aquilo que só no casamento é permitido! Ai — quantos jovens de alma partida têm prometido, chorando, que viam o destino a que iam e que de então por diante queriam concentrar tôdas as suas fôrças e não mais cometer êsse pecado! A promessa dêles era sincera; porém, uma vez deixados a si próprios e surgida novamente a tentação, a vontade dêles era tão fraca, que recaíam, por assim dizer, sem resistência, sem remédio.

27. O primeiro passo em falso.

Por que foi que o desgraçado jovem chegou até aí? Porque não foi bastante forte *no primeiro momento*.

Não sabia que a vida do homem é como o jôgo do xadrez, onde todo o passo em falso se vinga mais cedo ou mais tarde. Pouco a pouco as suas conversas obscenas, suas leituras fesceninas e ações torpes se tornam cada vez mais freqüentes, quase um hábito cotidiano. Êle não pensa mais sèriamente em libertar-se dêste, sua alma já não está inquieta, e mesmo — confessemo-lo — se êle o quisesse realmente, ser-lhe-ia precisa uma fôrça hercúlea de vontade para poder sacudir *a escravidão dos sentidos, que sôbre êle exerce uma verdadeira tirania*. O hábito converte-se num tirano tão cruel, que, quando, por ordem do médico, o jovem quisesse libertar-se do pecado solitário, teria, de alguma sorte, que atar as mãos, pois a fôrça do costume o

levaria quase inconscientemente ao pecado. Quanto mais êle cede ao vício, tanto mais êste se torna exigente, a repetição freqüente vira hábito, e o hábito uma necessidade. O pecado entrou nêle uma vez, por acaso, durante a noite, como um viajor; em seguida, tornou-se um visitante; e agora é o dono da casa. A lenda grega diz que Anteu, quando lutava com Hércules, encontrava novas fôrças cada vez que seu pé tocava a Terra. A paixão pecaminosa torna-se também tanto mais forte contra nós, quanto mais freqüentemente nossa alma toca o lôdo e a lama. E o inditoso môço, ainda quando quisesse desvencilhar-se dêsse fardo terrível, debater-se-ia impotente sob o pêso dessa maldição.

Consoante a mitologia grega, Prometeu roubou o fogo do Olimpo, e em punição dos deuses o prenderam num rochedo do Cáucaso. Todos os dias uma águia vinha devorar-lhe o fígado. No dia seguinte, porém, o fígado havia crescido novamente, e a águia voltava... E' a imagem tremenda do jovem que ateou em si mesmo o fogo da concupiscência: seus atos o acorrentam ao rochedo da vida de pecado, e o "gôzo" pecaminoso dilacera-lhe cada dia a pobre alma. Quanto mais freqüentemente executa êle o ato, tanto mais irresistivelmente ruge nêle a paixão, querendo mais e mais. Êsse adolescente é como um tonel sem fundo: por mais água que se lhe despeje, nunca poderá encher-se. O pecado, torna-se realmente uma necessidade vital, como a nicotina, o álcool, o ópio, se convertem em necessidades para aquêle que dêles usa.

Terrível situação: o pecado, necessidade vital!

Os exploradores da África do Sul falam de uma curiosa espécie de serpentes que, sòmente pelo olhar, fascinam os pássaros. Essa serpente olha simplesmente a sua vítima, e o desventurado pássaro salta algum tempo de galho em galho, mas em vão; não pode re-

sistir, tem incessantemente que olhar para os olhos da serpente, algo o atrai, o hipnotiza; os olhos mágicos da serpente captaram-lhe a vontade, e êle tem que se aproximar do réptil, cada vez mais até que, em bote rápido, êste se lance e trague a sua prêsa.

Eis aí a imagem frisante da alma que se debate, uma vez caída, nas garras da impureza.

Contudo, o infeliz talvez só tenha começado por leviandade ou por ignorância. Em muitos jovens, não era a princípio um pecado voluntário. Pondo-se a cavalo numa estaca, ou trepando a uma árvore, êle sentiu pela primeira vez um prazer sensual, e julgou que era apenas um brinquedo agradável. E quando soube que era pecado contra a natureza, já era demasiado tarde; já não podia libertar-se daquele triste hábito contraído havia anos. Outro aprendeu talvez ainda bem pequeno, com um camarada já viciado, como podia proporcionar-se êsse "gôzo". Imediatamente, sem dúvida, sentiu que não era um ato bom o que o seu camarada lhe ensinou, e sim um pecado, pois êle nunca o faria à vista de seu pai ou de sua mãe. A própria natureza ensinou-lhe que era um pecado, e que se fazia mister dissimulá-lo. E êle preferiria cortar as mãos a deixar sua mãe, seus irmãos e irmãs verem o mau hábito que contraiu.

Já ouviste falar de plantas insetívoras? O inseto, sem desconfiança, vem pousar sôbre as fôlhas peludas, onde fica imediatamente prêso, e a fôlha fecha-se àvidamente. Quando alguns dias depois ela se torna a abrir, do desgraçado inseto não restam mais que tristes destroços; a planta sugou-lhe tôda a fôrça, tôda a vida...

Assim também o pecado da impureza suga a fôrça da alma de um adolescente, que, sem desconfiança, se lhe mete nas garras...

Por isso é que, no caráter e no procedimento, mesmo não raro na saúde física, lhe aparecem mudanças tão visíveis, que lhe é impossível — embora o queira — ocultá-las aos outros. Porquanto a águia já não pode voar tão bem desde que manchou as asas na lama.

28. Descensus Averni.

Por suas ações impuras, o jovem diminuiu irremediàvelmente as suas fôrças físicas e intelectuais. Fôrças que, nos anos da juventude, êle deveria empregar para assegurar a felicidade do seu futuro. Seus mestres, seus camaradas, seus parentes, vêem nêle essa grande mudança. Como num ano ou dois aquêle jovem tão vivo, tão vigoroso, tão inteligente, mudou, em seu desproveito! Vêem-no e admiram-se.

Admiram-se de que êle, que até então era um môço bom, quiçá excelente aluno, decline lenta e continuamente. Êle, que estava dantes entre os primeiros, agora nas classes superiores, já não leva boas notas para casa. Sem dúvida, mantém-se tranqüilo na aula, mas quem lhe olhar bem nos olhos, verá que o seu pensamento revoluteia ao longe. Durante a lição, os olhos estão perdidos no vago. Êle arma planos de divertimentos para a tarde. Se é interrogado, cora sùbitamente e se sobressalta. Vê-se que êle tem de reconduzir de longe as suas idéias. O menor trabalho intelectual fá-lo suar.

Em seguida, torna-se mais tíbio nas relações com seus bons camaradas. Respinga-lhes aos gracejos mais nocentes. Tem só um ou dois confidentes, que são os que se lhe assemelham. Mas com êstes, em cada recreio e no caminho da escola para casa, arma planos em grande mistério. Se por acaso, um "que não sabe

da coisa" se lhes intromete no grupo, êles lhe fazem tão má cara, que êle os deixa ràpidamente.

Em qualquer coisa que diga o professor, já não acha interêsse. Ainda quando o quisesse, já não poderia refletir bastante tempo no assunto. O diretor, que desde anos o conhece e lhe quer, averigua, com espanto, que freqüentemente se deixa apanhar em flagrante delito de mentira aquêle aluno, dantes tão franco. Ai! aquêle cuja alma está esmagada por um grande pecado já não se preocupa com os pequenos. O olhar já não se lhe turva, o rosto já não lhe cora, quando êle mente. Êle próprio sente quanto é suja a sua vida íntima; e por isso é que mente, que mente sem cessar, para que diante das pessoas possa ao menos guardar as aparências de uma vida honesta. Mente constantemente aos camaradas e mestres, assim como aos pais em casa. Efetivamente, a franqueza é filha da pureza da alma, e a mentira é irmã da impureza.

Mas, com a franqueza, desaparecem ao mesmo tempo as outras virtudes da juventude: a prestabilidade, a candura, a gratidão, o apêgo, o entusiasmo pelo belo e pelo bem. De feito, *a pedra de toque da firmeza moral é justamente a pureza de vida.* Sem ela, a alma caminha para a sua perda. Que vale uma maçã vermelha, se um bicho lhe rói o interior? Que vale um ataúde dourado, mas cheio de podridão? O caráter do jovem se torna bestial, a sua fineza, de antes desaparece como o perfume da rosa cujas pétalas foram arrancadas por dedos grosseiros.

Êle vegeta sem freio nem vontade.

Perto de Roma, estendiam-se vastos brejos até não há muito tempo. As suas emanações envenenavam o ar de tôda a região, prejudicando a saúde dos habitantes. Aquêles homens de tez amarelada e de olhar

melancólico trabalhavam com indiferença por cima daquelas águas lutulentas; e quando um estrangeiro lhes perguntava amigàvelmente: Como vai? — em tôda a Itália responderiam: Vive-se — mas naquela triste região respondiam: Morre-se!

Morre-se! morre-se! poderiam dizer de si próprios muitos jovens.

E é natural. Os carvalhos não medram debaixo dos túneis, como as rosas não desabrocham em socavãos escuros. Quando muito, aparecem aí algumas plantas rasteiras, que definham no meio de insetos horrendos. "Aquêle cuja alma está cativa" — escreve o conde Estêvão Széchenyi num capítulo do seu "Diário" — "não vê florescer em si as virtudes morais, e cada um dos seus passos deixa a marca de um prazer insípido". Por isso é que o semblante, que no menino era risonho, agora se entristece. Daí rugas precoces daquela fronte juvenil. Ah! que tristeza é ver começar a empalidecer o esplendoroso arco-íris!

Além disso o menino já não liga tanta importância ao dinheiro e à economia. Para comprar revistas levianas, para ir ao teatro (ou ao cinema, sobretudo quando o cartaz reza: "Proibido para menores de dezoito anos"), é preciso dinheiro, e a mãe se queixa sem cessar de que hoje em dia os criados são ladrões.

Tais jovens naturalmente já não podem achar prazer no estudo e nos trabalhos sérios. São incapazes de receber novas impressões intelectuais, não se esforçam em estudar sèriamente, em fazer figura nas aulas. A sua sensibilidade se embota, se enfraquece, e em breve dá lugar à dureza. Êles estão bem perto do desespêro. Não conhecem mais a alegria que proporciona o trabalho. Quebrantada está a sua atividade; já não podem concentrar as idéias num escopo, e não progridem em nenhuma carreira. A sua imaginação está

exclusivamente ocupada com representações obscenas. Já não têm interêsse por outra coisa. Está paralisada a sua energia. A sua vontade não passa de um fantoche. Tornam-se mancebos covardes, mentirosos, hipócritas, sonsos, sem caráter. Por onde quer que passem, não deixam de incomodar. Nas paredes, nos livros, nas privadas, nos banheiros, nas carteiras, em tôda a parte, deixam êles desenhos obscenos. São de insuportável nervosismo, e o seu cérebro é atravessado por idéias insensatas.

Oh! como são verdadeiros os versos de Petöfi:

"Na minha cabeça existe a noite, a noite das noites
E noite cheia de visões:
Surgem-me no cérebro pensamentos tenebrosos.
Que uns aos outros se entredevoram.
O sangue me ferve no coração,
Como na fogueira da bruxa
Ferve a perigosa mistela.
A minha imaginação, fúlgida
Qual meteoro corre pelo mundo,
Levando consigo
A minha companheira — a desesperança,
A minha vizinha — a loucura!"

Não pode ser doutro modo. Dizei a um fogo ardente que não queime. Impossível deixar de o fazer. Dizei a um mar impetuoso que fique liso como um espelho. Também não é possível. *O ladrão toma aos outros; mas o impudico rouba a si próprio:* rouba os seus tesouros mais preciosos, despoja-se da fôrça de sua alma. *"Descensus Averni"*... Está no caminho do inferno...

29. Os alunos "em dia".

Mas, quando o caráter está inteiramente arruinado e as boas qualidades desaparecem uma após outras, chega a "dissolução" moral completa e a própria incredulidade.

Se a coisa não fôsse tão grave e tão funesta, a gente teria vontade de rir em ouvindo garotos zombarem e falarem, com meneios de ombros, da moral, da religião, de Deus, ou então das coisas *até as quais os melhores e mais eminentes representantes da humanidade sempre se inclinaram com maior respeito.* Entre os alunos das escolas superiores já não suscita admiração o proclamar algum dêles que o professor não o "engana" mais, que êle está "em dia", que "aprendeu muita coisa", que não há Céu, nem condenação, nem Deus, nem alma imortal.

Que podem ser, pois, "essas coisas" que aprendeu êsse rapazelho feito incrédulo, e que não são conhecidas dos representantes mais ilustres das ciências naturais e das demais ciências? Os mais insignes padrões intelectuais da humanidade também estudaram e aprenderam alguma coisa, não é verdade?

Lembro-me do epitáfio que o célebre *Franklin* compôs para si mesmo. A tradução diminuiu-lhe um pouco a magnificência, mas nestas poucas linhas se acha um pensamento sublime:

"Aqui jaz, pasto dos vermes,
O corpo de Benjamim Franklin,
Como a capa de um livro
Cujas páginas se arrancaram.
Mas êsse livro (êle o espera)
Não se perderá eternamente;
Após revisto e corrigido,
Em edição nova e mais bela,
Revirá um dia a lume.

Aquêle que espera com firmeza, após a sua morte, uma vida nova, mais bela, não é incrédulo, não é exato?

E, por acaso, não saberá tanto quanto os teus condiscípulos do 2º ano um Kepler, um Newton, um Bayle, um Linné, um Herscel, um Leverrier, um Fresnel, um Frauenhofer, um Foucault, um Faraday, um Lavoisier, um Liebig, um Pascal, um Ampère, um Galvani, um Volta, um Pasteur, cujos nomes ilustres encontraste no curso dos teus estudos secundários? Como é, então, que êsses homens, todos sábios de renome universal, eram crentes, de fé robusta, e alguns até fervorosos católicos, ao passo que teu camarada teria sido levado à incredulidade pela ciência?

Como é que Pasteur, por exemplo — para só citar um — proclamou um dia: "Foi justamente porque estudei muito, que tenho a fé de um camponês bretão, e se mais tivesse estudado, teria a fé da camponesa bretã!"

Como discorre o poeta sôbre o sábio?

"Olhe a espiga: levanta-se orgulhosamente ao céu,
Enquanto vazia; mas, quando madura, abaixa a cabeça à [terra.
O menino da escola gaba-se do seu fruto imaturo,
Quando os grandes sábios se humilham".

Não, não foi a ciência que levou teu camarada à incredulidade, não é verdade? Que ciência pode lá haver numa cabeça de quinze anos?

Mas eu bem sei que há grandes sábios que se declararam incrédulos. Não o nego; há-os com efeito. Mas sou curioso de uma coisa. Sou curioso do dia do juízo, que tirará o véu aos nossos pensamentos mais ocultos. Como ficaremos estupefatos ao reconhecer tantos escravos do pecado, que, durante a vida, sustentavam que não podiam fazer concordar os "resultados da

ciência" com os ensinamentos da fé, e que só por esta razão se haviam tornado descrentes! Não, meu filho, a própria ciência nunca é perigosa, — só os que a ensinam é que o podem ser. *A ciência séria* leva sempre a Deus; mas o *coração corrompido a afasta* dêle.

"Primeiro vem a tibieza, depois a dúvida.
Em seguida a contradição, após o ódio e o sarcasmo:
Os dúbios pensamentos conduzem ao diabo.
Os pensamentos sinceros conduzem a Deus".

Essa verdade está implícita nestas palavras da Sagrada Escritura: "O homem natural não percebe as coisas do espírito de Deus" (1 Cor 2, 14).

30. Por que é que "não há Deus?"

Foi a corrupção do coração que levou teu camarada à incredulidade. Foi essa contradição contínua que tu achas entre a fé e tua própria vida; foi o remorso perpétuo que tu sentes na alma; foi a angústia incessante dêste raciocínio: "Se há um Deus, se êle me pedir um dia conta dos meus atos, dos meus pensamentos, ai de mim! Como seria bom que não houvesse Deus... Talvez não haja... Sim, não há, não... Não há Deus".

Posso dizer com tôda a certeza que, se as leis morais graves e austeras emanassem não da religião, porém da álgebra ou da física, ninguém no mundo seria descrente; mas, pelo contrário haveria alguns que duvidariam dos princípios da álgebra e da física em nome do "progresso".

Que a *incredulidade* seja a resultante da *decadência moral* é uma averiguação provada pelo fato de a descrença andar de parelha com os anos da juventude com a idade das paixões e desaparecer com estas últimas. A criança não é descrente; sente-se mesmo tão

feliz com Deus! O velho quase não é descrente a religião e a fé são-lhe a última esperança. Mas entre a infância e a velhice está a época procelosa das paixões à qual convém perfeitamente esta afirmação de *Pascal:* "O coração tem razões que a razão não conhece". Sim o coração corrompido pode ser incrédulo mas a razão esclarecida nunca o é. Ninguém fica ateu mas *só aquêle que tem razões para que não haja Deus.*

O jovem que, na idade do seu desenvolvimento físico, sabe conservar a pureza de sua alma, permanece isento de dúvidas contra a fé. Mas, em compensação, aquêle que leva uma vida impura não tem gôsto pela oração, acha incômodas as práticas religiosas, depois a religião no seu conjunto, e finalmente perde a fé. *Infalìvelmente tem de perder a fé.* A ruína moral que se produz dentro dêle, a sua vida depravada, êle se esforça por justificá-las com o auxílio de máximas filosóficas, de livros, de sofismas, de teorias científicas; busca nos livros, *como conseqüência,* uma justificação teórica do seu ateísmo, ateísmo que, em face do Deus santo que pede a cada um de nós a santidade, êle já pratica há muito tempo com a sua vida de pecado.

A vida pura não é só uma conseqüência, mas também uma condição da fé. Para que a razão não se torne pagã, é necessário que o coração já o não seja antes. "Conservai vossa alma em estado de desejar a existência de Deus, e não lhe duvidareis da existência" (Rousseau).

Já ouviste o que dizem da avestruz? Quando ela é perseguida, esconde a cabeça na areia, e, como não vê o seu inimigo, crê que êste não existe. Não sei se êsses jovens "descrentes" escondem a cabeça diante de Deus: não vêem a Deus, não querem vê-lo; mas isso não quer dizer que de fato não há Deus. Quantos jovens não se *propelem* realmente à descrença, ùnicamen-

lutamente em nada dêste mundo? Por que ficas tantas vêzes sentado diante dos teus livros, com os olhos perdidos no vácuo? Não te enxameiam dúvidas no coração? Passas na fronte pálida a mão cansada e trêmula: querias levar "vida alegre"; e por que estás agora tão triste? Que vácuo é êsse aberto em tua alma? por que essa cabeça tristemente pendida, êsse desânimo, essa tristeza mortal? Que soluço é êsse, que chega a partir o coração, e que se parece com o piar agônico de uma ave? Sim, dessa querida avezinha que se chama "vida pura", e que, enquanto não fôra expulsa do ninho bem quente de tua alma, espalhava com seu suave gorjeio a alegria na tua vida. Bem vês, em certos momentos, que "no teu passado não houve alegria, nem esperança haverá no teu futuro". Por que assim é? Porque com uma das mãos a impureza dá um gôzo efêmero, mas com a outra nos rouba uma coisa mil vêzes mais preciosa.

E que é da tua energia? da tua atividade que te insinuava aos ouvidos: "Sê livre"? Pois bem: eis-te livre, alforriado das leis do Criador, porém escravo das tuas paixões. Vês como teus camaradas sabem rir alegremente? Se pudesses, ao menos uma vez, ser franco para contigo mesmo! Se reconhecesses com franqueza que, *buscando a alegria em caminhos interditos, em vez da alegria bebeste, na tua cegueira, todo o fel dos infernos!*

"E' falsa a alegria da vida: enquanto esperamos, ela promete um Céu; e quando lhe começamos a ver a beleza, súbito desaparece" (C. Kisfaludy).

32. A árvore roída pelos vermes.

Êste é tão sòmente o primeiro castigo do pecado da impureza: a ruína da alma, *que fere todo o pecador, sem exceção.* Êsse castigo tremendo, a "moléstia da

falta de caráter", nenhum pecador a evita. Mas pode suceder que outro castigo fira o pecador: a punição física. "O salário do pecado é a morte" (Rom 6, 23); a morte da alma, sempre; a do corpo, também, às vêzes. Há jovens cuja constituição forte lhes defende a saúde contra o pecado; outros há que, ao cabo de anos, padecem no corpo as conseqüências dêle.

Já ouviste a lenda de Atlântida, o continente tragado pelas ondas? Dizem que, estando a água clara, se pode ver, no fundo do oceano, os vestígios daquele vasto continente. Tôrres, cúpulas, habitações esquisitas, assustam o navegante que lhes passa por cima, e o coração lhe freme, em vendo imersa no abismo a misteriosa beleza de um mundo devorado pelas ondas. Em quantas vidas juvenis não é uma realidade terrível essa triste e pavorosa lenda? Quantos jovens, de esperança despedaçada, choram a beleza da sua alma funestamente perdida, submersa no abismo do pecado!

Já te disse, meu filho, que o pecado da impureza é um verdadeiro atentado contra os planos do Criador, pois lhe desconcerta os planos. Aquêle que comete êsse pecado afronta as leis da natureza. *E isso não se faz impunemente.* Não é possível transgredir, sem punição, as leis da natureza.

Isso nos é freqüentemente atestado pelas conseqüências físicas que resultam, pelo comum, de uma vida de impureza. Todo pecado vulnera a nossa dignidade de homem assim como *pode também arruinar-nos a saúde física.* Eis aí um pecado que acha *o seu castigo neste mundo e êsse castigo é pavoroso.* A justiça humana não alcança êsse pecado, mas a natureza é mais severa que os juízes terrenos. Foi por causa dêle que o dilúvio destruiu os homens; foi em razão dêle que os habitantes de Sodoma foram devorados pelo fogo; e por amor dêle é que enorme multidão de jo-

vens, hoje em dia, são punidos com pena mais terrível que a da água e do fogo: a decadência física, desde a puerícia.

O poeta *Ady Endre* dá-nos um exemplo de como a vida desregrada costuma levar o indivíduo à completa desorganização. Desde a sua mais tenra idade, era digno de compaixão, devido ao desenfreamento das suas paixões. Estas lhe combaliram o organismo de tal sorte, que na sua juventude lhe saiu dos lábios esta queixa horrível: "Extinguiu-se a minha fôrça; imenso desgôsto e desespêro se apoderaram de minha alma; sou um tronco doente, ressequido e podre".

* * *

"Antigamente meus dois braços fortes e musculosos às vêzes se moviam na ânsia do desejo, e, estendendo-se depois como duas serpentes estranguladas, caíam-me cruzados no peito".

* * *

"Beleza, pureza, justiça, eis palavras ridicularizadas por mim!

Oxalá morresse eu quando as escarnecia!

Oh, quanto são necessárias para mim!

Creio em Cristo, em Cristo espero... Estou doente, mui doente!"

Meu filho, se sentires alguma vez que a tentação é demasiado violenta, se te parece que as considerações morais ficam impotentes ante a tempestade furiosa das paixões, peço-te lembres o que eu quisera ver escrito em letras de fogo na tua memória: *A natureza vinga-se cruelmente daquele que por uma vida impura, põe em perigo a pureza da raça humana.* A vida impura pode debilitar a saúde física, arruiná-la e, às vêzes, conduzir o menino a um fim miserável, levando-o ao túmulo em plena adolescência, roubando-lhe a vida nos mais verdes anos.

33. O Castigo físico.

Aquêle que rebaixa os desígnios de Deus à categoria de regras dos gozos físicos, paga-o caríssimo. Estás agora cheio de confiança nas tuas fôrças. Agora bebes cegamente a taça dos prazeres, e não pensas que em breve, — talvez dentro de alguns meses — chegarás ao fundo, à bôrra amarga e nauseante. E isso não te incomoda? Acreditas que podes fazer sem compensação grandes despesas? Breve olharás com espanto a conta que a natureza te apresentar. Porque é fato cientìficamente certo que os que se casam muito moços e satisfazem, assim, os seus instintos licitamente, morrem de ordinário muito cedo, assim como seus filhos. O organismo precisa, efetivamente, para o seu completo desenvolvimento, da seiva que o jovem gastou no casamento prematuro.

Quanto mais delicado e desenvolvido é um organismo, tanto mais tempo necessita a natureza para construí-lo; o corpo humano, êsse organismo maravilhosamente delicado precisa de mais de vinte anos para o seu perfeito desenvolvimento. Durante mais de vinte anos a natureza trabalha dia e noite, em silêncio, nessa obra-prima; e o mais importante é que o órgão destinado a perpetuar a espécie humana *se possa desenvolver sem perturbação, tranqüilamente.*

Se um jovem cortasse cada semana um pedacinho dos pulmões, que lhe sucederia dentro em um ano ou dois? Pensa, pois, meu filho, no efeito desastroso produzido no organismo, quando um jovem excita o órgão que deveria desenvolver-se na maior calma e num

te para não serem obrigados a mudar de vida? Por que é que o pecador não gosta de pensar em Deus? E' porque sente que contraiu grandes dívidas para com Deus, e evita cuidadosamente falar ao seu Criador.

Contràriamente, o jovem de alma pura como o lírio manifesta fé ardente, porque repousa sôbre o peito do Senhor Jesus. Um grande conhecedor da humanidade, La Bruyère, escreveu (*Caracteres*, 16): "Eu quisera ver um homem sóbrio, moderado, casto, equitativo pronunciar que não há Deus; falaria pelo menos sem interêsse: mas êsse homem não se acha".

Para quantos jovens se tem renovado literalmente aquilo que o célebre escritor Francisco Coppée escreveu, após a sua conversão, no prefácio do seu livro *Dor Bendita:* "Fui educado cristãmente e, depois da primeira comunhão, cumpri os meus deveres religiosos durante vários anos, com ingênuo fervor. Foi, digo-o francamente, a crise da adolescência e a vergonha de certas confissões que me fizeram renunciar aos meus hábitos de piedade. Muitos homens que estão neste caso conviriam, se fôssem sinceros, em que o que os afastou primeiro da religião foi a regra severa que ela impõe a todos, em relação aos sentidos, e que só mais tarde, foi que êles pediram à razão e à ciência argumentos metafísicos que lhes permitissem não mais se incomodar".

"Bem-aventurados os que têm o coração puro, porque verão Deus" — disse Nosso Senhor. E os que têm o coração corrompido? Só verão do mundo os gozos sensuais, a podridão, as espurcícias, as libertinagens, as lutas interiores.

"Senhores", — dizia o ilustre escritor Chateaubriand numa sociedade cultíssima — "ponde a mão no coração e dizei-me por vossa honra: não teríeis a coragem de crer se tivésseis a coragem de viver castos?"

"Quais os que insanamente negam tudo?
São os que estragam a juventude,
Os náufragos da alma e do coração,
Os desviados do cérebro, os moralmente corrompidos
Todos êles são apenas reflexos das suas almas.
Proclamam que justiça é capricho exclusivamente;
Suspeitam de tudo e tudo negam,
Porque está manchado o espelho das suas almas.
São almas para as quais a vida é uma dança,
E como javardos, chafurdam na lama,
Esforçam-se por crer que o pecado
E a virtude, o belo e o feio são a mesma coisa.
Para o cego nato, o raio puro do sol e a escuridão
Da noite mentem da mesma forma.
Jamais querem acreditar nas coisas verdadeiramente belas.
Por que na esfera do seu coração tôdas elas são feias".

Cada vez que ouço falar de um jovem descrente, do seu "juízo esclarecido", sou obrigado a me lembrar desta palavra de S. Agostinho: *"Nemo incredulus, nisi impurus"*. Aos moços descrentes posso dar, com tôda a tranqüilidade, êste conselho de Pascal: "Se quiserdes ficar convencidos das verdades eternas, não multipliqueis as provas, mas extirpai as vossas paixões". *Rompei com o pecado, e logo tereis uma fé robusta.*

31. Será alegria? Será felicidade?

E agora és feliz, meu pobre amigo? Pagaste-a bem caro, mas adquiriste a felicidade. Dize-me, é certo? Dize-me a verdade; és feliz?

E respondes: "Sou. Quando menos, vi alguma coisa da vida".

Devagar, meu filho, devagar. Não; não o creio. Tu te enganas a ti mesmo. Não és franco para contigo mesmo. Porquanto, se és feliz, por que é que, em certas horas, te invade a alma um aborrecimento inexprimível? não podes achar prazer em nada, abso-

repouso absoluto, e quando, na idade de quatorze a dezesseis anos, êle disperdiça as fôrças que a natureza reunia nêle para os vinte e quatro ou vinte e cinco anos, após o casamento. Pensa em que a seiva desperdiçada numa vida pecaminosa era necessária para a alimentação dos nervos e da medula espinal; pensa em que a excitação violenta, inflamada pelo pecado no organismo, e o estado convulsivo em que se acham os nervos depois do pecado exercem uma influência prejudicial em todo o sistema nervoso; e então compreendes porque é que se vêem tantas vêzes, hoje-em-dia, jovens de tez pálida, de faces encovadas, de olhos vidrados, de olhares furtivos, de mãos trêmulas, de dorso curvado, moços cujo olhar perdeu o brilho e o frescor, sinal exterior da alma cândida, efebos em cujo semblante a custo achamos um traço viril, pois nêles desaparece o rubor que caracteriza a juventude; enfim, rapazes cujos músculos estão paralisados, incessantemente fatigados, e cujo sistema nervoso se acha inteiramente arruinado, a caminho da idiotia e da loucura.

Em si mesmos êles trazem a marca pública da sua impureza secreta. "E' justiça na Terra que o espírito se manifeste no semblante" — disse Goethe, e jamais houve palavras mais verdadeiras do que essas, a propósito das fôrças destrutivas do ato impuro.

Nada leva tanto à tuberculose como êsse pecado. Qual sanguessuga insaciável, êle tira do coração o bom humor, arranca do rosto as rosas da mocidade, extingue a chama e o brilho nos olhos.

Efetivamente, a perda de matéria, de seiva lançada fora pelo pecador, *causa no organismo um enfraquecimento equivalente à perda de sangue vinte vêzes mais.* Essa matéria é realmente a própria fôrça vital, que — segundo a ciência médica — é absolutamente necessária para o desenvolvimento interno e externo do organismo, para o funcionamento dos músculos, para a fôrça dos ossos, para o fulgor dos olhos, para a acuidade e faculdade de conceber da razão. Eis porque os moços pecadores ficam pouco a pouco para trás em tudo: tal qual o maquinista que modera a marcha da locomotiva, atirando o carvão à beira da estrada, e não à caldeira. *O castigo do vício é o próprio vício.*

De acôrdo com as últimas averiguações médicas, o estado da alma pode influir no do corpo. Um novo método terapêutico, a psicoterapia, tenta precisamente sôbre essa base a cura do organismo. E' agora evidente que o mau humor constante dêsses inditosos moços lhes reage sôbre o sistema nervoso.

A tensão contínua dos nervos e o desperdício da fôrça vital durante anos não podem deixar de ter nefastas conseqüências. Durante algum tempo, o organismo trata de substituir a matéria perdida, mas paulatinamente essa substituição já não se faz senão à custa do organismo. Com efeito, nenhuma função do nosso organismo reage tanto sôbre o sistema nervoso como a dos órgãos sexuais.

34. Que é o hormônio.

O organismo humano está cheio de glândulas de secreção, *externas* ou *internas*. São glândulas externas de secreção, por exemplo, as glândulas das lágrimas, da saliva e do suor, porque a secreção dessas vai sair do organismo. A secreção das glândulas internas (hormônio) fica no organismo, e faz o trabalho místico e grandioso do desenvolvimento e conservação do organismo.

Há glândulas internas de secreção que funcionam desde a mais tenra idade, por exemplo, a glândula

thimus, cujo hormônio ajuda no desenvolvimento e crescimento da formação do osso. Essa glândula, terminado o desenvolvimento corporal, enfraquece-se. Também existem glândulas internas de secreção, como as glândulas sexuais, as quais só começam a produzir hormônios quando o adolescente chega aos 12 ou 13 anos, e vai paulatinamente aumentando a produção. O funcionamento das glândulas sexuais faz retroceder o *thimus*, que, durante o desenvolvimento, vai a pouco e pouco esmorecendo.

Para o desenvolvimento dos hormônios, é preciso que entre as várias glândulas internas de secreção não haja perturbações por atividade humana viciosa, porque isso poderá ocasionar deploráveis conseqüências. Quando as glândulas sexuais funcionam muito cedo, causam sérias perturbações nos hormônios, visto que impedem o desenvolvimento das glândulas do *thimus*. Estas não só provocam a função dos ossos dos membros (o crescimento do corpo) mas geralmente aumentam o desenvolvimento de tôdas as células do organismo, e principalmente ajudam a produção do cálcio para fortificar os ossos.

No môço que vive uma vida pura, as glândulas sexuais começam a funcionar só com o desenvolvimento vagaroso, que dura anos e anos, e então os hormônios, produzidos também vagarosamente, passo a passo fazem acabar a função do *thimus*. Eis aí o caminho normal e saudável para o desenvolvimento do corpo. Mas no organismo do môço que vive uma vida impura, viciosa, a provocação aumentada e forçada faz que a glândula do *thimus* se enfraqueça depressa, antes do tempo normal, e a perturbação do equilíbrio pode dar resultados os mais perigosos para todo o organismo. O nosso corpo é um sistema de fôrças: se, em qualquer atividade, gastamos mais energia, não poderemos tomá-la emprestado de fora, mas é preciso tirá-la do próprio organismo. A grande tensão dos nervos que acompanha a irritação viciosa do órgão sexual faz horríveis danos de várias espécies, porquanto enfraquece a memória, estraga a percepção e diminui a vitalidade.

A irritação sexual constante abala o organismo do jovem e debilita a resistência, indo perturbar o funcionamento do aparelho digestivo, da respiração e da circulação do sangue. Pouco a pouco o viciado vai ficando pálido, anêmico, predisposto para a tuberculose, doença terrível, que tem devastado a humanidade. Os onanistas encurtam a própria vida, e os poucos anos de sua existência são uma série de males e misérias, pois a natureza mesma, envergonhada, se volta contra o seu organismo. Que dolorosa tristeza é ver-se o arco-íris ir perdendo as suas côres!

Vejo tudo isso nos olhos de um môço viciado. Meu Deus! Êsses olhos fundos, sem brilho, ainda que sejam os olhos de uma criança! As linhas do seu rosto são deformadas, e o seu sorriso é frio e inexpressivo. Uma criança viciada, que já tem na fisionomia os vincos da velhice! "Uma criança ainda pequena, e já um grande pecador!" — brada S. Agostinho. Meu pobre filho! Nunca pensaras tu que, quando, pela primeira vez, deste a alma ao diabo, êste, com inclemente pontualidade, te viria cobrar todos os dias o tributo que lhe deves? Sim, o teu sangue, a tua fôrça, os teus nervos, os teus olhos e a tua própria alma deves entregar-lhos como tributo. Que é o que vejo?! Que é que vem de cair no papel em que escrevo?! Uma triste pétala de flor despregou-se de um vaso que tenho sôbre a escrivaninha, e por momentos fico parado a contemplá-la. Por que se desprendeu e caiu a pequenina pétala? — Foi porque murchou, perdeu as côres

e o perfume, e já não embelece a flor de que fazia parte. Pobre florzinha! E tu, meu filho, pobre pétala humana, tu, que principias a fenecer antes que a flor abrisse, vais atirar-te fora da vida, porque já não tens viço, nem frescor, nem beleza!

Olha, meu filho, pesa as tuas ações assisadamente. Em uma das conchas da balança põe o prazer sensual momentâneo, e coloca na outra concha tôdas as conseqüências dêsse prazer: a tranqüilidade perdida, os anos diminuídos, as esperanças frustradas, o caráter abalado... Vê bem para que lado pende a concha da balança; vê se vale a pena dar tanta coisa inestimável por tão vil preço. Vê mais ainda: vê o castigo terrível que te espera, lançado o teu corpo no lamaçal pútrido, e perdida tua alma para sempre!

35. Podridão viva.

A coabitação com mulheres perdidas acarreta moléstias extremamente graves. Meu filho, ao descrevê-las, a pena me treme na mão, porém é necessário falar-te da tragédia final de tantas vidas em flor, coisa de que talvez ainda não tenhas ouvido tratar. Sou forçado a fazer menção delas, para que vejas aonde pode conduzir um só ato impudente, para que não sejas — como milhares já — obrigado a maldizer o instante em que fôste procurar um gôzo pecaminoso no antro do vício, no seio das marafonas depravadas.

Sabes, meu filho, que pelas relações sexuais com tais mulheres *podes contrair — e uma só ocasião basta — moléstia que durante anos exercerá suas devastações no teu corpo, moléstia incurável, que te envenenará para sempre o sangue, — se um dia fundares um lar passará como herança amaldiçoada a tua espôsa, a teus filhos, a teus netos, a tôda a tua descendência.* Êstes a contrairão, e maldirão a tua memória, pois

nesta herança.

E sabes, meu filho, como se espalha êsse mal por entre os homens? Aquêle que peca com uma dessas meretrizes está, segundo as averiguações médicas, quase certo de contrair uma ou outra variedade das moléstias venéreas. Sabes que a sociedade honesta dos nossos dias, terrificada, procura meios de se proteger contra o contágio, e já cogitou de fazer examinar por especialistas os habitantes do país e *marcar* os que são acometidos de tal moléstia, *para proteger os homens honestos e lhes dar êste aviso: fugi dos que estão marcados com êste sinal!* Há três espécies de moléstias venéreas. E sabes que uma dessas moléstias, a sífilis, faz mais vítimas entre os homens do que a peste, a cólera e a febre-amarela *juntas?* Entretanto, com que pavor não pensamos na peste e na cólera, não é verdade?

Aquêle que contrai a sífilis, mesmo se consegue curar-se, abrevia a vida pelo menos dez anos, segundo as estatísticas das companhias de seguros de vida.

A sífilis — chegada à terceira fase — cobre o corpo de úlceras, dá febre, faz dor nos ossos, irrita os músculos, provoca atrozes enxaquecas, causa moléstia da pele, das pálpebras, das mucosas, dos intestinos; o doente sente-se cansado, deseja dormir e, todavia, é torturado pela insônia.

As doenças mais diversas brincam verdadeiramente contigo, não tens mais a menor fôrça de resistência. Se o mal continua progredir, o céu da bôca é perfurado por úlceras, não raro o osso nasal apodrece, e o rosto do doente assemelha-se a um espectro horrendo. Até os ossos se lhe amolecem.

O mal piora, quando o coração enfraquece e as artérias são tomadas; e a moléstia chega à aorta, esta

não pode resistir à pressão do sangue, estumece até finalmente se romper. E o pobre doente busca socorro em todos os lados, pois quer sarar. Parece, muitas vêzes, que está completamente livre do seu mal. O médico também o crê. E, de repente, — vários anos depois, quando êle talvez já nem pense na sua doença de outrora, ela irrompe de novo com violência incrível, porque os bacilos que se acham no organismo retomaram vida nova. Consumação geral, loucura, paralisia, cegueira, chegam em seguida. E' impossível falar de cura certa e completa dêsse horrível mal. E o homem que, na juventude, tem talvez as mais belas esperanças, perece miseràvelmente, como refugo da humanidade e de sua família.

Não quero falar dos sofrimentos atrozes que acompanham a consunção geral nem do progresso alucinante que faz diàriamente a paralisia, até sobrevir finalmente a loucura. Ah! se ao menos cada adolescente visse essa terrível tragédia antes de querer pela primeira vez "proporcionar-se êsse gôzo"! *Um gôzo de alguns instantes em troca da consunção geral e da loucura*... Verdadeiramente, não é bom negócio.

E não creias que exagero e te quero apenas amedrontar. Não digas que, se essa moléstia produzisse tão perniciosos efeitos, mais amiúde se teria notícia de que tal ou tal pessoa morreu. Pois é mui natural que aquêle que sofre dêsse mal o oculte a tôda gente. Mas essa moléstia leva freqüentemente as suas vítimas *sob nome bem diverso;* só os médicos são testemunhas da terrível tragédia que se desenrola entre os homens; só êles podem dizer quantas tuberculoses, afecções do fígado, arteriosclerose, doenças do cérebro e dos ossos têm tido realmente a sífilis por causa.

"No meio de uma vida abençoada, com 45 anos de idade, depois de uma doença dolorosa, morreu calmamente no Senhor. A família, de dor imensa, já não pode chorar. No entêrro, as associações diversas se despediram do homem de grande autoridade, que tão cedo caiu no sepulcro, sendo o coveiro a "espiroqueta pálida", que os moços de incontinência acumulam em si mesmos. Êles pensam que isso não existe, porque não o podem ver. Mas, como os moços se desenvolvem em saúde, as bactérias se desenvolvem também. Durante 15 anos as bactérias ficam completamente desenvolvidas, e o môço inconsiderado também chega até a sua fôrça completa, dos 40 aos 45 anos, de vida construtiva, com rosto vermelho e com músculos fortes, mas vai depressa ao sepulcro. As bactérias são virulentas, e cortam repentinamente a existência do homem. No meio da vida construtiva, cairá no sepulcro entre grandes sofrimentos, porque não ouviu a voz da Sagrada Escritura: "Não peques contra a castidade" (Walter: *Rios de Sol,* 1921, 111).

As velhas lendas gregas falam de um monstro, meio touro, meio homem, que o rei Minos mantinha encerrado num labirinto da ilha de Creta, e ao qual lançavam cada semana como alimento sete moços e sete môças de Atenas. E' mera lenda. Mas tôdas as devastações causadas pelo Minotauro não são nada em comparação com as ruínas provocadas pelo pecado da impureza entre os jovens de hoje.

Um médico francês, dos maiores especialistas em moléstias venéreas, dizia: *"Aquêle que não teme a Deus tema a sífilis"*. E que a sífilis seja verdadeiramente um flagelo sabem-no os infelizes que a contraíram, sabem-no ainda melhor os médicos que em centenas de casos e junto a centenas de doentes, têm visto as tristes e deploráveis conseqüências dessa horrível doença. Veja-se êste quadro.

Óbitos de sifilíticos atacados de várias doenças:

Óbitos em geral	100
Tuberculose	48
Órgãos respiratórios	99
Doenças contagiosas	110
Doenças dos rins	164
Doenças do estômago e dos intestinos	184
Doenças da circulação do sangue	216
Suicídios	222
Colapso cardíaco	228
Doenças do cérebro (fora a parálise)	245
Paralisia	503
Doenças da coluna vertebral	667
Aneurisma	680

Conhecemos casos em que a sífilis hereditária permaneceu como que adormecida durante 30 a 40 anos, e depois despertou sob a forma de consunção dorsal ou de paralisia.

Certamente já ouviste o nome de um dos mais célebres pintores do mundo — Leonardo da Vinci. Por certo já viste a reprodução de um dos seus quadros mais famosos — "A última ceia". Mas provàvelmente, não ouviste falar da ocorrência espantosa que se deu com relação a essa pintura. O artista preocupava-se em achar um modêlo para pintar o sublime semblante de Nosso Senhor, quando, com ingente alegria, notou em certa igreja, entre os cantores, um mancebo de inigualável formosura. Pedro Bandinelli — era êste o nome do jovem — aceitou alegremente a proposta de servir de modêlo para o rosto de Cristo. Semanas, meses, eram já decorridos, quando Leonardo percorria as ruas, inquieto e de mau humor, porque não encontrava tipo conveniente para pintar a cara de Judas. Procurava uma pessoa em cujo rosto se pudesse ler a pravidade do coração daquele discípulo traidor, até que, afinal, achou um efebo prematuramente envelhecido, cuja fisionomia lhe revelava a perversidade da alma. Quando êsse môço ficou diante do quadro inacabado de "A última ceia", para se iniciar a pintura do rosto de Judas, pôs-se a chorar com tôda a dor de sua alma: era Pedro Bandinelli. Entregara-se a uma vida de libertinagem, e, após dois anos, o seu semblante, que se assemelhava ao de Cristo, dera lugar aos traços de Judas. Se se tratasse apenas dessa mudança física, ainda bem; mas a de sua alma!...

Bem diz a parêmia alemã: "O prazer e a alegria morrem depressa".

Ah! se as tumbas silenciosas dos cemitérios pudessem falar! Essas lousas mudas, debaixo das quais o pecado da impureza encerrou precocemente tantas vidas novas, que prometiam tão belas esperanças!...

Fecha um instante êste livro meu filho, e pensa, rezando, nas palavras eternamente verdadeiras da Sagrada Escritura: "Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá. Porque o templo de Deus é santo, *e é isso mesmo que vós próprios sois!*" (1 Cor 3, 17).

36. Tremenda responsabilidade.

Se ao menos só perdesses a ti!... Porém, da mesma forma que um só prazer proibido basta para que o bacilo dessa terrível moléstia se introduza em ti, assim também milhares de perigos ameaçam igualmente as pessoas da tua roda, enquanto êles, os inocentes, recebem de ti os germes dessa moléstia contagiosa. Pondo a tua mão contaminada na maçanêta de uma porta, ou, talvez, apertando a mão do teu melhor amigo; pondo o teu lápis no bôlso e emprestando-o a outrem depois; cortando-te o cabeleireiro os cabelos ou barbeando-te, e a tesoura ou a navalha servirem

o teu copo, a tua escova de dentes, as mãos, tudo isso pode transmitir a doença. Perpètuamente és um perigo temível para o teu próximo inocente, com o qual a tua existência te põe em relações.

A um colegial de quinze anos a sífilis perfurou o véu palatino e roeu as carnes entre a cavidade bucal e o nariz. Entretanto, o inditoso era puro, mas, sòmente, durante as férias, bebera num copo de que se haviam servido uns pedreiros que estavam acometidos do funesto mal.

Se ainda houvesse em ti sombra de honestidade, deverias repelir tua mãe e gritar-lhe: "Mamãe, afasta-te e não me beijes, pois tenho o inferno dentro de mim". Se assim não fizeres, tôdas as vêzes que entras em casa, e tua mãe, feliz te aperta ao seio, beijando-a lhe transmites o bacilo dessa vergonhosa moléstia. E o que torna a coisa ainda mais perigosa é que, no início, a moléstia passa despercebida; não se sente nenhuma dor, muitas vêzes só por acaso se percebe que alguma coisa não está direita. *Sentes a responsabilidade que te pesa sôbre a alma?* Ah! maldita seja a primeira noite do pecado!

37. Teus pobres filhos!

E se ousares, com semelhante moléstia, contrair matrimônio? O rubor não te sobe ao rosto ao pensares que, com essa funesta doença prendes a ti para sempre uma jovem inocente? Uma jovem que durante tôda a sua mocidade, sonhava com santo pudor no seu futuro cavalheiro, de alma branca, espôso ideal, caráter viril? E tu, ruína humana, preposto do inferno, prendes a ti para sempre pelo casamento essa ingênua donzela, contaminando-a com o vírus nefando, a ela, inocente?

A vida apresenta-nos casos espantosos. Há donzelas de alma delicada que contraem, algumas semanas após o casamento, essa hedionda moléstia, arrastando o mais belo período da sua vida com a doença que apanharam junto ao espôso que anteriormente viveu no pecado.

Em breve terás filhos. Pobres criaturas inocentes, antes nunca tivessem nascido! No segundo ou terceiro mês da sua existência, já aparecem os sintomas da sífilis hereditária, e na maior parte morrem aos seis meses. Ou, então, se conseguem escapar da morte, as conseqüências da moléstia manifestam-se mais tarde, entre os dez e os vinte anos. Serão magros, fracos, de olhos doentes, e os filhos dêles também recolherão essa tenebrosa herança, e a *sangrenta maldição da tua vida pecaminosa pesará ainda sôbre teus netos.*

Outra doença venérea, a blenorragia, entre outras conseqüências malditas, priva uma multidão de homens do maior tesouro: a vista. Se o bacilo dela, o gonococo, entra nos olhos, medonha inflamação se declara nêles, e logo depois o indivíduo fica cego. No instituto dos cegos de Munique, 73,8% dos casos provêm de infecção blenorrágica. Conheço uma família em que o primeiro filho ficou cego logo após o nascimento. Quando o segundo filho nasceu, também ficou cego de um dia para o outro. O terceiro, igualmente. Os pais, desesperados, ignoravam a causa disso. Mas, quando o pai — que se havia esquecido dos seus pecados da mocidade — se lembrou de que tinha blenorragia, foi acometido de loucura, pois lhe acudiu ao pensamento que os seus pecados na mocidade privaram seus três filhos da claridade do sol.

Nador", em Budapeste, na rua de S. Estêvão, e cada vez que passeava pelo meio dos duzentos meninos sem vista que buscam às apalpadelas o seu caminho, com as pupilas queimadas e vazias, refletia, cheio de horror: Meu Deus! A maoiria dêsses infelizes meninos não estariam cegos, se os pais tivessem levado uma vida pura durante a mocidade!

A multidão horrível dos habitantes dos asilos de alienados, de meninos idiotas, mirrados, aleijados, dá a triste certeza das devastações causadas pelos pecados de uma juventude caída no antro do vício.

E tôda essa imensa miséria, essa penúria de uma multidão de famílias, essa destruição da felicidade familiar, *por causa talvez de uma relação sexual proibida!*

Meu filho, vale tal preço um prazer físico de um instante? Como tinha razão o orador *Demóstenes*, quando respondeu destarte ao convite sedutor de uma prostituta: *"Tanti poenitere non emo"*. Não compro o gôzo de um instante por um pesar tão grande".

E' literalmente verdadeiro que os pecados do pai passam para os filhos até à terceira, e mesmo à quarta geração. Mas, em compensação, aquêle que conservou puro o seu sangue, aquêle que por uma vida casta antes do casamento evitou qualquer contágio, deixa só por isso aos filhos uma herança maior do que se lhes legasse milhares de contos: "Quando meu filho me olha com seus olhos claros" — escreve-me um pai de família — "quanto se enche o meu coração de alegria à vista do seu corpo robusto e da sua agilidade! Quando se entornam sôbre mim a sua graça e o seu frescor infantis, então não lamento nem um instante o haver lutado durante anos, pois sei que não foi só

para minha própria vantagem, mas também para a geração seguinte, que fiz o que era digno das minhas penas e sacrifícios".

38. Esperanças perdidas.

Uma manhã, contemplava eu a Tisza; corria uma onda de água lodosa ao longo das suas margens. Donde vem essa massa de lama? — perguntei aos meus botões. Não tinha chovido aqui nem na região circunvizinha. No dia seguinte, li num jornal que bem longe de nós, na fonte da Tisza, caíra violenta borrasca, e o rio trazia consigo a lama e a vasa que achara lá nas suas cabeceiras, onde não passa de um córrego insignificante. Nenhum outro lôdo recebera ou arrastara êle no seu curso médio e inferior, e, no entanto, não pudera reencontrar a sua pureza, mau grado as águas claras dos seus afluentes.

Meu filho, eis aí uma imagem infinitamente grave da vida manchada pelo pecado nos anos da juventude, e que o homem maduro não pode jamais lavar nem purificar. Rogo-te guardes a lembrança dela; é muito mais fácil conservar pura a própria alma do que limpar, para fazê-la alva como a neve, uma vida outrora maculada pelo vício.

Desde que as primeiras edições do meu livro se espalharam entre os estudantes por todo o país, o correio não tem cessado de me trazer cartas dos meus jovens leitores. Após a leitura de algumas, quase que elas me têm caído das mãos, e só tenho tido fôrças para olhar para o Cristo que está aqui na minha mesa de trabalho, — tal o espanto, a emoção, o sentimento profundo de mágoa que me trazem.

"Senhor Jesus, vinde em socorro dessas pobres almas em desespêro!"

esperanças perdidas! E a maioria chora o seu *primeiro* passo em falso, os primeiros meses em que aprendeu a conhecer o pecado e em que não havia ninguém para detê-los no declive!

Eis aqui, sem alteração, algumas dessas cartas, — das quais apenas suprimi os nomes dos autores. Permita o Céu, meu filho, que nunca jamais sejas obrigado a escrever semelhantes missivas.

Lê atentamente algumas delas:

"Monsenhor: Não sei por onde começar. Uma fôrça irresistível impele-me a escrever. Monsenhor, escute-me. Vou talvez explicar-me um pouco longamente, porém se V. Revma. me escutar restituirá a felicidade e a esperança a uma alma envilecida.

Eu era a esperança de minha mãe, que é viúva. Quando deixei a casa, há dois anos, ela me beijou e pediu a Nosso Senhor que me tomasse debaixo da sua proteção. E Nosso Senhor me veio em socorro. Há três anos, minhas notas eram excelentes. E êste ano? Meu Deus, fui reprovado em três matérias! por quê? Porque caí nas garras de um pecado, cujo qualificativo não sei como dizer, tão nefando é. Tornei-me escravo dêle. Êle se apossou das minhas fôrças, de todo o meu ser. Nas férias do Natal vi, em casa de um amigo, — que Deus abençoe, — o livro intitulado "O Brilho da Mocidade". Li-o, Monsenhor. E que foi que senti? Minha alma estava em efervescência. E sob a influência dêsse livro, tomei uma santa resolução. Êsse bando de alvura de lírio acolher-me-á, talvez, por mais indigno que eu seja, entre seus membros. E tive fôrças para isso. Já estamos em abril, e não pequei mais nem uma só vez desde que tive seu livro em mãos, e ainda hoje o conservo.

escrutam os mais profundos mistérios da natureza. Vários já leram seu livro, e tomamos esta santa resolução: Não, nunca mais pecar contra a natureza!

Monsenhor, escreva-me. Minha carta é desalinhada, e o meu estado de alma não o é menos. Escreva, ainda que só algumas palavras. Fará a felicidade de uma alma".

A carta seguinte é de um aluno que havia esquecido as minhas lições.

"Monsenhor: Lá fora, o vento Norte silva nos galhos desnudados; cá dentro, o fogo crepita, e eu, com olhos febris, revolvo o meu passado. Procuro o meu bom humor de outrora, procuro o meu antigo timbre de voz, a imagem sorridente dos meus camaradas, a primavera florida de minha vida...

Como está longe tudo isso! Depois, manchas pardacentas e sujas vieram desbotar o azul celeste da minha vida; envelheceu prematuramente o meu rosto, agora esquálido; apagou-se a minha cristalina voz; e ficaram salpicadas de lama as alvas flôres de minha primavera.

Gosto de arrancar-me a esta grande consternação que quase me sufoca com seus braços gélidos, e de andar pelas campinas floridas do passado. E' como se fôsse ontem... E já me sinto velho, bem velho, aos vinte e dois anos!

Do meu cofre de cartas, sinto sair uma como aura do tempo passado. Como os fragmentos multicores de um caleidoscópio, desfilam diante de mim, em fantástica variedade, os meus sonhos e projetos do futuro, agora todos desaparecidos. Bóreas passou depois sôbre o campo semeado da minha juventude e carregou tudo.

Uma carta de V. Revma., Monsenhor, acha-se nêle. E é essa carta que me faz tomar da pena. Não posso resistir ao desejo de escrever-lhe alguma coisa a respeito da minha imensa angústia. Antes o tivesse feito mais cedo! Mas eu não ousava desvendar a outrem as nódoas de minha alma. Entretanto, bem sabia que V. Revma. me mostraria com amor a estrada que conduz a uma vida nova. Eu, porém, já não tinha fôrça para isso. Cada vez mais me pusera a amaldiçoar os homens, o ar, a luz. Ando como alguém que, vendo flôres num pântano, se adianta para colhê-las, e pouco a pouco se sente afundar no abismo.

Ah! se alguém me tivesse agarrado com mão firme e me tivesse conduzido à piscina de Siloé, para que eu avistasse a estrada que leva à felicidade! Mas não, não havia ninguém. Tôda a minha vida permaneci insulado. E' verdade que, no meu orgulho insensato, não pedi o auxílio de ninguém queria libertar-me a mim próprio. Queria... Ai quantas vêzes quis! Contudo, nunca chegou até ao Céu o fumo do sacrifício de minha vontade. Algum obstáculo tornava a atirá-la sempre na vasa.

Com a confiança de um antigo aluno, volvo-me para V. Revma., Monsenhor, para lhe pedir conselho! Só lhe peço algumas linhas, mas essas poucas linhas — acredito-o — dar-me-ão fôrça nova, como um copo de água fresca ao viajor morto de sêde".

Eis aqui a terceira carta:

"Querido e amado mestre: Desculpai o desconhecido que tem o ousio de vos dirigir estas linhas. Elas são filhas da grande confiança que me inspirais. Vou, com o maior respeito e veneração, expor-vos o estado de minha alma.

Lendo o vosso livro, despertou-se-me no espírito arrependimento dos pecados que cometi.

Infelizmente, caí na lama do vício imundo, e muitos anos consecutivos nela estive chafurdado. Propósitos firmes de emenda não me faltaram, mas não achei mão forte que me amparasse e me erguesse do lôdo. Afinal, encontrei o auxílio moral valioso de que tanto necessitava: o vosso precioso livro. Confesso-vos que, ao acabar a leitura, foi grande o remorso que se apoderou de minha alma, e que ainda me não abandonou.

Eu mesmo cavei com as minhas próprias mãos a minha sepultura, e as minhas mais fagueiras esperanças desvaneceram-se como bolas de sabão ou como o fumo de um cigarro. E o remorso crucifica-me quando vejo que o meu corpo se acha fraco, alquebrado, cheio de doenças, ao passo que muitos dos meus colegas se desenvolvem admiràvelmente, plenos de saúde, fortes e alegres. Mas, eu bem mereço tal castigo!"

Mais uma nova carta:

"Do abismo e do fundo do turbilhão onde caí, clamo a V. Revma. e peço-lhe me ajude, se já não é muito tarde, a sair do báratro em que me acho. Cometi o feio pecado há dez anos, e desde aquêle momento infeliz tenho sido escravo do torpe vício. Sinto dilacerar-me o coração, e tenho um vácuo horrível na alma, que me definha e aniquila.

Não posso por mais tempo suportar êste vácuo tormentoso, êste pêso medonho, que me oprime e crucia de maneira torturante. Melhor seria que eu estivesse no cemitério, no fundo de uma cova, onde pudesse apodrecer êsse corpo tirânico e miserável.

Reverendíssimo padre, deixe-me que, sinceramente e sem ambages, mostre a V. Revma. o lixo da minha

que tudo será em vão, pois é muito tarde! Todavia, uma fôrça estranha e irreprimível me impele a fazer um derradeiro esfôrço, apelando para as luzes de V. Revma., exorando a V. Revma. que venha em meu socorro.

Recordo-me que, quando eu tinha 9 para 10 anos, vi um dos meus companheiros praticar o ato vicioso; depois, experimentei-o em mim mesmo, e daí avante o cometi mais de mil vêzes. Se houvesse uma pessoa que de boamente me advertisse do mal, logo no comêço, hoje não soariam tètricamente aos meus ouvidos, como o badalar melancólico de um sino-fantasma, palavras como estas: "Não tivestes alegria no teu passado, não tens esperança no teu futuro, já é muito tarde, tudo está acabado!".

Estas frases estrangulam em minha alma as lembranças puras da minha juventude passada. Como me aprouveria começar de novo a minha vida! Viver de novo uma vida pura e feliz! Quantas vêzes surge em minha alma, como relâmpago, a idéia de que esta vida é má, e é um sonho, e quando acordo parece-me que sou o jovem de outrora, puro e feliz! Mas pouco depois do despertar, vejo que tudo é muito amargo e triste. Desde a primeira queda, fui resvalando sempre para baixo, cada vez mais baixo.

A princípio chorou e lamentou-se minha consciência, mas o gôzo me era bom narcótico, e sufocou o doloroso brado de minha pobre alma, que cedeu lugar às exigências da carne. Não houve quem ouvisse o meu amargurado chorar! Não se me deparou ninguém que me fizesse parar no declive! mas ninguém apareceu, porque não tive coragem de confessar o meu feio pecado a meus pais e a outras pessoas que me poderiam socorrer.

Hoje, estou nervoso e apático. Não posso estudar, e nada me interessa. Meu coração está vazio e em fogo. Estou desamparado. Se, com fôrça de vontade, posso fazer abstinência sexual por algumas semanas, a vida torna-se-me triste e desenxabida, e logo renovo o pecado. Já não posso ter alegria, porque não tenho pertinácia na vitória. Minha alma está vazia, inerte. O gôzo carnal a matou. Até a crença se me evapora. Já não posso crer em nada. O meu único remédio é a morte, mas não tenho coragem para me suicidar. Estou meio morto. Enfraqueceram-se-me tôdas as minhas diligências espirituais. Não me é possível abrir um livro para estudar. O pecado nefando, que tanto odiei no início da minha mocidade, está-me conduzindo à morte. Sinto que estou a caminho da sepultura. Estou inteiramente arruinado; está perdido o meu corpo, está perdida minha alma.

Padre, venha em meu socorro. A V. Revma. obsecro humildemente que me soerga do abismo em que caí e que me faça ressurgir das trevas caliginosas que me envolvem".

Vê esta:

"Monsenhor: Não sei como exprimir os meus sentimentos, depois de ler a obra inscrita "O Brilho da Mocidade", e de refletir no que se diz ali. Escrevo esta carta com a alma agitada. Poder falar! Que felicidade! Um livro que leva ao arrependimento e à conversão... V. Revma. sabe o que eu desejo dizer com isso... "Ah! quantos jovens têm soluçado desesperadamente no silêncio da noite, porque ninguém os avisara das conseqüências terríveis dêsse pecado!" Sim, esta é a verdade. Eu também tenho sofrido. Gemia sob o jugo dêsse funesto hábito, que um desgraçado companheiro me havia ensinado.

Ah! Monsenhor, dê um conselho a um pobre môço que de há muito procura o caminho da salvação, e sòmente agora o encontra, apontado no seu livro.

Eu, Monsenhor, que dantes aprendia e trabalhava tão bem, envergonho-me de haver, pelo prazer de um instante, abandonado a minha tarefa. Mas onde quer que a paixão lavre, a razão emudece, não é exato?

Na esperança de uma resposta, etc.".

Mais outra carta:

"Reverendíssimo e muito amado padre: Graças a Deus, raiou para mim o Sol da alegria, e não posso menos que vir perante V. Revma. manifestar, com a maior efusão de minha alma, a minha sincera e pura gratidão.

Como disse V. Revma., eu receberia o prêmio do meu esfôrço, se me resolvesse definitivamente a seguir o reto caminho do desenvolvimento espiritual. Eu me resolvi a isso; recebi o prêmio e, portanto, considero-me verdadeiramente feliz.

Êste é o laurel que conquistei pelo meu esfôrço, mas sob a orientação de V. Revma., pois em mim se realizou o que V. Revma. profetizava a seu filho espiritual.

Meus pais educaram-me no santo temor de Deus e sempre obediente ao código da moral cristã. Assim fui crescendo, até que, aos 15 anos de idade, os meus companheiros me desviaram do bom caminho, ora proferindo palavras indecentes, ora praticando atos indecorosos, chufando o meu pudor. No comêço, eu lhes não liguei a mínima importância. Mas o certo é que, não sei bem como, uma vez caí. Fiquei muito nervoso e senti-me fatigado. Ninguém me disse: "Não faça isso!" Mas a consciência mo disse. Eu sabia que era pecado, e fiz aquilo. Hoje me lembro do meu tempo feliz, anterior à minha queda, e choro. Tenho vergonha dos meus atos feios. Não sabia que em tôda a parte o ôlho de Deus estava sôbre mim. Ó, meu Deus! Eu não sabia o que fazia, e sòmente agora é que o sei!

Nada contei a meus pobres pais, para não se entristecerem comigo. Muitas vêzes desejei escrever... mas, para quem? Tive grande vergonha. E agora, que já conheço a gravidade do meu mal, escrevo, embora a tremer, a V. Revma., para lhe dizer que li as *Cartas para os meus alunos* e me senti feliz, porque aprendi a dominar o meu vício.

Só a V. Revma. confiei o meu segrêdo. Talvez esteja zangado comigo. Desculpe-me V. Revma. a coragem com que lhe disse as palavras mais sinceras e com que lhe abri minha alma.

Meu querido padre, em suas mãos entrego o meu caso. Fixo os meus olhos nos seus, longamente, firmemente, e digo: "Eu também quero fazer parte do exército da pureza. Quero de novo possuir uma alma pura".

Aqui está a sétima carta:

"Meu caro pai espiritual: Ecoam ainda no meu quarto os meus soluços... As páginas do vosso livro bendito ainda estão molhadas por minhas lágrimas... A pena recusa obedecer-me aos dedos... Respiro com dificuldade, agora que tento traçar estas linhas. Se V. Revma. as julgar dignas de leitura, leia-as.

Ah! meu pai, como direi? Faz cinco anos que em minha vida houve um instante maldito. Partiu-se a corda melodiosa do meu violino. Quebrou-se o meu belo instrumento, que tantas coisas me prometia. A escuridão invadiu o céu da minha vida. Antes fôsse uma escuridão total! Assim, talvez não houvesse tanta amargura, tantas lágrimas... Há tanto tempo, só vejo o céu da minha vida anuviar-se!

Porém o mais triste é que eu sabia o que era o pecado. Sabia haver alguém que podia socorrer-me, que Nosso Senhor Jesus Cristo me oferecia a salvação. Mas, ai! não pude agarrar-me a êle. No entanto, não houve uma só queda que não me tivesse logo inquietado, e à primeira já eu dizia: "E' a última". E não tive fôrça de vontade suficiente para isso.

Ah! meu pai! meu pai espiritual! Não me desdenhe, se lhe dá êsse nome aquêle a quem já inúmeras vêzes V. Revma. lançou o salva-vidas, e que, aparentemente perdido, se debate num pélago assustador.

Minha chaga ardente já se abranda, quando penso que já tive a satisfação de confessar-lhe o meu feio pecado, embora em frases entrecortadas, — o que jamais eu fizera em minha vida.

Desde que cometi êsse espantoso pecado, não pude mais ser franco a ninguém; evitei a sociedade de pessoas honestas, não me sentindo à vontade com elas: nos meus estudos, não me adiantava um passo; não estava contente com coisa alguma; minha vida passou a ser uma luta horrível. Se não me suicidei, foi porque bem longe, na minha cara Transilvânia, palpitava por amor de mim o coração de minha mãe, que certamente se partiria de dor, e não suportaria o golpe fatal, se eu o fizesse. A ela sempre escrevo que vou indo bem; mas, ai! se ela soubesse a verdade!...

Fiz-me escoteiro, na esperança de me sair da dificuldade; mas não, não me sentia à vontade no meio daqueles rostos ainda radiantes. Não me atrevia a entrar no lar paterno. Não me sentia bem em parte alguma; e agora, longe de minha terra, do meu caro país, prosto-me diante de Deus e balbucio com reconhecimento louvores ao seu santo nome, porque por intermédio da mão e da pena de V. Revma. a felicidade quer voltar à minha alma. V. Revma. dignou-se de escrever-me: "Há um retôrno... Ainda não é o fundo do abismo... Ainda hoje podes começar uma "vida nova", se quiseres". Ah! meu pai! se não fôra isso, eu não teria fôrças. Leio essas palavras salvadoras, e cheio de confiança digo: "Assim, com o auxílio de Deus, quero... quero... de novo, se ainda sou digno, pôr-me na última fila do bando de alvura lirial. Senhor Jesus, ajudai-me, quero ser casto".

Afinal, mais uma carta. E' de um môço viciado a um camarada que lhe aconselhara dirigir-se a mim, para que eu o auxiliasse. Eis a consternadora missiva:

"Meu caro amigo: Sei que me esperaste, mas não vim. Não me queiras mal por isso, porquanto eu próprio já não sei a quantas anda o meu estado de alma. Todos os meus sentimentos estão embotados.

Não vim, porque renunciei definitivamente à minha conversão e confio o resultado da minha resolução à lei natural do esquecimento. Fácil me é saber que os meus dias estão contados, mas dificílimo é contar eu com a minha melhora espiritual. Percebo que é a minha condenação eterna que principia na Terra, pois é mister que eu esteja pronto para a morte não só do corpo, mas também da alma. Quisera arrepender-me, mas já não tenho fôrça nem fé. Durante dois meses subi o calvário do sofrimento, mas não pude converter-me.

Houve pequena mudança na minha vida espiritual, mas era só por temor. Agora o mundo me é completamente indiferente, e aguardo o cair do pano.

Não te incomodes mais comigo, pois só Deus poderá vir em meu auxílio.

Teu amigo (se é que ainda me tens como tal), etc.".

Alguns meses depois, o autor dessa epístola não pertencia mais aos vivos.

39. Suicídios de estudantes.

Eis aí, diante de ti, uma esplêndida vocação, mas esboroada no pó; uma águia para voar nas alturas, mas que num paul se debate com as asas quebradas; um caráter viril, mas partido em dois pedaços; uma vida môça e esperançosa, mas esfacelada e destruída. Eis aí um adolescente que sonhava talvez salvar o mundo, e agora está a se debater nos grilhões da escravidão, numa miséria incurável. Essa alma que outrora ardia pelo ideal, onde fervilhavam tantos planos para o futuro, — acha-se curvada, lassa, desesperada, sob o pêso de uma maldição, porque não preservou das geadas os tenros brotos de uma primavera cheia de esperança.

A caravela orgulhosa outra coisa não traz que os panos rasgados de sua vela.

"Em nada guardei a temperança.
Para mim era pouca a maior delícia;
Gozando, voraz, delirando, cego.
Sempre que se ofereceu ocasião.
Se houver um credor exigente,
Quão difícil e dolorosa me será a restituição!
Quando me fôr exigido o que devo.
Só poderei dizer-lhe:
"Não tenho nada! Não posso pagar!"

Juntam-se a isso as exprobrações que mais cedo ou mais tarde surgem da consciência, o temor das conseqüências físicas e morais das suas ações, e por aí se compreende que a melancolia e o desespêro se apossam dessa alma, sobrepairando-lhe como aves negras e agourentas. E o pobre efebo, alquebrado de corpo e de alma, *só viveu dezoito ou vinte anos*... Ah! é mesmo aqui na Terra que se realiza o que a Sagrada Escritura, pròpriamente falando, diz em relação aos castigos do outro mundo: "A parte dos impudicos será no lago ardente de fogo e de enxôfre" (Apoc 21, 8).

Há jovens que, ao padecerem as funéreas conseqüências do seu pernicioso hábito, já desperdiçaram a sua fôrça de vontade a tal ponto, que as suas resoluções mais fortes voam e desaparecem como pedacinhos de papel levados pelo sôpro do furacão. Quando, após cada resolução, o pecado é cometido de novo, uma amargura sem nome apodera-se-lhes da alma, e verdadeiramente êles fariam em pedaços o que lhes caísse nas mãos, — mas é em vão, é debalde, não podem libertar-se.

Lê esta carta assombrosa que um estudante escreveu a um camarada seu:

— "Na minha grande tristeza, fôste sempre amável para comigo, e admiras-te que eu esteja inconsolável. Mas não conheces a fase mais terrível que agora me acomete. Quis às vêzes falar-te dela, porém a confissão não me chegou aos lábios. Agora, sim, escuta-me e... despreza-me. Meu Deus como hei de escrever?! Enquanto cada um dos meus amigos me acumulava de elogios e me cercava de afeto, eu me poluía em segrêdo, cometendo um pecado infame. E' esta a minha moléstia. A mais torturante melancolia me persegue, e eu a suportaria de bom grado como expiação, bem como suportaria todos os sofrimentos físicos; porém o transtôrno de minha alma é o que mais me horroriza. Não posso mais nem pensar. O trabalho científico é um martírio; as idéias me vagueiam a êsmo; a imaginação me desvaira, e sou torturado por imagens horrendas, que me não deixam repousar, pôsto que eu grite, gema, me insurja contra elas. Onde caí eu! Certamente me dirás que reze; fá-lo-ia de bom grado, mas não posso. Ninguém me poderá socorrer. Muitas vêzes tenho fixado o dia, a hora e o lugar onde

me farei saltar os miólos; mas então me aparece ante os olhos da alma a imagem de meus pais. Meus caros pais, meus irmãos e irmãs não suspeitam de que consagram o seu amor a um indigno, a um infame. Vou lançá-los na indizível dor de verem seu filho, seu irmão suicidar-se? E' o que me detém. Vem visitar-me quanto antes... Não, não venhas, não o mereço. Reza por mim, pede a Deus que de mim se apiede, se ainda pode haver misericórdia para mim..."

Já lêste sem dúvida notícias de jornais em que se relatam suicídios, por desgôsto da vida, de moços e môças de dezesseis e dezoito anos. *Desgôsto da vida aos dezesseis anos! Aos dezoito anos, desgôsto de viver!* Pensa um pouco nisso! Um jovem que em verdade mal conhece alguma coisa da vida, e por quem só agora esperam os graves deveres dignos de um homem, — diz que deixa de viver por estar desgostoso da vida! A explicação da maioria dos suicídios dos moços é a queda moral. A bala que sai da arma do mancebo suicida põe triste fim a uma vida falha.

"Depois do gôzo, veio a dor;
Após das ondas macias da delícia, chegou o sofrimento;
Depois do nevoeiro denso da embriaguez surgiu a consciência [clara,
Que no coração nos meteu o seu punhal.
De tudo que fiz paguei juros.
Por causa da delícia que gozei;
Invadiu-me o desejo mortífero,
E na sua chama se abrasou meu coração".

Escuta êste caso que se passou ùltimamente: Um môço era o único arrimo de uma pobre viúva. Era sério e de bom caráter. O prestígio da sua gravidade moral afastava as freqüentes solicitações de seus camaradas, quando procuravam arrastá-lo para antros do vício. As exortações do capelão e as palavras do Deus vivo eram-lhe o broquel. Porém os companheiros não o deixavam sossegado. E' muito natural: aquêle que está no pecado é incessantemente induzido pela sua má consciência em arrastar para a lama os inocentes. A cada instante os camaradas o solicitavam. Ridicularizavam-no, incentivavam-no. Finalmente, cedeu. Isso não durou muito tempo, e a tenebrosa moléstia marcou, com o seu horrível ferrête, a alma e o corpo, antes cheios de energias, daquele jovem. Êle não pôde tolerar por longo tempo o fardo apavorante, e deu cabo da vida. Junto ao seu cadáver, achava-se um bilhete — única herança deixada a sua pobre mãe: — "Mamãe, perdoa-me e reza por mim".

Muita gente lamentou o infeliz, e tu sabes que êle próprio foi a causa da sua ruína: quis colhêr frutos proibidos, mas, em lugar dêles, a hidra hedionda do inferno enlaçou-lhe a alma num amplexo mortal. Êle se insurgira temeràriamente contra as leis que o próprio Criador inscreveu na alma humana, *leis contra as quais ninguém pode insurgir-se impunemente "Luxurioso não serás"*.

O novo carvalho que se arrojava para o céu foi partido ao meio; desfez-se como a nuvem o arco-íris que aformosentava a cúpula celeste, e velou-se para sempre a beleza maravilhosa de um jovem cheio de esperança no futuro.

Agora, êle está no fundo do abismo...

Hedionda sorte! Tetérrimo fim!

PARTE V

A LUTA CONTRA O DRAGÃO DE SETE CABEÇAS

"Camaradas, erguei as cabeças, as trombetas soam.
Entremos decididos e alegres na batalha!
O mundo nos espera e a luta é nossa,
pois somos soldados prontos para tudo.
A nossa arma é o nosso braço,
nossos olhos brilhantes, nossa canção alegre,
e onde quer que olhemos, conquistamos vitória sôbre vitória".

Marcha dos escoteiros.

Meu filho, olha para mim, que te quero ler nos olhos. Bem. Vês? E' o que eu esperava. Uma firme coragem brilha-te nos olhos. Pulsa teu coração movido por graves e santas resoluções. Tremem teus lábios mudos ao pêso de formidáveis decisões. Teu olhar inflamado e teu coração ardente confiam-me, em lugar de teus lábios mudos, as santas resoluções concebidas agora no fundo de tua alma. "Pois bem! Se Deus quiser, não chegarei *até lá*. Ainda que o mundo desabasse, a Terra me vacilasse debaixo dos pés, as estrêlas me caissem sôbre a cabeça, *até lá*, não! *Não! nunca!... Malo mori quam foedari*. Prefiro morrer a me conspurcar!"

Bem, meu filho, *é o que esperava de ti*. Por isso, repito: Olha para mim. Não queres chegar *até lá?* Não queres cair prematuramente, como fruto bichado,

da árvore da humanidade? Não queres esmagar com sapatos de ferro o jardim florido de tua alma? Não queres fugir, de olhar hesitante, aos olhos interrogadores de tua mãe e de tua irmã? Não te queres tornar ameaça perpétua de infecção para o teu próximo sadio de corpo e de alma? Não queres arrastar através da vida o teu corpo juvenil arruinado por vergonhosa devassidão? Não te queres abaixar até virares um trapo, um molambo? Não queres perder a saúde, o caráter, a honra? — *Não; não o queres! Leio-o nos teus olhos.*

Meu caro filho, não temas. Se em ti a vontade fôr tão forte como tua santa resolução de agora, — não chegarás *até lá.*

40. Retôrno possível.

Mas talvez seja outra coisa que eu leio nos teus olhos. Vejo nêles uma sombra de tristeza, de dor. Vejo-lhes uma lembrança assustadora, deprimente. A lembrança maldita de um pecado cometido na ignorância, e o poder do hábito do pecado retém-te por mil laços. Uma tristeza indescritível ensombra-te a alma. "Ah! por que não li êsse livro há dois ou três anos?" Vejo tudo isso, vejo a tua luta desesperada, vejo as tuas hesitações, vejo o teu abatimento, a tua renúncia, a tua tristeza.

Graças ao capítulo precedente, nova luz te brilhou na alma, que te fêz talvez lembrar de que já na tua infância, quiçá na escola primária, em companhia de maus colegas, fizeste qualquer coisa cuja malícia então não adivinhavas, e cuja fealdade só agora aparece diante de ti. Talvez que surjam inopinadamente em teu cérebro pensamentos desalentadores como êstes: "Então, há muito tempo que estou perdido! Então, des-

de muito já tombou em ruínas o templo de minha alma". Não, não, meu caro filho, não deves perder o ânimo. Somos responsáveis pelos nossos atos, sòmente quando temos consciência da malícia dêles *na época em que foram cometidos.* Só o Todo-Poderoso sabe se os passos em falso da tua infância podem ser, e em que medida, considerados como pecados. Não te lamentes por causa das tuas quedas inconstantes de outrora, mas prepara-te para uma vida nova e ideal. Não te atormentes pelo que se passou até aqui, mas alegra-te com a vida pura, que se vai seguir. Não és um adolescente caído irremediàvelmente, e o templo de tua alma não está definitivamente arruinado. Não pronuncies a palavra que te está quase a surgir dos lábios: "Não! não o posso!"

Palavra tal não existe. Pelo menos não existe para um jovem. *Não pronuncies jamais esta palavra terrível: "E' tarde demais para mim".* Sei o que entendes por isso; mas não é verdade, não é tarde demais. Estás um pouco atrasado, o que é mais uma razão para te apressares.

Conheces a parábola de Nosso Senhor sôbre o filho pródigo? Ei-la: A um pai de família o filho mais môço reclamou o seu quinhão de herança, deixou a casa, desperdiçou o seu dinheiro, foi forçado pela fome a empregar-se como tratador de porcos e, até chegou a invejar a comida dos seus animais. Na penúria, no seu imenso aviltamento, passou-lhe pelo cérebro a derradeira esperança: "Levantar-me-ei e irei a meu pai; talvez êle de mim se apiede".

E o pai, ingratamente abandonado, recebeu-o nos braços, estreitando ao coração o filho pródigo que regressou ao lar paterno.

Foi necessário ao filho pródigo, para essa diligência, uma vontade firme, uma resolução inabalável.

Efetivamente, o lamaçal retinha-o, as ervas do atoleiro puxavam-no, seguravam-no. O poder do hábito pesava sôbre êle como um fardo enorme. Mas êle desprendeu-se daquêle charco infecto, reergueu-se depois de ingentes esforços e, com resolução inquebrantável, arrimado à esperança de um futuro melhor, pôs-se em marcha para a casa paterna. Em todo o homem — ainda o mais decaído — arde uma fraca centelha de bondade, porém dela só dá fé aquêle que ama o bem e tem confiança em si. Meu filho, quaisquer que sejam as tuas quedas; por mais que tenhas dilacerado a alma; ainda que o lugar do antigo templo fôsse um montão de ruínas, sempre te recomendarei isto: "Tem confiança em ti! *Uma confiança inabalável!* Que esta palavra do filósofo Sêneca fortifique a tua confiança: *"Pars sanitatis velle sanari fuit.* — Aquêle que *quer* sarar já está em parte curado".

41. Incitamento à luta.

Deixa-me dirigir algumas palavras de incitamento àqueles a quem o meu livro — infelizmente — chegou demasiado tarde, àqueles que, meninos irrefletidos ou seduzidos por companheiros pervertidos, se tornaram fracos, caíram, talvez inúmeras vêzes, mas, agora, querem erguer-se e sustentar vitoriosamente a luta em prol de uma vida pura.

Os que sucumbiram patentearam quanto é difícil renunciar a um pecado habitual. Lutam anos e anos com ânimo heróico e, contudo, recaem continuamente. Eu quero incentivar êsses corajosos lutadores.

Meu filho, se sucumbires de quando em quando, não tens um pecado a mais. Nosso Senhor sabe que já agora o não querias (como dantes); que é só o antigo e triste hábito que aí decide, e do qual, com tôdas as tuas fôrças, com tôda a tua vontade e com tôda a resolução de tua alma, te quiseras descartar. Não temas, não te exasperes porque recais. Continua a lutar corajosamente. Apressa a vitória final, após a qual não haverá mais nem uma só recaída.

Conheço muitos jovens das classes superiores dos colégios e da Universidade, os quais, em crianças, colegas viciados ensinaram o pecado. Os infelizes, no início, acreditavam que eram simples brinquedo inocente, e quando tiveram claro conhecimento do horror dos seus atos, o poder imenso do hábito já se estendera sôbre êles. Mas, que importa! Lançaram-se a essa luta difícil. Combateram longo tempo. Recaíram. E agora, aos quinze, dezoito ou vinte anos, ao cabo de uma luta heróica, após uma vitória triunfal, levam uma vida pura, para reparar o que fizeram na sua ignorância de meninos. E que alegria indizível transporta essas almas convertidas! "Eu não daria um dia da minha vida presente por todo o meu passado" — escreve-me um jovem após a sua conversão. Aquêle que a tempo volta a ser lírio imaculado, à pureza de costumes, não deve recear as conseqüências nocivas da sua incontinência: um organismo novo restaura-se ràpidamente dos efeitos nocivos. "Um ato irrefletido basta para arruinar definitivamente a nossa felicidade" — escreve no seu diário o conde Estêvão Széchenyi. "Mas homem jamais cai tão fundo, que nunca mais possa melhorar. Todo o pecador pode reerguer-se".

42. A águia liberta.

Li algures comovente fábula a propósito de uma águia. Ainda pequena, caiu ela nas mãos de mau garôto, que lhe pôs uma correntinha na perna e prendeu-a a uma rocha. Quanto bater de asas, quantos esforços,

quantas tentativas da pobre ave para se libertar, mas em vão! Afinal, cansou-se daquela luta desesperada, que durara um ano, e o sentimento do seu horrendo cativeiro apossou-se inteiramente dela. Certo dia, um elo da corrente abriu-se, e a pobre águia não reparou nisso. Ficou ainda semanas sem se mexer, de olhos cerrados: diante dela o vasto céu, no seu coração o desejo ardente da liberdade, nas asas a fôrça, mas tudo debalde, pois de nada sabia. Ah! se ela tivesse dado ao menos um passo à frente... se tivesse feito uma só tentativa... se tivesse tentado só um remígio!...

Como vês, meu filho, creio firmemente que, se até aqui fôste um filho de rei acorrentado ao pecado, quando houverdes lido êste livro, as malhas da tua corrente de escravidão se terão rompido.

Mas agora, para a frente! Para ti, as alturas da pureza!

Também eu posso corrigir-me? — E por que não?

— E quero corrigir-me? — Oh! quero.

Então, principio.

Quando? Mais tarde? Não! Hoje mesmo! Agora! Já!

Ouviste falar daquele herói grego, Aquiles, a quem a mãe, no seu temor, vestira como menina e fizera educar no meio de môças, para que êle não fôsse obrigado a ir para a guerra? Quando, porém, Ulisses fêz soar a tuba belicosa diante do palácio, e as verdadeiras môças fugiram espavoridas a natureza viril, intrépida, surgiu em Aquiles, e êle tomou as armas. Como vês, meu filho, quando os teus instintos sexuais te atacarem ainda, não fujas dêles covardemente, não te rendas a êles, mas olha-os virilmente, afoitamente, e trava combate com êles. Ainda que desde muito te debatas nos tentáculos da sensualidade pecaminosa, bate o punho

enérgico, dizendo: *Não é verdade. Não é tarde demais. Levanto-me, volto para casa. Volto à vida pura, à juventude casta, para um futuro mais belo, cheio de promessas.*

> "Após de ti vem a luta constante;
> O poltrão desanima, e o forte tem coragem,
> Bem sabes tu que a fôrça é a vontade,
> Que sempre e sempre ganha louros" (Arani).

Bem, sabes, e posso dizê-lo antecipadamente, que, se há bastante tempo és escravo dêsse pecado, *a tua libertação será difícil, dificílima talvez.* Quantas vêzes o desespêro te pesará na alma, ao notares, com amargura, que o desejo de te corrigires e as boas resoluções do fundo de tua alma têm sido baldados! Será quase com desalento que ficarás desarvorado entre o teu desejo de praticar o bem e o hábito que pesa sôbre ti como carga gigantesca. "Caí de novo, e no entanto quantas vêzes prometi que nunca mais sucederia isso!..."

Nos últimos decênios, homens corajosos se têm cada vez mais votado à exploração do pólo norte e do pólo sul; e, à custa de privações sobre-humanas, têm atravessado extensões incomensuráveis de neve e de gêlo, sem que até agora atingissem o ponto delineado. E de vez em quando novos exploradores se põem a caminho. Entretanto, ainda quando a meta fôsse atingida, que utilidade resultaria para a humanidade? Apenas a sensação de haver pousado pé onde ninguém ainda havia ido. E por sensação tão insignificante não se teme de afrontar a morte. E como tens tu, nessa luta perpétua contra os sentidos, o direito de perder o ânimo, nessa luta que sustentas não para a conquista de um pólo coberto de neve, mas para a conquista da paz da alma, para a conquista de uma vida pura, alva como a neve!

Sim, meu filho, uma luta penosa te aguarda, mas repito-te: Não percas o ânimo. Se quiseres, poderás tornar-te a ser puro. Tôdas as pontências do inferno são incapazes de levar-te ao pecado, se o não quiseres, se tiveres dentro em ti o desejo de vencer e a energia que supera tudo. Consegue ao menos passar sem pecar *algumas semanas, um ou dois meses*. Se o conseguires, a tua causa estará ganha. Estará ganha, meu filho, porque ficarás convencido de que tens vontade forte, e com essa fôrça de vontade poderás tomar novas resoluções, sólidas como o aço.

Meu caro filho, se tua alma ainda está intacta, agradece de joelhos ao Criador, e guarda com ânimo firme o teu precioso tesouro; porém se já caíste, meu filho, suplico-te, de mãos postas, que traves batalha com o monstro da impureza, o dragão de sete cabeças. *E' de ti que dependem igualmente o futuro da nossa querida pátria e a salvação de tua alma.* Não posso dizer-te maiores coisas, não é verdade?

43. Pelo futuro da pátria!

Meu filho, és um soldado fiel da tua pátria, ufano da tua raça. Isso me agrada. Sabes, porém, que a juventude que rejeita a pureza de sua alma comete vergonhosa traição contra o porvir da sua pátria? Sabes que a fôrça vital futura da raça dependerá, em boa parte, da escolha que a mocidade atual fizer entre a vida morigerada e o resvalar na escarpa da impureza? Sabes que os propagandistas (inimigos de nosso povo) de academias, de publicações, de livros imorais, querem arrastar a uma derrocada, com intuito definido, a juventude vulnerada na sua integridade física e moral? Realmente, um trabalho subterrâneo opera-se na sociedade tôda, nos teatros, nos cinemas,

nos livros e nos jornais, contra a pureza dos costumes da nossa raça; e os que empreendem essas maquinações bem sabem que, se um dia chegarem a corromper a raça moralmente e fisicamente, poderão sem resistência repartir entre novos habitantes a nossa Terra. *Na juventude atual reside o futuro da pátria.*

Cotidianamente se averigua que os filhos e netos dos ricos que só tiveram por herança a riqueza material, e não moral, em pouco tempo se arruinam. O mesmo sucede aos povos, cuja ruína, por causa da sua imoralidade crescente, não pode ser sustida por qualquer medida legal (Hilty).

Lê isto que Tácito escreve sôbre a tumba do orgulhoso povo romano, que outrora conquistara todo o mundo conhecido. Vê como sôbre essa tumba, a que seu gênero imoral de vida os atirou, ressoa vitoriosamente o elogio da vida pura dos germanos pagãos:

"Saepta pudicitia agunt, nullis spectaculorum inlecebris, nullis conviviorum irritationibus corruptae... Paucissima in tam numerosa gente adulteria, quorum poena praesens est maritis permissa, abscissis crinibus nudatam coram propinquis expellit domo maritus ac per omnem vicum verbere agit; publicatae enim pudicitiae nulla venia; non forma, non aetate, non opibus maritum invenerit. Nemo enim illic vitia ridet nec corrumpere et corrumpi saeculum vocatur" (Tácito: *Germânia,* XIX). "A mulher ali vive sob a proteção de costumes puros, e não é corrompida por espetáculos excitantes ou com repastos voluptuosos... O adultério é raríssimo entre aquêle povo, e o castigo dêle é reservado ao espôso, que o aplica imediatamente: em presença dos seus próximos, a mulher culpada é expulsa de casa, depois de ter os cabelos cortados e de ser despojada das vestes; em seguida é levada, a chicota-

da, através da aldeia; à que perdeu a virgindade não se lhe perdoa: nem a beleza, nem a juventude, nem a fortuna podem proporcionar-lhe um espôso. Efetivamente, ninguém ri dêsses crimes, e não se chama espírito do século ao corromper e deixar-se corromper".

Custa crer que os germanos pagãos hajam sido submetidos a tão austera concepção moral. Mas, em todo o caso, convém que nós, cristãos, povo civilizado, coremos de vergonha, em vendo entre nós tamanha imoralidade, ao lado de tão nobre maneira de pensar de um escritor gentio.

Meu filho, se amas a pátria, se te inquietas com a sorte futura da nação, estima e preza o sangue puro que corre dentro de tuas veias, guarda e conserva a tua juventude intemerata. Não leias as produções de autores não cristãos, pois são obras imorais que visam ao enfraquecimento da raça. "A base e a pedra angular de todo o país são os bons costumes; quando êstes desapareceram, Roma caiu e foi reduzida à escravidão". No altar do patriotismo, só é agradável o sacrifício dos heróis que se venceram a si próprios.

Um dia, Satanás passava revista às suas tropas — li eu numa poesia. Cada um gabava o seu poder. Os demônios da cólera, da inveja, da embriaguez, do jôgo e outros maus espíritos disputavam o primeiro lugar na arte de fazer mal à humanidade. Finalmente, Satanás outorgou o primeiro lugar ao demônio da impureza, dizendo: "E' êste o que tem a espada mais afiada e o veneno mais letal, pois *pode arruinar nações inteiras*".

Deves, pois, estar triste? Absolutamente, não. Aquêle que está na sua primavera deve ter a alma cheia de frescor. Quero que no teu coração impaciente pulse a energia da grande vocação que te espera. Quero que te tornes um homem. Olho sempre com

respeito para a juventude: *"Res sancta puer"*. Achas-te ante grandes deveres, — *e por isso é que te eu estimo.* Porém graves perigos turbilhonam diante de ti — *e é por isso que temo por ti.* Essa estima e êsse temor sugerem-me êste pensamento: *Meu filho, respeita a chama divina que arde em ti: tua alma.* A formação de tua alma é uma tarefa maior que qualquer arte, pois os artistas só trabalham com pincel, pena ou cinzel, e tu com uma alma viva.

44. Pela integridade do lírio.

Jovem, *sê ufano e intrépido!* A todo o pecado, a tôda a baixeza, responde: *Ad majora natus sum.* Não toleres que a juventude pátria viva no pecado, na idade de quinze anos; que esteja envelhecida aos dezoito anos, e paralisada aos vinte e um. Pois, se assim fôr, a bandeira da pátria será desonrada. Quero que se possa dizer de todos vós: "Sois cheios de esperanças, de frescura, a vossa vida não está alquebrada. Sois impelidos a um trabalho criador pela *"inexhausta pubertas"* (Tácito), pela fôrça viril não desperdiçada. Os vossos músculos ainda são elásticos, a vossa fronte ainda lisa, o brilho dos olhos ainda cintilante; a pátria repousa em vós os seus olhos banhados de lágrimas. Aprendei a ser aplicados ao trabalho, entusiastas da virtude e pacientes na luta. A sorte da pátria depende de vós — e temos uma só pátria".

Acima das leis da estética, há as leis da moral; tudo que favorece a fôrça moral do homem é ato patriótico; tudo o que o ataca é infame traição. O sexto mandamento é um broquel para as fôrças da nação. Também para nós se verifica o que Salviano disse do império romano: "Seus inimigos não puderam vencê-lo, só o pecado o pôde. Perdemos muito sangue na guerra; porém o envenenamento do sangue é cem vê-

zes pior. No festim de Baltasar, em Babilônia, onde se profanavam as coisas santas, apareceram umas palavras aterradoras e pavorosas. A mão que as escreveu ainda hoje escreve a história do mundo".

Vê com que santa gravidade o *Guia dos Escoteiros Húngaros* comenta o décimo mandamento da lei escoteira ("O escoteiro é puro de corpo e de alma"): "A pureza do sangue é a base da fôrça e da grandeza de uma nação. A impureza polui no homem a imagem de Deus, arruina o corpo, macula a imaginação, embota a memória, mata o caráter e apodrece a nação. Com santo amor próprio, guarda a pureza de tua alma. Nada de impuro te ilaqueie: por mais brilhante que lhe seja o exterior, oculta no interior sordícia e podridão. Evita com desprêzo a sociedade das pessoas corruptas, as conversas indecorosas ou dúbias, os livros, as representações, em suma, tudo o que leva à impureza. Procura o que dá a fôrça, a sobriedade, o trabalho sério, as distrações convenientes, a renúncia viril, a amizade real: tudo isso é auxílio eficaz".

Meus filhos, *hoje a pátria é vós*. A pátria não é uma carta geográfica, não é uma montanha, uma planície. A semente do futuro da pátria pulsa no vosso sangue, educa-se para a vida, torna-se realmente viva, ou então vai à ruína, ao lado das vossas fôrças desperdiçadas. A integridade da pátria só será conquistada por uma juventude que souber ser forte e combater pela beleza de sua alma, *pela integridade do lírio*.

O futuro da nação só pode ser construído pela mocidade que não procura na lama a sua alegria, e que não prodigaliza a sua fôrça em bacanais noturnas; por essa juventude forte e rigorosa para consigo mesma; por essa mocidade de olhos brilhantes, de firme ideal; por essa mocidade que não dobra covardemente

a cerviz ante a tentação, e que pode enfrentar os botes da luxúria com semblante audaz e firmeza de caráter, mantendo sempre a sua integridade moral.

45. O gládio flamejante da natureza.

A natureza pode vingar-se terrivelmente com um gládio de fogo. Já Tácito indicava a fonte mais poderosa da fôrça germânica: a *"inexhausta pubertas"*, a juventude intacta. *A salvação ou a infelicidade de tôda a geração futura dependem de o homem e a mulher se terem reciprocamente na mais santa estima, ou continuarem a descer a escarpa assustadora em que uma literatura e uma opinião, nem nacionais, nem cristãs, arrastam o povo e, sobretudo, a classe intelectual.*

Meu filho, não vês que hoje em dia a pátria precisa de todos os seus filhos, de tôdas as fôrças físicas e morais de cada um de seus naturais? O almirante inglês Nelson, antes da batalha de Trafalgar, deu à frota a seguinte ordem do dia: *"England expects every man to do his duty* (A Inglaterra espera que cada um de seus filhos cumpra o seu dever)". A pátria pode, pois, esperar de cada um de seus filhos que conserve sua alma na pureza, as suas fôrças na integridade. O fogo sagrado, penhor da existência de Roma, estava confiado à guarda das vestais; mas a nossa pobre pátria *espera da chama que arde na tua alma pura milhares de anos novos.*

Conviria que cada mancebo se tornasse uma árvore de frutos copiosos. Mas, porventura, haverá árvores que dêem frutos sem produzir flôres? *Voltar do combate com o corpo ferido é um sacrifício ante Deus e um mérito perante a pátria; porém ser arruinado moral e fisicamente por uma vida impura é pecado infame contra Deus e contra a pátria.*

Cumpre que pense do seguinte modo a juventude que ama a pátria e é dotada de inteligência" — escreve o dr. Luís Nekan, professor de medicina em a Universidade de Budapeste: — "Empreguei tôdas as minhas fôrças em me tornar um membro física e intelectualmente útil à sociedade. Para poder chegar a isso, e não me tornar prematuramente degenerado, *na época do crescimento praticarei a continência total* e enrijarei o corpo, fortificarei a vontade, multiplicarei os meus conhecimentos. Em seguida, se fôr necessário estabelecer um lar, esforçar-me-ei por educar cidadãos corajosos e úteis à pátria, e poderei passar com minha família uma vida sã e feliz".

Sabes, meu filho, o que quer dizer esta máxima: *Um estudante não é nada e pode tudo?* Isso quer dizer que tu, meu filho, és o futuro da pátria. Tu que lês êste livro; tu que, pela tua atividade boa ou má, semeias e colhes a ventura ou a desventura. *És presentemente o germe da pátria futura, e serás o propulsor ou o carrasco do futuro da pátria.*

Tenham os moços tal honestidade, que, depois de uma vida abstinente, sejam exemplos de caráter firme e chefes de prole sadia.

O futuro da nossa pátria depende, acima de tudo, de chefes de família que tenham caráter e sejam sábios. Ainda não podes compreender, meu filho, mas acredita sinceramente que, para a grandeza de uma nação, vale muito mais a juventude de alma pura, forte e trabalhadora, do que tôdas as vias férreas, minas de diamante e grandes indústrias.

No concêrto das nações, só as que possuem homens perfeitos, homens enérgicos e ativos, de caráter e perseverança, podem desenvolver-se e progredir. Para êsse fim é que a pátria prepara a juventude isenta de impureza.

De corações sem esperança não se espera nada. Com uma juventude fraca, eivada de sangue impuro, como seria possível construir o baluarte de defensão da vida nacional, a fortaleza da vontade férrea, que vence as ondas corrosivas do tempo e as tempestades devastadoras dos séculos?

46. Para a felicidade de tua alma!

Tristes experiências têm ensinado à humanidade que os planos do Criador são os melhores. "Que importa a Deus que sejas justo?" — diz a Sagrada Escritura; — "que ganha êle, se és íntegro nos teus caminhos?" (Job 22, 3). Certamente, nada. Com observares o sexto mandamento, meu filho, Deus não tira lucro nem prejuízo. Seus desígnios eternos serão, nada obstante, realizados. Mesmo sem ti. Mesmo contra ti. *Mas, em compensação, é para ti de extrema importância que vivas segundo as suas leis, pois a tua vida nesta Terra e a tua vida futura dependem disso.* A sorte de tua alma, o desenvolvimento harmonioso de tua vida no futuro, dependem da luta que travares com o dragão da impureza. De feito, quem poderá esperar maturidade séria de um mancebo que passou a mocidade no pecado? *"Qui non assuescit virtuti dum juvenescit, a vitiis nescit desciscere quando senescit".*

Conheço-te bem, meu filho. Tens por ideal o caráter viril: queres tornar-te verdadeiro cavalheiro, homem "completo". Mas é precisamente por isso que eu te peço considerares bem que, para chegarmos a um caráter perfeitamente viril, é de mister forte vontade, fôrça de vontade tal, que seja capaz de sempre submeter os nossos baixos instintos à melhor parte da nossa natureza, às nossas faculdades intelectuais. Sabes que o instinto sexual cedo se manifesta, muito antes do ca-

samento, *mas não é para que o satisfaças*. Êle não tem o direito de exigi-lo.

Se quiseres atingir um dia êsse caráter viril que hoje não é em ti mais que imagem ideal, nota bem que será preciso merecê-lo mediante penoso trabalho. E' por esta belíssima palavra de ordem — "ser homem de caráter" — que te impele trabalhar. O caráter não é presente de festa depositado prontinho na mesa, porém uma jóia criada por voluntário e contínuo trabalho.

Quando galgas alta montanha, derramas suor antes de atingir o cimo. Quanto mais elevada é a meta a que se aspira, tanto maiores são os esforços necessários para atingí-la. Porém o jovem não pode ter em mira escopo mais elevado que a formação de um caráter sem mancha.

Para alcançar êsse ideal, tens de travar uma luta de vida ou de morte.

47. Para a vida ou para a morte!

E' uma luta de vida ou de morte. A grave questão que se formula a cada mancebo é esta: "Permitirás que teu corpo conduza à morte tua alma, ou que tua alma dome teu corpo? Consentirás que teus baixos instintos te induzam à ruína, como se fôsses nau sem leme, ou tomarás do leme e conduzirás tua nau para os cantos sedutores das sereias? Ou tua alma conseguirá conduzir sã e salva a tua mocidade, por entre os mil escolhos das violentas tentações, e para além desta vida austera da tua juventude uma sublime vocação te aguardará; ou naufragarás no mar tempestuoso da juventude, e, neste caso, arrastarás contigo, por tôda a tua vida, as conseqüências funestas de uma adolescência malbaratada.

Mas considero que faço mal em te formular essas questões. Com efeito, agora que te olho firme, vejo em teu rosto a resolução séria, a fôrça de vontade que promete a vitória. Ouço, pelo assim dizer, a tua resposta: "Estou resolvido a aceitar essa tremenda luta. Apenas desejaria conhecer as armas com que sustentarei triunfalmente êsse combate que decidirá da sorte da minha juvenilidade".

Está bem, meu filho, é o que desejo em ti. No capítulo seguinte, poderás ler mais a êsse respeito. Entretanto, desejo insistir neste ponto: Não percas o ânimo, caso, após milhares de provas, sentires que o combate é sempre igualmente penoso, e, apesar de inúmeras vitórias, tiveres sempre que sustentar a luta, cada vez mais violenta.

Nota bem que um dragão de sete cabeças, no sentido literal da palavra, assalta a pureza de tua alma, e, enquanto o sangue cheio de vitalidade te correr nas veias, não poderás fazê-lo desaparecer. Quando lhe cortas uma cabeça, brota outra no mesmo lugar. Se hoje alcançaste a vitória, não sabes por que lado serias atacado amanhã. Entre os dezesseis e os vinte e quatro anos, estarás quase sem trégua na batalha. Mais tarde, a tentação será menos freqüente, porém nunca cessará de todo em todo; e quando o sério da idade madura tiver arrefecido o ardor do teu sangue, ainda terás que te manter alerta para conservares o teu precioso tesouro. Tem, porém, sempre diante de ti esta santa convicção de que, ao prazer de um instante que proporciona o pecado, é mil vêzes preferível possuir, alcançando a vitória sôbre o mal, a estima própria e a paz da consciência.

Lembra-te dos três jovens que o rei de Babilônia mandara lançar na fornalha por causa da sua fidelidade à religião. Um fogo infernal ardia em redor dê-

les, mas sem atingir os jovens heróis, que iam e vinham sem nenhum dano, em meio àquele mar de chamas, e um hino de vitória lhes saía dos lábios. Pensa sempre na vitória, quando o fogo das tentações carnais te flamejar nas veias.

Queixas-te de ser obrigado a dar tantos combates pela pureza de tua alma? Porém não vês que a vida inteira, em derredor de nós, não passa de uma luta perpétua? O que não luta, o que quer ficar tranqüilo, o que não se mexe, enferruja-se, mofa e desaparece. Se combatemos por cada coisa, havemos de achar excessivo lutar pela pureza de nossa alma?

Fortifica-te sempre no pensamento de que, *sem dúvida, terás tentações durante tôda a vida, mas ninguém te poderá constranger a entregar as armas, se tu mesmo o não quiseres.*

Retoma fôrças, na convicção de que a luta nunca é desesperada. Se tua alma ainda está intacta e pura, podes conservar-lhe a pureza, mas, é verdade, não será sem combate; se já tiveste que derramar lágrimas por graves extravios, e mesmo se caíste na lama, — é verdade que terás necessidade de aplicar tôda a tua fôrça de vontade, — poderás reerguer vitoriosamente a cabeça e tornar a dar vida nova à tua alma humilhada, mas purificada.

Combater contra si próprio é a mais penosa das lutas, porém triunfar de si mesmo é a mais gloriosa das vitórias.

48. Resiste!

Teus "camaradas" não tardarão em notar o teu firme propósito; talvez que há muito tempo atolados na lama, não pensem mesmo em sair mais dela. Notarão que as tuas concepções morais começam a ser diferentes das deles; que não queres romper com o modo de viver de outrora; que não mais queres rebolcar-te com êles na lama. Não tardarão a notar tudo isso e — *vai começar agora contra ti a mais forte ofensiva.* Far-te-ão uma verdadeira caçada. Hão de insultar-te, zombar de ti, perseguir-te a cada passo.

Vê bem; se te falo nisso com minúcias, é porque apreciável número de generosas intenções já naufragaram neste ponto, quando o môço se viu exposto ao ridículo dos gracejos, e o respeito humano lhe venceu as melhores resoluções.

— Eu não sabia que eras assim tão carola! — dizer-te-á um zombador. — Vejam só que bebezinho! Nunca tentou ainda ser homem. Bom, que não nos acompanhe aquêle medroso!

— Quem, eu? carola? bebezinho? medroso? E o sangue ferve-te nas veias. — Pois vou mostrar que não sou nada disso; irei também.

Ah! quantas boas resoluções foram assim despedaçadas! quantos jovens caíram *pela primeira vez* nos braços do pecado, ùnicamente, porque os "camaradas" para o pecado os haviam impelido! Mas, pela segunda, pela terceira vez, já não tinham necessidade de ser estimulados.

E' o perigo particularmente grave, quando as condições da existência te obrigam a habitar com colegas e companheiros cuja moralidade é inferior às tuas nobres inspirações (por exemplo, nos internatos, nas pensões, no quartel). Porque ser bom no meio dos bons ainda vai. Mas, *ficar limpo no meio da lama, ser lírio no charco — para isso é preciso ter caráter bem temperado e vontade viril.* E muitos jovens que souberam com admirável heroísmo conservar pureza física e moral durante todos os anos do colégio — caíram no pecado por ocasião do banquete de despedida, na

época do serviço militar, nas casas de pensões ou à sua chegada à Universidade, porque não queriam passar por hipócritas diante dos outros.

Tudo aconteceu, porém, porque, ao menos um instante, não refletiram nisto:

"Onde está a verdadeira coragem, e onde está a verdadeira covardia?"

49. Quem é o covarde?

Porque não refletiste, és covarde, és poltrão! — Seja, seja! Está bem, eu sou covarde. Eu sou pateta, eu sou hipócrita, — mas contudo não me farás perder a tramontana. Pensa apenas onde se faz preciso ter mais coragem e vontade: para resistir inquebrantàvelmente ao mais violento dos instintos, ao instinto sexual, ou para se inclinar a todos os lados, como um caniço ao sôpro dos mais baixos desejos.

Qual é melhor cavaleiro: o que com mão de ferro conduz seu animal para onde muito bem quer, ou o que se deixa guiar pelas fantasias dêste e finalmente cai na sarjeta? Ora, tu sabes muito bem que uma vida impura é mais lutulenta que a valeta da estrada.

Far-te-ão esta censura: "Que poltrão és tu em "não ousar isso!" — Mas serei eu, acaso, verdadeira criança? Efetivamente, *virilidade quer dizer domínio de si mesmo e vontade forte*. E, pelo contrário, não será um fraco aquêle cuja alma é joguête dos instintos carnais, que a atiram para um e outro lado, como o vento faz com a fumaça de um vapor no oceano?

"Por entre os caniços silva o vento,
inclinando-se-lhes a cerviz com simples neblina:
é a voz da covardia que sussurra" (Verosmarty).

Sê homem, e não títere. Ninguém mais se imporá, mesmo às pessoas de respeito, do que êsse môço

bem temperado, *que se não deixa amedrontar pelos gracejos e zombarias dos companheiros, e que com uma inquebrantável vontade segue o caminho que escolheu após madura reflexão*. Eu tiro o chapéu diante de tal adolescente e aplico-lhe êste magnífico elogio da Sagrada Escritura: *"Facit enim mirabilia in vita sua"* (Ecli 21, 9). Maravilhas em sua vida fêz êle, porque, com um intrépido gesto, afastou de si a tentação de um camarada corrompido.

E, quando todos os meus companheiros caíssem nesse pecado, — eu não o faria.

Minha alma sofre, quando vejo moços deixarem-se levar, como carneiros, para o pecado, pelas mãos dos grandes palradores. Só imitar é privilégio dos símios; môço de caráter é o que é dotado de bastante coragem para nadar contra a corrente. *Muda freqüentemente de camisa, mas de caráter — nunca!*

E por que haverias de consentir que tuas nobres idéias sofressem a influência de tais rapazes? Que valor moral é o seu? Zero, não é verdade?

Não te lembras de como, numa fábula, os animais zombavam do homem, porque êste andava de cabeça erguida e não a inclinava para a terra, como êles? Para os animais, é coisa ridícula que alguém caminhe assim de cabeça erguida. E já não ouviste dizer que no hospício de alienados os doentes gritam atrás do médico? E acreditas que o médico se preocupe com isso? Achas então que és covarde, só porque evitas os prazeres das devassidões? Mas é covarde a humanidade, quando teme e evita os bacilos da cólera? E' bravo o teu companheiro que, ao ver uma poça de água suja e contaminada, nela põe *corajosamente* olhos e língua? Lê o que diz um filósofo pagão: "Se fazes uma coisa de cuja necessidade estás inteiramente convencido, não receies fazê-la francamente, ainda que o povo pense

de outro modo a tal respeito. Se agires mal, então é que deves envergonhar-te dos teus atos; mas, se procederes bem, por que temes os que injustamente te censuram?" (Epicteto).

Dize-me: "Que é mais fácil — resistir com firmeza de caráter aos ataques cegos do instinto, ou ceder a êles? Mas o espírito e o corpo travam precisamente o seu mais duro combate no terreno da moralidade. Só pode dizer de si mesmo que tem verdadeiramente caráter viril aquêle que nesse terreno se houver tornado vitorioso. Infelizmente, grande parte da juventude jamais pode andar pelos seus próprios pés; nunca pensa na direção da sua vida, e, como fôlhas mortas, é arrastada pelo turbilhão das opiniões de camaradas corrompidos.

A *Diógenes* disse um dia *Alexandre Magno:*

— "Sou senhor do mundo".

Respondeu-lhe o filósofo cínico:

— "Em verdade, tu não passas de escravo dos meus escravos, pois eu sou senhor de tôdas as paixões de que tu és escravo".

Pois bem: eu não quero uivar como os lôbos. Não quero nadar na direção da corrente. *Não quero ser um homem qualquer. Nasci para coisas maiores.*

50. Deixa-os!

Pode dar-se que não te reste outra alternativa senão *romper definitivamente com os teus antigos camaradas.* Em certas ocasiões, basta que não tenhas sorrido aos seus gracejos e ditos espirituosos. Por "espiritual" que seja na palestra dêles, o teu rosto impassível e frio fa-los-á compreender que as tuas convicções te levam a considerar uma esterqueira como esterqueira, ainda que aspergissem nela perfumes, e que não tens prazer algum em remexer nela. Poderás

dizer, às vezes, francamente, a teu amigo que êle te fere as convicções morais e que, quanto a ti, consideras uma vergonha queira êsse amigo discorrer contigo acêrca de semelhantes coisas. Pois é realmente uma ofensa a ti o supor êle que tenhas prazer em tais assuntos. O conde Estêvão Széchenyi, não a propósito de conversa inconveniente, mas de leve incorreção, assim se exprimia: "E' uma fraqueza, uma falta inevitável em um mortal, mas, com falar assim, fica-se à beira da mais profunda ruína". Alexandre Magno, na quadra em que realizou os seus mais belos feitos, era um modêlo de pureza de alma. Durante a campanha da Ásia, alguém lhe escreveu em carta palavras dúbias, e o jovem príncipe exclamou, indignado: "Que coisas vergonhosas pode êle saber de mim, para ousar escrever-me de tal modo?" Considerarás insulto em plena face querer alguém manter tais palestras em tua presença. Afirma corajosamente que elas *ferem a tua delicadeza e tuas convicções.* Realmente, o domínio do espírito é bem extenso e oferece muitos assuntos para palestra; terás disposição para falar, não importa de que, exceto de uma coisa, de uma coisa só, que excluis das tuas conversas.

Se êle não atende à tua grave observação, lembra-te, nesse caso, de que um príncipe vestido de branco dos pés à cabeça nada tem que fazer no meio de criados sujos, e, por antiga que seja a amizade que a êsse teu amigo te prenda, *rompe com êle.*

Pensa nestas severas palavras de Nosso Senhor: "Se o teu ôlho te escandaliza, arranca-o e joga-o para longe de ti; vale-te mais entrar na vida com um ôlho do que ser lançado com os dois nas geenas" (Mt 18, 9). Se teu amigo te escandaliza, deixa-o, pois te vale mais chegar só à felicidade eterna do que ser condenado eternamente com êle. Sei muito bem que isso te

custa, mas lembra-te de que quem não estima bastante as tuas convicções mais sãs e as tuas mais nobres idéias, e as insulta continuamente com os seus lábios impuros, não é digno de que lhe chames "amigo". Pode ser teu "companheiro", mas não amigo, como os membros de uma quadrilha de ladrões não são amigos uns dos outros, mas apenas companheiros ou camaradas.

Ser homem significa trazer acorrentado o animal bravio que dentro de nós existe. *Ser jovem* significa fazer brilhar nos olhos a alegria deslumbrante da primavera da vida humana. *Ser um homem,* no sentido viril da palavra, significa dirigir com mão de ferro todos os seus baixos instintos e ser mais severo consigo mesmo do que o é o cirurgião com o membro doente. Permite uma comparação um tanto extravagante: se alguém estraga o estômago e se põe a vomitar, um homem de espírito normal não verá nisso coisa alguma de que se possa regozijar. E, se algum môço de alma enfêrma se põe a vomitar em conversa tôda a sorte de imundícies que corrompem as almas, um homem honesto não poderá ouvi-lo. O médico examina a língua do doente, e logo vê o que há; também tu podes sentir imediatamente, pela sua linguagem e conversa, se o teu camarada está com a alma doente.

O pagão *Plutarco,* numa de suas obras, refere-se a certo filósofo que perguntou a um jovem por que motivo andava na rua tão afobado:

— De que estás fugindo?

— De um homem que me quer conduzir ao mal.

— Tem vergonha! — replicou o filósofo — *não vá ser êle que foge de ti.*

Quando o pequeno exército de Alexandre Magno se pôs a tremer diante do imenso exército persa, sabes como o estimulou o conquistador?

Por que temeis? Não há dúvida de que estamos diante de muitos inimigos, mas de poucos soldados".

Que o autorizava a se pronunciar assim? E' porque sabia que os persas levavam uma vida de libertinagem. Se, portanto, maus companheiros vierem "explicar-te" as coisas, resiste corajosamente. Sim meu filho, coragem! Um olhar basta muitas vêzes para tapar a bôca dos que rebolam na vasa da imoralidade, e a quem o pagão Horácio pespegava êste dístico: *"Amica luto sus".* O suino gosta do charco (Epístolas, 1, 2).

Não lhes tenhas mêdo.

Sendo tu varão, sê varão!
Tem princípios e fé!
Confessa-o mesmo quando o tiveres
[de provar com o próprio sangue
Mil vêzes antes perderes a própria vida
do que perderes a ti mesmo!
Que se perca a vida.
mas fique a honra" (Petoefi).

51. Isso a mim não me faz mal!

Não te deixes engodar com a freqüente escapatória de que êste ou aquêle mau livro, uma gravura indecente, uma comédia imoral, um mau companheiro não te prejudicam. Lamentável êrro é êsse. Se assim falas, é porque não conheces a fôrça do espírito de imitação que há no homem. Turbilhões existem que o melhor remador se esforça por evitar, mas ninguém por isso dirá que êle seja covarde.

Seja o que fôr que fizermos, nós nos perguntamos inconscientemente se outrem agiria da mesma forma. Ninguém se pode subtrair completamente à lei da imitação. Quando um moleque chupa um limão diante de uma banda militar constituída ùnicamente de clarins, sente cada um, involuntàriamente, que a saliva lhe vem

à boca, e imediatamente cessa o toque. Assim também nossas leituras, olhares, conversas e amizades exercem influência irresistível e inevitável em nossa vida moral.

Nenhum homem no mundo se pode libertar totalmente da influência do meio ambiente. Perto do fogo, tôda a madeira arde. E tu ainda pretendes que o exemplo dos maus companheiros não atua sôbre ti! *O moleiro que mói todo o dia em seu moinho poderá dizer que não está enfarinhado? E tu podes dizer que um limpador de chaminés não ande coberto de fuligem?* Não te fies, pois, em ti mesmo. Grandemente verdadeiro é êste velho provérbio: *"Fortis est qui se negat esse fortem"* — Forte é aquêle que se reconhece fraco.

52. O único remédio: Evita o pecado.

Talvez haja entre os teus companheiros quem te convide ao pecado, dizendo que hoje-em-dia não há mais razão para se recear qualquer moléstia, uma vez que se vendem remédios seguros contra o contágio e que, ainda que apanhasses o mal, há nas grandes cidades postos médicos preventivos, por onde passam os moços *post actum*, a fim de se evitar uma possível contaminação; e, mesmo que se adquira qualquer enfermidade secreta muitos médicos há que a curam *com segurança*.

Creio, meu filho, que não é o receio da doença, mas *as tuas convicções morais* que te afastarão dêsses pecados; no entanto, bom é saberes que, segundo o testemunho de médicos sérios *ainda não apareceu até agora um único remédio infalível contra êsse contágio*, e os teus companheiros enganam-se a si mesmo com suporem que o há. Fazem o papel da criança medrosa que se põe a assobiar num quarto escuro para criar coragem. Só a propaganda dos jornais conhece remé-

Um longo e doloroso tratamento pelo mercúrio, pelo iôdo, por várias espécies de injeções, pode *aliviar* o doente; mas o "êxito certo" com que os teus camaradas te encorajam para o pecado raramente quer dizer *cura completa*, e, as mais das vêzes só os *sintomas* da moléstia é que desaparecem continuando a própria doença, dissimuladamente, a corroer todo o organismo. Estarei curado quando desaparecer a febre? Mas se os bacilos continuam a viver em mim e prosseguem na sua ação perniciosa?

Lê o que a tal respeito escreve um médico: "Não se pode negar que em muitos casos a cura não é senão aparente. Apesar de cuidados especiais, depois de meses ou anos os sintomas reaparecem, prova de que o veneno da sífilis ficara no corpo, em estado latente. Se o médico intervém imediatamente, pode acontecer que de novo desapareçam êsses sintomas durante certo tempo; a sífilis torna-se de novo latente, como sucedeu na primeira vez" (Dr. H. Pauli: "Halte deine Jugend rein!", p. 29).

E, embora se obtivesse a cura, tornar-se-ia o organismo tão enfraquecido, assim pela própria doença, como pela absorção dos remédios, que aquêle que se curou da sífilis fica ainda exposto a outras doenças. O célebre médico de Munique — Gruber — verificou que, nas grandes cidades, entre homens de vinte e seis a sessenta anos, a percentagem de óbitos era muito maior que no campo. A princípio, não se podia saber a causa dêsse fato curioso, pois numa grande cidade não se descobriu epidemia especial que tivesse feito devastações. Mas de repente tudo se esclareceu: êsses homens citadinos, que morriam na flor da idade, eram sifilíticos desde a mocidade. *Tinham sido curados, mas não tinham recuperado a sua fôrça vital de outrora.*

Distinto jovem obteve, aos trinta anos, bela colocação e quis casar. Mas, precisamente antes do casamento, sobreveio-lhe terrível moléstia, que o vitimou. Nem êle conhecia a causa dessa moléstia, nem o médico sabia o que poderia estar arruinando física e moralmente aquêle môço robusto e, aparentemente, cheio de saúde. Finalmente, disse-lhe o médico que os sintomas indicavam uma doença que era, sem dúvida, conseqüência de ato impuro. O infeliz derramou abundantes lágrimas e, nos soluços, reconheceu que dezesseis anos antes, *única vez em tôda a sua vida*, caíra no pecado, e o médico verificou que, por essa ocasião, o terrível bacilo se introduzira em seu organismo, nêle se desenvolvera, e agora, *dezesseis anos depois*, começa com virulência o seu trabalho destruidor. O infeliz abandonou a colocação que tinha, rompeu os laços que o ligavam à noiva e abandonou o país.

Por essas e outras é que aconselho sempre a todos os que descobrem em si o sinal dessa doença que procurem imediatamente um médico consciencioso, pois não só os que cometeram a ação impura, mas até inocentes podem, por contágio, ser vítimas do terrível mal. A vergonha, a dissimulação do mal diante do médico, só poderão agravar a doença. E' verdade que um tratamento médico iniciado oportunamente pode impedir o desenvolvimento funesto da doença; *mas, segundo as verificações científicas, só há um remédio seguro contra a doença. Exclusivamente um! Será preciso nomeá-lo? O preservativo perfeito, o único remédio seguro,* é, irredarguìvelmente, a *pureza de vida*. Consoante afirma um médico alemão, "jovem não pode evitar com segurança as doenças venéreas senão por meio de uma *castidade absoluta e total*" (Dr. H. Pauli).

53. Uma vassourada, por favor!

Também tu, meu filho, poderás fazer alguma coisa contra o progresso da corrupção moral. Sabes o que é *boicotagem?* Achas que não teria resultado — sobretudo nas cidadezinhas em que há poucas livrarias — a ação concentrada de um grupo de moços honestos e enérgicos, que tomassem para lema — *"Uma vassourada, por favor?"* Com isso, não pensamos apenas no lixo, nas varreduras, nas pontas de charutos, nos bacilos. Pedimos a limpeza das ruas, no sentido de afastar dos quiosques, das livrarias, dos pontos de jornais êsses montões de sujeira que, sob o protesto de "arte", se impingem aos transeuntes. Quando a peste bubônica alastra por qualquer lugar, sabes como nos devemos defender dela? Começa-se por dar cabo dos ratos, que são os propagadores do mal. Seria preciso, pois, exterminar também os ratos da peste moral.

Fôra sinal de fraqueza, de covardia deixar que se especule com os baixos instintos do público, expondo à venda romances de amor e histórias perversas. Acrescentarei mesmo que as obras clássicas dos grandes pintores podem tornar-se ocasião de pecado, quando expostas em lugares onde os respectivos autores não as teriam colocado. Por que não temos nós a coragem de recorrer a êsse meio de legítima defesa, à boicotagem das pornografias dos piratas da rua, cujos mostruários são outros tantos insultos à moralidade pública.

E' realmente lamentável que o pecado se exiba sempre mais ostensivamente que a virtude. Seguramente, também temos direito na rua. A lei, noutro sentido — é verdade — reconhece-nos êsses direitos na rua e vela para que ninguém atente contra êles. Mas eu também tenho o direito de exigir de todos uma atitude conveniente. E, se alguém se apresentasse na

rua mais ou menos como é visto em livros e imagens de vitrinas, a polícia interviria imediatamente. Então, por que é que tantos moços e môças, mulheres honestas e homens sérios se vêem obrigados a desviar os olhos dos mostruários de mercadores sem consciência, para não ter que corar das imundícies que espezinham as leis morais e se acham expostas com o nome de "cartões artísticos"? Polícia e limpeza das ruas! Boicotagem pela sociedade moralmente sã! Se vês num mostrador cartões pornográficos, dize ao comerciante que nada comprarás. Se encontrares um livro obsceno em qualquer livraria, dize ao livreiro que não porás mais os pés em sua casa. Meu filho, *não vás comprar nada em farmácia que vende veneno para a alma e para os costumes!*

Se eu fôsse temperar minha pena em o fogo da maior indignação, ela não poderia descrever, mesmo aproximadamente, o oceano de miséria moral em que êsses livros e essas gravuras já fizeram mergulhar a juventude e a puerícia.

54. Contra a corrente.

E' possível que sejas freqüentemente obrigado, por causa de tuas convicções, a nadar contra a corrente; mas é certo que o que nada com a corrente acabará *sendo arrastado por ela.* Resiste à opinião — tão freqüente na atual sociedade — que nada vê de condenável no aviltamento da mulher Eu sei que seria necessária uma revolução para modificar a opinião frívola atual, e também sei que aquêle que quiser operar essa modificação terá necessidade de mais coragem do que para escalar muralhas. Todavia, esperemos que venha uma época em que terá fim a iníqua inconseqüência em vigor na opinião pública moderna, que despreza

e afasta aquêle que cometeu o menor desvio ou o mais insignificante furto, e, ao contrário, tolera, e até julga herói o que rouba a honra de uma mulher. Trabalha, pelo teu próprio exemplo, para o advento dessa época em que a delicadeza da alma dará o tom, e não a grosseria ou a obscenidade. Sê verdadeiro fidalgo, isto é, "jovem cavalheiresco" môço de nobres pensamentos que *vê uma degradação na menor palavra, no gracejo picante e na menor expressão dúbia. Sê nobre em teus pensamentos! Sê irrepreensível!*

Acredito no que escreve um dos mais célebres pedagogos da nossa época — Foersters: "Os atos sexuais de muitos rapazes modernos não se parecem realmente com o modo de viver de um bando de ciganos que vagabundeiam e dormem ao ar livre, no meio de um mundo civilizado? Tempo virá em que a o.dem e a pureza, também neste domínio, pertencerão à definição de homem correto, com a honestidade nas questões de dinheiro; e em que o médico não mais aconselhará ao môço relações sexuais fora do casamento por motivo de "higiene", como não aconselharia o operário a que roubasse víveres para obter melhor alimentação" *(Erziehung und Selbsterziehung.* Zurich, 1917, p. 230).

55. Sob a saraivada do motejo.

Talvez venham a chasquear da tua atitude reservada, por não te sentires à vontade no meio de conversas estercorosas e de corares logo que ouvires uma palavra imprópria. *Meu filho, orgulha-te disso! Orgulha-te de poderes corar!* O pudor em nós não é "criancice", "ingenuidade", "hipocrisia" — como êles dizem, — senão um ato de valor incalculável, uma arma recebida da natureza, que defende, quase sem que o

percebamos, a parte mais nobre da nossa pessoa contra os maus pensamentos. Para o jovem, o pudor, que defende quase instintivamente contra a impureza a sua alma delicada, é precioso tesouro. E' um poderoso dique contra as ondas da imoralidade, que de todos os lados rebentam contra a nossa alma. Até o poeta pagão Plauto sentia "estar perdido aquêle que já não tem pudor"; *"Ego illum perlisse duco cui periit pudor"*. Prefere que os teus salazes companheiros te tratem como hipócrita, como idiota, a *mereceres a estima dêles à custa da pureza de tua alma*. Lembra-te desta bela máxima de S. Agostinho: "Não odeies os homens por causa dos seus erros e das suas faltas, mas não estimes as faltas e os erros por amor dos homens".

E' covarde quem não sabe tolerar, contra as suas convicções, algumas contrariedades. Outrora débeis crianças, sem dizerem palavra e por amor a Cristo, se deixaram despedaçar por animais ferozes. Aos quatorze anos S. Vito sorria ao mergulharem-no em azeite fervente — por amor de Cristo; e aos treze anos Pelágio suportava que durante seis horas lhe arrancassem os membros, um após outro, — também por amor a Cristo.

As zombarias e chalaças de teus companheiros marranos compreendem-se muito bem. A tua presença é molesta aos que se espojam no esterquilínio. E como olham êsses salafrários com tanta raiva para quem não quer deitar-se junto com êles no muladar! A rã, ainda que esteja sentada num tronco, salta sempre para o charco, pois só ali é que se sente à vontade. Talvez conheças esta velha máxima: *"Sunt, a quibus vituperari laudari este"*: há certas censuras que para nós são o maior louvor. E podes crer que, se o asno injuria a rosa, é porque esta não usa ferraduras.

Sempre me admirei muito de que se desse importância ao julgamento dessas almas desviadas. Creio saberes que em Pisa, na Itália, a tôrre da catedral é inclinada. Ora, se essa tôrre inclinada pudesse pensar, certamente desprezaria tôdas as outras tôrres do mundo: "E' admirável que, de tôdas as tôrres, seja eu a única em boa posição!"

Não ouviste falar no que aconteceu a uma aldeiazinha oculta na montanha, onde todos os habitantes eram papudos em razão da água e da vida que levavam? Certo dia, alguns turistas passaram por ali. Apresentavam ótima saúde; entretanto, os papudos correram atrás dêles, fazendo grande alarido, rindo e chocarreando: "Vêde só!... Homens que não têm papo!"

Em tôdas as lutas fortifica em ti esta santa resolução: Quem não quer perder o seu caráter e a dignidade da sua pessoa, tornando-se escravo dos seus instintos, não deve entregar-se aos prazeres proibidos. Quem dá importância ao caráter e quer desenvolver harmoniosamente a sua personalidade, cumpre que vale, como se se tratasse de um tesouro, pela sua integridade física e moral, até ao sacramento do matrimônio, que Deus instituiu para êle. "E' valente quem vence um leão" — escreve Herder, — "é valente quem submete o mundo; porém mais valente ainda é aquêle que se vence a si próprio". O teu bigode cresce por si mesmo, as tuas pernas por si mesmas se tornam mais compridas, mas o verdadeiro caráter viril não se desenvolve por si próprio. Assim também, deves lutar e arrancar todos os dias um pedaço à tua fraqueza inata, mediante séria abnegação e trabalho verdadeiramente consciente.

56. Não é verdade! mil vêzes não!

Que é o que não é verdade? O que os teus companheiros querem ainda dizer para quebrantar a tua firme resolução, quando vêem que nenhum dos seus esforços te pode fazer renunciar a vida casta e à continência. Apoiando-se em sua própria experiência e no que ensinam alguns médicos, cochicham aos teus ouvidos, até que fiques aturdido: "Tartufo, hipócrita, é em vão que te esforças por manter castidade até ao casamento; isso é um absurdo, é impossível! Tu queres o impossível. E' preciso gozar a vida. E' na mocidade que nos devemos divertir. Só idéias retrógradas podem exigir uma juventude casta. Um corpo môço, bem desenvolvido, transbordante de fôrça, é incapaz disso. O desejo sexual é como o respirar e as pulsações do coração: vem por si mesmos, e nada poderás contra êle. Não pode ser prejudicial aquilo que a própria natureza acende em nós, e não é permitido resistir-lhe. Por que te hás de fazer violência a ti mesmo? Ficarás doente! Ficarás nervoso! Tornar-te-ás anêmico, se abafares as exigências dos teus instintos, se aguardares o casamento. Vê, João e Paulo foram consultar o médico, e êste recomendou-lhes que procurassem os prazeres sexuais, embora razoável e prudentemente".

Isso é o que te dizem os teus salazes camaradas, mas *isso é que não é verdade*. Não é verdade que devas passar a tua mocidade da maneira que entendem os teus companheiros. Efetivamente, a Igreja Católica exige dos seus ministros a continência durante *tôda a sua vida*, e êles não ficam doentes por isso. Ao invés, vivem muito mais que os outros homens. Ser-te-ia impossível conservar a castidade, não tôda a tua vida, mas apenas até ao casamento? Digo-te que não é verdade o que te dizem os teus maus companheiros. *Não é verdade que um corpo môço, bem desenvolvido, seja incapaz de guardar a continência. E também não é verdade que uma vida, por ser casta, acarrete como conseqüência qualquer doença.*

Então onde está a verdade?

57. Não brinques com fogo.

A verdade está nisso: Quem é de palha não deve brincar com fogo. E' preciso afastar-se dêle. A verdade está é nisso. O que é verdade é que o cano de uma carabina de calibre seis se arrebentará, se se lhe aplicar uma bala de nove. O que é verdade é que o fio elétrico se funde, quando o raio lhe cai em cima. O que é verdade é que se racha o tubo do órgão, se se lhe introduzir ar em demasia. O que é verdade é que se precipita o mais manso cavalo, se se lhe coloca nas orelhas qualquer objeto inflamado. O que é verdade é que os teus camaradas, talvez desde muito, e em conseqüência do hábito do pecado, arruinaram de tal modo a sua fôrça de vontade, que agora lhes parece impossível a vida casta.

No museu nacional de Berlim está exposto um quadro comovedor, diante do qual ninguém pode estar sem que o assalte uma onda de tristeza: Nas profundezas de um terrível desfiladeiro, ruge impetuosa torrente; atravessa o abismo uma ponte, que se torna cada vez mais estreita, ao ponto de, bem no meio, não consistir em mais do que uma simples tábua; por ela transita um jovem cavaleiro de faces abrasadas e olhos brilhantes, que não enxerga o abismo nem a estreita pinguela; só vê uma coisa: a fada encantadora dos gozos sensuais, que lhe acena lá muito em baixo, perto de uma rocha, do outro lado. A ela sòmente vê, e prossegue seu caminho com sinistra cegueira enquanto

a par dêle avança a morte ameaçadora, com a foice na mão descarnada. O cavaleiro está prestes a chegar à prancha, e lá em baixo, gorgolhando, as ondas espumantes... a fauce hiante do inferno!

O que se despenha pelo declive da impureza dificilmente susterá os passos. Essa é que é a verdade.

Os antigos falam muitas vêzes acêrca de uma cordilheira dotada de extraordinária fôrça magnética, a qual avança para o mar. Quando um navio, impelido pela tempestade, dela se aproximava, a montanha atraía-o com irresistível fôrça, e êle se fazia em mil pedaços. Também falam muito das sereias de cantos sedutores, que atraíam o viajante cativado pelo seu encanto e o matavam implacàvelmente. Sem dúvida, nem aquela serrania magnética, nem as sereias existem realmente; mas corre perigo mais terrível que o da montanha lendária e que o dos cantos das sereias aquêle que se põe a brincar com as seduções da vida impura. A verdade é esta.

O que é também verdade é que, se os teus camaradas, desde a primeira tentação, se tivessem mostrado mais severos com os seus maus desejos, a sua vontade não oscilaria hoje à menor tentação, como trapo sem valor. A princípio, êsses desejos são ainda tímidos e menos violentos; então é que se lhes tornaria preciso mostrar fôrça de alma, e não seriam agora obrigados a disfarçar suas faltas com vãos pretextos. Tu sabes que se podem guiar as próprias feras mais selvagens; o domador chega a enfiar a cabeça na bocarra do leão, e nem por isso se fere. Como não poderemos nós dominar nossas próprias paixões?

O próprio instinto não é invencível: mas uma vontade enfraquecida não domina o instinto artificialmente excitado.

Não queres ficar doente! Então, por que introduzes bacilos em ti mesmo? Não queres ter tifo? E por que bebes água infeccionada?

Quando a própria natureza nos impele para a vida sexual, não podemos abafar êsse instinto. Eis a resposta do professor de medicina da Universidade de Budapeste — Leão Lieberman:

"Respondamos agora àqueles que, fiando-se sem reservas nos instintos postos em nós pela natureza, sustentam que não pode ser nociva a satisfação de qualquer dêstes instintos.

Nós lhes respondemos que a natureza dotou o homem de vários instintos; cada um dêles corresponde a tal ou tal fim, pois um só instinto não bastaria aos diferentes fins da natureza. *Um dos fins* da natureza é que o homem se perpetue, por isso ela o dotou do instinto sexual; *outro fim* é que a sua posteridade se desenvolva sãmente, e que o indivíduo, na qualidade de seu criador direto, conserve a sua integridade e saúde. Mas, como a satisfação dêsse instinto sexual, que serve à propagação da espécie, poderia fàcilmente tornar-se prejudicial ao outro fim, somos dotados de outro instinto que regula o primeiro, e que poderíamos chamar *instinto de reflexão.*

Aliás, os instintos mui freqüentemente se revelam enganadores.

Depois de uma febre tifóide, o convalescente sempre tem fome, a ponto de chorar ao suplicar um pouco de alimento. Talvez que o instinto da alimentação nunca se manifeste com tanta fôrça como nessa hora. E, todavia, que acontecerá se, por compaixão, se ceder às suas súplicas e lhe der o que êle reclama? Exposto fica ao maior dos perigos. Com as suas chagas mal cicatrizadas, o doente, reclamando alimento, não se acha em estado de o suportar; as chagas reabrem-se,

e quando um dêsses infelizes chega à mesa de operações, vê-se que o alimento assaz desejado o matou e que seus intestinos estão inteiramente crivados de buracos.

Quem já não foi impelido pelo seu instinto a beber um copo de água fria ou a tomar um banho frio, quando está suado a ponto de se afrontar? Mas tôda a gente sabe que perigosas conseqüências pode ter essa ação irrefletida, e êsse é o motivo por que nos abstemos dela. Todos vêem, pois, a exatidão das nossas afirmações: que o instinto se pode enganar e tem necessidade de ser refreado". (Lieberman: *"Aos alunos da Universidade e dos liceus"*, Budapeste, 1912, p. 11-12).

O animal não age senão conforme o seu instinto, e o instinto nunca o arrasta por um caminho falso. Mas no homem a razão governa o instinto; e muitas vêzes a razão contradiz as exigências dêle.

58. Aproveita a mocidade.

Sim, é preciso aproveitar a mocidade, tirar dela o melhor provento, mas sem soltar as rédeas aos instintos; de tal modo que — tendo consciência da importância dos seus verdes anos — se trabalhe com santa gravidade para formar em si um caráter viril. Se as tuas fôrças se distendem até que estourem, se um sangue borbulhante anda em tuas veias, nesse caso *atira-te ao trabalho e utiliza* essa energia para cumprir o mais exatamente *possível os teus deveres de cada dia. Possa a parte mais nobre da nossa pessoa, o nosso espírito,* florescer e chegar ao papel de guia, e ensinar aos nossos desejos sensuais a submissão e a obediência.

Ês livre — dir-te-ão; e "liberdade", "independência", são palavras encantadoras para a mocidade. Sê livre e independente, mas sê ao mesmo passo prudente e razoável. Como em a natureza também no mundo moral há leis para observar e não é impunemente que as desprezamos. Quando fazes uma excursão por alta montanha e encontras uma barreira ao longo de um perigoso atalho — ainda que sejas livre e independente — não irás derribá-la, com o pretêxto de que "é um obstáculo à tua liberdade". Ou então, se a derrubares, cairás irremediàvelmente na voragem. As leis morais também são barreiras que em tua juventude te podem parecer estorvos insuportáveis, mas que na realidade te impedem de caíres no abismo. Portanto, aproveita a vida, mas não calques aos pés as leis morais. Sê livre, mas, pela nobreza da tua vida, consuma-se a vontade do Criador.

"Abafando assim os nossos instintos, contrariando as nossas disposições, extirpando as nossas más inclinações, agimos contra a natureza" — soprar-te-ão aos ouvidos. Contra a natureza? As Ordens Religiosas da Idade-Média derribaram as matas virgens, frutos da natureza, apenas para criar em lugar delas a *civilização.*

"Vive, pois, a tua vida! Diverte-te" — eis o que ouves de todos os lados. Bem! Nosso Senhor não o proíbe. Êle não te pede que te confranjas, que não vivas a tua vida. Apenas exige uma coisa: Vive a tua vida, mas não te chafurdes na lama, não desças; ao revés, *sobe, caminha sempre mais para cima.* Vê como a roseira se desenvolveu livremente enquanto pequena (o jardineiro deixou-lhe complacentemente todos os renovos e ladrões); terá ela fôrça para dar sempre flôres? Nunca! Pois as fôrças mais preciosas da sua juventude foram desperdiçadas nos ladrões. *Meu filho, tu é que és o jardineiro responsável pela roseira da tua alma.*

Ah! quantos moços já derramaram lágrimas de desespêro no silêncio da noite, porque ninguém os avisou, a tempo, das consequências dêsse pecado! do primeiro pecado! do primeiro!...

59. Castidade e saúde.

Insta dizer, ainda, algumas palavras acêrca daquilo que teus companheiros de consciência larga e os médicos, por leviandade, — não ousarei dizer por espírito de ganância, — te afirmam que a "castidade é prejudicial". Naturalmente, tais afirmações agradam aos moços, que nelas encontram escusa para seus pecados. Que haja dêsses médicos, bem o sei; mas a êsses os médicos sérios os consideram charlatães. "Todo o médico que dá tais conselhos comete uma infâmia" — diz o professor Ziemssen.

E' quase incrível que excelentes moços se deixem embair pela afirmação aérea de que adoece quem observa a castidade, passando a sofrer do sistema nervoso. Companheiros corrompidos falam-te nisso com tal insistência, que tu, inconscientemente, começas a modificar as tuas convicções; e se em qualquer noite acordas, seja porque estás com dor de cabeça, seja porque o coração te pulsa aceleradamente; ou, então, se a cabeça se vira um pouco mais, ou o teu rosto apresenta alguns botões, imediatamente te surge êste pensamento: "E' isso mesmo! Sim, é verdade! Estou sofrendo do sistema nervoso".

Meu caro filho, não creias nessas tolices! Ainda que fôsse verdade! Não é saúde o maior tesouro que existe à face da Terra. O caráter, a honra, a pureza da alma, são-lhe superiores. E, embora devesses sofrer realmente breve dor de cabeça, algumas tonteiras, *ser-te-ia permitido por semelhante bagatela destruir como farrapo a candura da tua alma?* Ser-te-ia permitido recalcar os direitos da tua alma para evitar um pequeno incômodo?

Contudo não é verdade. Não é verdade que a pureza de vida cause o menor mal à saúde. Mostre-me uma única obra de medicina, uma obra séria, cujo autor esteja pronto a provar o que afirma; mostrem-me um só médico que compreenda sèriamente a sua profissão, e que possa citar uma doença como conseqüência da castidade. *Não o encontrarão em parte alguma do mundo inteiro.* Pelo contrário, há milhares de livros que tratam das funestíssimas devastações causadas pela impureza. Sem dúvida, existem por aí dêsses "médicos" que favorecem as inclinações sexuais da mocidade — pois isso favorece também o comércio! — e aprovam em palestras particulares a violação da moral; mas os especialistas nestes domínios, as *primeiras autoridades,* pronunciam-se de modo muito diferente.

60. O que diz a ciência médica.

O irmão de um aluno do ginásio, estudante na Universidade, dizia-lhe, depois de haver lido o meu livro: "Está bem: a coisa não é assim tão grave. E' belíssimo o que se lê nesse livro. Mas só os padres dizem isso. E' verdade que se não deve começar a coisa muito cedo. Entretanto, uma vez que se chegue aos vinte anos..."

E' isso, meu filho? "São os padres que o dizem?"

Se não te aborrecem, lê as seguintes declarações, não de sacerdotes, mas de médicos de reputação mundial:

Krafft-Ebing afirma que todo o homem normalmente desenvolvido pode viver em castidade, sem que a sua saúde sofra a menor alteração após a sua continência *(Psychopathia sexualis,* 1876, p. 104).

Forel, célebre neurólogo de Zurique, escreve em seu livro *Die sexuelle Frage:* "Em circunstâncias normais, para um môço que trabalha com seriedade, intelectual e sobretudo fisicamente, e que se abstém dos narcóticos que paralisam a vontade e a memória, assim como das bebidas alcoólicas, a continência não é de modo algum impossível.

Sua saúde não sofre com ela. Jamais encontrei uma doença nervosa como resultado da continência, mas, sim, muitas causadas pela sífilis e outros desregramentos. Sustentamos mesmo que, para os jovens, a castidade até ao casamento é não só moral e estèticamente, senão também higiênicamente, o melhor modo de viver".

O Dr. Rossier assevera: "Também eu me sinto feliz por ser contado no meio daqueles que têm a coragem de afirmar que a castidade não prejudica, de modo algum, a saúde do jovem. Gostaria de dizer a cada um em particular: Não creias nos médicos que te desaconselham a viver casto antes do casamento, pois êsse parecer é errôneo e prejudicial".

O Dr. Herbst, médico de Nuremberg, escreveu: *"A abstinência perfeita não faz tanto dano quanto a imoralidade"*. Deve-se declarar do modo mais peremptório que tal afirmação é falsa. A abstinência perfeita não faz nenhum dano. Quem diz o contrário comete grave êrro, ou procura justificar os seus próprios atos. Cumpre-me dizer também outra coisa: A abstinência é possível, mas deve-se praticar não só corporalmente, senão ainda espiritualmente. Não só o corpo precisa de abstinência, mas também a imaginação. A vida verdadeiramente pura é possível, e, sôbre ser possível, é acompanhada de grande bênção".

No segundo *Congresso Internacional da Profilaxia Sanitária,* que se realizou em Bruxelas, de 1 a 6 de setembro de 1902, foi adotada a seguinte resolução: "Deve-se sobretudo ensinar à mocidade que a castidade não é absolutamente nociva à saúde, mas chega a ser recomendável sob o ponto de vista médico".

E acede o Dr. Surbled: "Viver casto é possível, e nunca perigoso. A devassidão pode causar muitos males, mas a castidade nunca. O que o prova é o fato de muitas obras tratarem das doenças que resultam dos excessos sexuais, ao passo que as doenças que seriam causadas pela continência ainda esperam o seu historiador".

A Faculdade de Medicina da Universidade de Cristiânia fêz a seguinte declaração: "Nesses últimos tempos, afirmou-se pela imprensa e, até, em congressos que a vida moral e a continência sexual são prejudiciais à saúde. Ora, essa é uma afirmação inteiramente falsa. Não conhecemos doença alguma que se possa atribuir a uma continência perfeita e a uma vida moral". Assinaram essa declaração: J. Nikolaíyson, E. Winge, Jakmann, J. Heiberg, J. Ijort, J. Wann, Mueller, e E. Schoenberg, professôres na Faculdade de Medicina da Universidade de Cristiânia.

"A abstinência absoluta para homens não casados não é só necessidade moral, mas também necessidade de higiene. Com tôda a verdade podemos ratificar esta rigorosa sentença, expressa por Mobius: "Todos os médicos que dizem o contrário são piores que a peste" (Dr. méd. W. Bergmann: *Império sôbre si mesmo,* Herder, 261). "O médico que aconselha os jovens a procurarem certas casas perpetra conscientemente um crime. A ciência não conhece nenhuma doença cuja causa seja a abstinência sexual" (Dr. Ziemssen cit. Berger: *Vive puramente.* Tirólia, Innsbruck, 71).

Mantegazza, fisiólogo italiano, deixou escrito o seguinte: "Todos os homens, e sobretudo a juventude,

podem fazer em si mesmos a experiência dos benefícios causados pela castidade. A memória é fácil e tenaz, o pensamento vivo e fecundo, a vontade robusta, e o caráter atinge uma energia que os depravados não conhecem. Nada nos mostra o que nos rodeia em côres tão belas como o prisma da castidade, que projeta o seu arco-íris sôbre tôdas as coisas do mundo e proporciona contentamentos sem a menor sombra" (*Apud* Foerster: *Jugendlehre,* 1913, p. 625).

"O que sei com certeza é que tenho visto muitos casos onde a vida foi bem gozada, e, depois, veio o esgotamento, a parálise, a loucura; conheço no mínimo umas vinte doenças diferentes cuja causa foi a vida desregrada; nunca vi, porém, nenhuma doença cuja causa fôsse a pureza de vida" (Mantegazza: *Guia para os estudantes alemães.* Herder, 1922. 157).

O mesmo autor assevera no livro *"Neuropathia sexualis virorum".*

"O povo em geral, bem como certos médicos, prazerosamente esposam a opinião de que é nociva a abstinência na vida sexual; tal opinião é perigosíssima para a juventude, porque a leva ao conúbio ilícito e a atos genésicos pecaminosos. Contra essa errônea opinião não podemos deixar de lançar o nosso veemente protesto" (Wegener: *Nós Homens Jovens,* Düsseldorf, 1906, 15).

Eulemburgo, professor de psiquiatria na Universidade de Berlim, declara: "Duvido que qualquer pessoa tenha jamais ficado doente, e sobretudo neurastênica, ùnicamente por causa da continência ligada a uma vida razoável. Considero tal afirmação, tantas vêzes repetida, uma parolagem vazia e insignificante" (*Apud* Foerster, *op. cit.* p. 625).

Oesterlan, em ua obra intitulada *Handbuch der Hygiene,* observa: "O jovem e igualmente a jovem

deverão praticar a continência até que chegue a sua época. Isso não lhes será difícil, se refletirem em que todo o seu futuro, principalmente a sua felicidade no casamento, depende do modo como tiverem vivido na juventude. Devem os moços saber que saúde robusta, energia viril e consciência reta são os ricos e belos frutos da continência juvenil".

"A continência é possível" — escreve a Dra. Emanuela Meyer — "é possível sem prejuízo da saúde; demonstraram-no centenas de milhares de pessoas" (*Von Maedchen zur Frau,* Estugarda, 1917, p. 121).

São do Dr. Stark, conselheiro de higiene, as seguintes palavras: "Não esposo a opinião de que a abstinência pura na vida sexual seja causa da nervosidade. Não conheço nenhum caso disso".

Também o Dr. König *disse francamente:* "Na Terra, nenhuma virtude tem tanta recompensa quanto a pureza e a fidelidade no casamento". (*Marco na vida dos homens jovens,* p. 12).

"Os médicos que aconselham os jovens a procurarem fora do casamento a satisfação do instinto sexual tornam-se culpados de uma leviandade imperdoável. Quando um môço se queixa de dores de cabeça, pulsações cardíacas, deve ser submetido a minucioso exame para saber se não se entrega demais ao álcool, ao chá, ao café ou ao fumo. Deve-se também averiguar se leva uma vida regular ou se outro motivo existe para o seu mal-estar. Mas aquêle conselho, tão despido de escrúpulo, não deve ser dado" (Hersen, *professor* de medicina em Lausane, Suíça).

Maximiliano Gruber, notável professor em Munique, manifesta-se a êsse respeito, tendo em vista as teorias, experiências e estatísticas: Não há quem possa demonstrar que a abstinência sexual é nociva à saúde; muito ao revés disso, tôdas as pessoas que precisam

produzir árduo trabalho físico ou espiritual hão de notar que a abstinência é fonte poderosa de energia para levar a cabo o seu empreendimento. Os atletas do tempo antigo o sabiam, como o sabem os grandes esportistas da nossa era e também os veros cientistas e os artistas produtores" (Suszai: *Guia para a vida cristã,* Kolosvar, 1910, p. 82).

"Podemos afoitamente asseverar que a abstinência nunca foi prejudicial para pessoa alguma, ao passo que as delícias da vida sexual tem sido muito nocivas para inúmeros indivíduos" (Stikers: *Vida sexual e propagação do ponto de vista médico,* Muenchen-Gladbach, 1916, p. 60).

Escreve o Dr. May: "Na minha prática de cêrca de trinta anos, tenho visto muitas vítimas da vida imoral, mas vítimas da abstinência moral nunca vi nenhuma" (Hammelrath: *Fôrça dos teones e a questão sexual,* Trier, 1917, p. 65).

Um testemunho provindo das escolas de Karlsruhe: "Não tem fundamento a afirmativa de certos sabedores superficiais de que o instinto sexual sufocado pode causar doenças. Nenhum médico digno do seu nome poderá asseverar que tal ou tal doença tenha por causa a abstinência sexual. Não há médico de consciência que se não corra de afirmar que um homem, para ter saúde, não deve praticar a abstinência sexual. Por ser abstinente, nunca homem algum deixou de gozar boa saúde" (Dr. M. Asaba e Dra. Asia: *O que uma môça deve saber,* Budapeste, 1931, p. 31).

"Os homens abstinentes, às vêzes, têm poluções, que é um processo natural, e não doentio" (Dr. H. Paul: *Sê puro na tua juventude,* Estugarda, p. 62-63).

"A moral religiosa corresponde à lei da higiene" (*Ibidem,* p. 70).

"De maneira geral, são os mesmos os problemas mais íntimos da vida conjugal, as exigências da higiene e as da moral. Assim, a pureza sexual, a exigência da vida matrimonial, a condenação da esterilidade artificial, do abôrto, dos gêmeos, são leis da religião, da moral, e para o médico são dogmas da higiene. Os conselhos do médico sôbre a vida sexual e sôbre os êrros perigosos na vida matrimonial são uma como propaganda da moral" (Dr. Luís Hajpós: *O Matrimônio e a Ciência Médica,* 1930, p. 257).

Veja como a *Federação dos Escoteiros Húngaros* se manifesta sôbre êste assunto: "Se depois do que disseram Forel, Krafft-Ebing, Rohleder, Seved, Ribbing, Mantegazza e outras celebridades mundiais, haja alguém que tenha o ousio de afirmar que a vida casta é perniciosa para a saúde, ou que, segundo as leis da moral cristã, é impossível viver, não se pode deixar de considerar êsse alguém como grande impertinente, cuja inteligência é certamente muito curta e obscura, e a sua vida moral deve ser defeituosa" (Sik: *Livro dos Guias dos Escoteiros Húngaros,* Budapeste, 1922, p. 62).

Haja vista ao nobre rigor com que a êsse respeito se exterioriza o *Grupo da Sociedade Médica Húngara*: "Em nome das médicas cristãs, cuja fé e cuja ciência juntamente ninguém poderá negar, queremos bradar, alto e bom som, para que a mocidade feminina, ouça bem claramente, sobretudo nos momentos das tentações e dos perigos: Não é verdade que a abstinência na vida sexual seja nociva. Não há nenhum médico de caráter que possa afirmar ser causa de qualquer doença a abstinência moral. Se houver crises de nervos cujas causas queiram procurar na vida abstinente, é porque as doentes não são verdadeiramente puras pois com tôda a certeza são as suas más companheiras ou

as suas mais ternas que lhes irritam a imaginação e os nervos.

E' bem alta a cifra das estatísticas de môças e meninas infelizes pela falta de abstinência sexual ou por culpa dos pais, as quais foram parar nos hospitais de alienados, ou nos institutos dos cegos, ou nas cadeias".

Eis aí um punhado de afirmações de médicos sérios. Repito-o: Não são padres que assim falam, mas eminentes médicos. Acrescenta a isso um número infinito de misérias, ruínas e doenças que andam a par da impureza; isto faz com que, em conseqüência de *uma só* noite, milhares e milhares de moços sejam esmagados pelo pêso de uma doença vergonhosa, por muitos anos, ou até completamente arruinados de corpo e alma. Isso é o que deves dizer aos camaradas que te vêm falar das conseqüências prejudiciais e da impossibilidade da castidade. Mostra-lhes êsses numerosos hospitais e asilos, em que se agitam milhares de infelizes vítimas da impureza; e, ao invés, pede-lhe que te mostrem, se forem capazes, um único hospital em que se tratem aquêles que adoeceram em consequência da sua continência. *Que te mostrem apenas um!*

E o que nós vemos nos indivíduos manifesta-se da mesma forma nos povos. A história fala de grandes nações que desapareceram por causa da vida dissoluta de seus habitantes, mas não conhece nem uma que tenha sido levada à ruína pela vida pura, casta e honesta.

61. Deus e a natureza.

Efetivamente, não pode ser de outro modo, visto que as santas leis do Criador exigem a continência perfeita antes do casamento. Convictamente o assevero: se Deus tivesse dado sòmente leis, sem ter cuida-

do, ao mesmo tempo, de que os seus observadores não viessem a sofrer coisa alguma em sua saúde, então Deus estaria em contradição consigo mesmo — o que é impossível. Os filólogos fizeram uma interessante comprovação, ao descobrirem que nas línguas germânicas as palavras "são e "santo" *(heil* e *heilig)* têm a mesma raiz; isto é que aquêle que age segundo a vontade de Deus não prejudica, absolutamente, a sua vida física. E se a vida casta fôsse prejudicial, por que havia a natureza de punir com doenças tão asquerosas e horrendas *a vida imoral?* A natureza nunca está em contradição consigo mesma. Não é mero acaso, mas sinal manifesto da natureza, não haver nos animais vestígios de doenças venéreas, porque êles são incapazes de qualquer desordem sexual. Esta é triste privilégio da vontade humana!

Todos os homens nos esforçamos em tudo por ser mais distintos que os animais; não devoramos, mas comemos; não mugimos, mas conversamos; não temos focinho, mas rosto; só num ponto, no domínio sexual, é que podemos descer, é que podemos ser inferiores aos irracionais.

A nenhum dos sêres criados forneceu Deus instrumentos mais úteis do que as mãos ao homem. Se a nossa mão não fôra tão maravilhoso instrumento, mal a poderíamos fazer prevalecer sôbre os animais. E' com a nossa mão que preparamos o alimento, esculpimos estátuas, nos vestimos, preparamos remédios, escrevemos livros, dirigimos os navios, conduzimos os trens, coisas essas tôdas de que o animal é incapaz. A mão fala da grande confiança de Deus em nós. Não era, acaso, necessário que o homem se servisse dela para se elevar acima do animal? E pelas suas ações pecadoras, pelas suas torpezas, a mão do homem o torna mais vil do que as bêstas.

E não se vê, claro como a luz do sol, que é um castigo divino ser a fôrça criadora a ruína de tantos homens? Poderá a natureza protestar contra as relações sexuais fora do casamento, de maneira mais veemente do que ferindo com doenças tão horrorosas a vida imoral? A própria natureza defende-se, defende as suas eternas leis como pode: com um exército de milhões de bacilos destruidores, lança-se àqueles que as violam. E não é mero acaso, mas sinal manifesto da natureza, ser a continência absoluta ou o casamento monógamo uma segurança perfeita contra aquelas moléstias.

62. Quem não pode ficar puro?

Sustento que *aquêle que não quiser afastar-se senão dos atos imorais externos,* mas pelo pensamento se entrega aos desejos impuros, êsse, mais cedo ou mais tarde, passará também ao ato. *Porque nesse terreno em declive não se pode parar.* A alma e o corpo agem um sôbre o outro, e a infecção da alma enfraquece o corpo.

Aqui não é possível ser indulgente; aqui não se pode regatear. Aqui não nos podemos tranqüilizar dizendo: "Não irei pelo pensamento senão até ao ponto justo em que começa o pecado; daí por diante, nem um passo mais". E' em vão. O que é voluntàriamente impuro em seus pensamentos é como se tivesse cometido o pecado por ação. Assim escreve Juvenal em uma das suas sátiras (XII, 209): *"Nam scelus intra se tacitum qui cogitat ullum, facti crimen habet".*

Também é importante ser casto mesmo *nos próprios pensamentos.* Já o pensamento culpado pode pôr em efervescência todo o nosso organismo; pois a excitação cerebral passa automàticamente à medula espinhal e daí aos órgãos dos instintos. E o instinto excitado impele à ação pecaminosa. Que não possas mais abafar êsse fogo devorador, eu o compreendo; mas, quem ateou a primeira chama senão tu?

Lê agora o que a tal respeito escreve o célebre professor de medicina da Universidade de Budapeste — Dr. Liebermann:

"Quem leva uma vida sóbria, trabalha sèriamente, evita as companhias levianas, as leituras livres, as representações comoventes e tudo quanto excita as paixões, e não despreza os exercícios físicos, *sofrerá muito pouco as excitações do instinto e fàcilmente triunfará com um pouco de fôrça de vontade" (Aos alunos da Universidade e dos liceus,* Budapeste, 1912, p. 11).

Se tu sabias que um animal feroz dormitava dentro em ti, por que o despertaste?

Se tu sabias que era de natureza inflamável, por que brincaste com fogo?

Se tu sabias muito bem que se não deve lidar com fogo de artifício perto de um paiol, por que o fizeste?

Aquêle que em seus pensamentos, palestras, leituras, na freqüência aos teatros e cinemas, peca contra a pureza e tolera que pensamentos desordenados o dominem, com certeza em seus atos não poderá ter vida casta. Mas o que tem vida casta, o jovem puro nos seus pensamentos e nos seus atos, êsse nunca poderá sofrer a menor alteração na sua saúde por causa da sua pureza, da sua castidade. Dizer o contrário é não falar verdade, é falar contra a verdade.

PARTE VI

LUTA E TEM CONFIANÇA

> Fortior est, qui se, quam qui fortissima vincit moenia, nec virtus altius iri potest.
>
> Aquêle que se vence a si mesmo é mais valente do que quem assalta as mais fortes muralhas; e a bravura não pode ir além.

Repito o que disse no capítulo precedente: Meu filho, ainda que tenhas uma natureza de fogo, que sintas dentro de ti as exigências dos teus baixos instintos, e que êstes se lancem sôbre ti com a impetuosidade do touro e a raiva do lôbo, êles não te vencerão, *se tu não quiseres tornar-te seu escravo*. Se tens um caráter robusto, se tens uma vontade firme, tu os subjugarás. Sabes muito bem que se pode fazer avançar o barco contra o vento, quando a corrente é forte. Tôdas as misérias que lêste nos capítulos precedentes eu não as descrevi senão com um único fim: para que despertes e te lances — *a um mais belo futuro*.

Certamente, hás de perguntar: Que devo fazer?

Tu sabes que, quando se quer guardar um grande tesouro, é necessário fechar a porta do cofre com muito bom cadeado. E, quanto maior fôr o tesouro que

guardamos, com tanto maior segurança aferrolharemos a porta contra os ladrões. Ora, o *teu maior tesouro é a pureza de tua alma;* guarda, pois, com incansável perseverança as portas pelas quais o inimigo poderia entrar para te arrebatar a alma. Vigia os teus sentidos.

Presta atenção aos teus pensamentos, a cada uma de tuas palavras, aos teus olhares, às tuas ações e, sobretudo, toma bastante cuidado com o teu *primeiro* passo em falso, porque a primeira queda moral é fàcilmente seguida de dez outras. Sei muito bem que precisamente nesse período de efervescência, cuja chama se arroja como um vulcão em tuas veias, é preciso que te guardes perpètuamente a ti mesmo, se queres conservar o equilíbrio da tua alma. Sabes agora que é todo o teu futuro que está em jôgo; e alguns anos de luta, durante os quais te deves mostrar corajoso, encontrarão recompensa, assegurando-te êste grande tesouro: a formação de um caráter viril.

63. Vida pura! alma pura!

Sei que estás resolvido a combater, e, pois, guarda intacta a pureza da tua alma. Do mesmo jeito que o asseio é necessário à vida do corpo — é preciso asseio em casa, no ar, no vestir, no alimento —, assim também a alma exige, como primeira condição, uma vida moral pura.

Quando se lava uma escada, deve-se começar pelo degrau superior; se queres levar uma vida pura, deves começar pelos pensamentos. Não só em tuas palestras, em tuas ações, mas em todos os *teus pensamentos,* conserva a pureza, pois aquêle que contra ela peca, ainda que seja *apenas* por pensamento, mina o edifício que abriga o tesouro da alma, e é uma simples questão de tempo a ruína total e irremediável.

"Bem-aventurados os que têm o coração puro, pois verão a Deus" (Mt 5, 8). A pureza da alma é tão frágil como um vaso de cristal, que o menor choque reduz a estilhas e o menor bafo o empana. *Deves ser totalmente puro — mesmo nos pensamentos — ou, do contrário, sucumbirás.* Não há meio têrmo neste domínio. Com a pureza, não se pode mercadejar mais do que com a honra; não se pode ser honesto pela metade, como não se pode ser meio puro e meio impuro. E muito para notar é que a impureza de pensamento e de imaginação muitas vêzes é mais perigosa para a saúde que o ato mesmo. "Guarda o teu coração com cuidado, pois é dêle que brota a vida" (Prov 5, 23).

S. Agostinho, que, em sua juventude, antes de se converter, estivera exposto a grandes tentações carnais e caíra no ínfimo, assim explica essa triste situação: "Quando ainda não havia o primeiro casal humano cometido pecado da desobediência, era perfeitamente senhor do instinto sexual, como hoje em dia somos senhores, por exemplo, dos nossos dedos. Mexemos os dedos como e quando queremos. Sem a nossa vontade, não se movem. Mas nas coisas sexuais — ai! — já não acontece o mesmo. Os pensamentos, as sensações, os desejos, as emoções, surgem em nós quando o não queremos, e não desaparecem ainda que o queiramos. E, seja o que fôr que se faça para os expulsar da cabeça, não se é capaz de fazer com que obedeçam. Os homens foram bastante loucos no paraíso terrestre, quando desobedeceram ao Senhor. Agora, são punidos pelo seu pecado: uma parte do seu sêr — o instinto sexual — já não obedece ao homem, mas segue o seu caminho contra a razão e a inteligência".

E agora, que resulta de tudo isso? E' que *não tens o direito de provocar voluntàriamente* essa onda devastadora e, se ela se arremessa por si mesma, *não*

tens o direito de permitir que te domine. A princípio, ela não faz senão mover-se, tu ainda a podes conter e dela afastar tua atenção. Mas, se ao primeiro pensamento cederes, a fôrça escapará de tuas mãos, e não mais poderás prever como as coisas irão acabar.

64. Sem a vontade, não há pecado.

São talvez os teus pensamentos que surgem de improviso e os teus desejos incômodos que te darão mais inquietação, pois não somos senhores dêles. Mas eu quero precisamente tranqülizar-te neste ponto, a fim de te preservar de agitações supérfluas. A inclinação para o mal, que no homem existe, não é *em si mesma* pecado. Está na alçada da tua vontade: se por ela te deixas dominar, tornar-se-á paixão.

Sòmente somos responsáveis pelos nossos pensamentos, desde o momento em que êles são *perfeitamente* consentidos por nós. Sem a *consciência dêles,* não.

Ainda assim, em teu período de crescimento, verificarás muitas vêzes que, de repente, — durante o estudo, brincando, lendo, rezando, — surgirão em teu espírito pensamentos que se referem ao pecado, e tua consciência, delicada, inquirirá, com desassossêgo, se êles não feriram a pureza da tua alma. Fica tranqüilo. Uma vez que não tenhas voluntàriamente pensado nisso, não és responsável. Não podemos impedir que os pardais adejem ao redor da nossa cabeça, mas, sim, que construam seu ninho em cima de nossa cabeça. Sòmente agora, nesse instante, é que podes ser forte; *imediatamente, sem esperar um segundo,* fica senhor dos teus pensamentos e expulsa da cabeça os hóspedes indesejáveis.

Como fazê-lo? — Trabalhando em qualquer coisa, ocupando-te seja lá em que fôr, para que, no lugar dos maus pensamentos, venham outros inofensivos. Faze uma leitura interessante, vai brincar, procurar fazer isto ou aquilo, — fatiga-te, estuda, reza, *muda de ocupação,* até que a imaginação fique limpa dêsses pensamentos subversivos. Mas tudo isso calmamente, sem mêdo, sem te enervares. Verás que tais pensamentos são quais môscas importunas e recalcitrantes. Não nos desembaraçamos das môscas agitando-nos, porque elas voltam logo a nos importunar. O que é preciso é acertar o golpe e matá-las. Não entres em luta *direta* com êsses pensamentos; basta que te voltes *contra* êles — mesmo com a idéia de lutar —, para que se tornem mais fortes. O melhor é desviar-te dêles, deixá-los de lado. Êles batem, fazem barulho, ganem à porta da tua alma? Não te preocupes com isso. Repete contigo mesmo: Não entrarão! Expulsa-os, logo que apareçam. Se discutires com êles, tornar-se-ão mais ousados. Não os receies, e continua *tranqüilamente* o teu caminho. Os cães ladram tanto mais atrás do transeunte, quando mais êste com êles se preocupa. Mas, se êle passa *com calma e indiferença,* abaixam a cauda e voltam para o seu canto. Mostra *êsse desdém* quando te acometem maus pensamentos: "Que fazeis em minha cabeça? E' *impossível* que eu pense deliberadamente em qualquer pecado".

Não desesperes, ainda que te fôsse preciso lutar dez vêzes por dia ou por hora contra êsses pensamentos e desejos. Os moços de consciência delicada desperdiçam muita energia e caem na melancolia e no desânimo, em luta espiritual mal dirigida. Chegaste à maturidade sexual, e isso é determinado pela santa vontade de Deus; aquêles pensamentos te aparecerão, porque são conceqüência natural do teu desenvolvimento; portanto, êles não representam pecados nem mesmo tentação. Mas, para que se não tornem pecados, é de mister que não penses nêles. Não te aflijas, de-

batendo-te com pés e mãos (do contrário, cada vez mais se apegam); o que deves fazer, é repetir com suavidade: "Senhor Jesus, socorrei-me"! Não te escrupulizes nem fiques cheio de inquietação, dizendo: "Ai! talvez tenha eu consentido neste pensamento!" Não desanimes se, de ora em quando, perceberes que os teus esforços são vãos e que não conseguiste extirpar aquêles pensamentos. Uma tentação que se repete não significa de modo algum que cometeste o pecado; ao revés disso, quer dizer que tua alma é resistente. Com efeito, o inimigo ataca de novo e sem cessar a fortaleza, enquanto ela permanece intacta. O soldado assaltado pelo inimigo não deve envergonhar-se disso; envergonhar-se deve aquêle que cede covardemente diante do ataque. Tem coragem; fica bem convencido de que não haverá pecado, se tu não te deleitares nos pensamentos maus que surgem: *tudo depende da tua vontade.* Se tu não queres manchar tua alma, dirás com firmeza: *"Eu não quero"*; e se queres conservar pura a tua alma, dirás: *"Eu o quero"*. Então, sairás vencedor de tôda e qualquer luta. *"Non nocet sensus, si deest consensus"* (S. Bernardo). *"Enquanto lutas não há pecado"*. O pecado começa quando a vontade *abandona a luta.* Ninguém é responsável pelo que acontece fora da sua vontade, ou sem que de tal se aperceba. Ninguém é responsável pelo que lhe acontece durante o sono ou em sonho, se tais sonhos não foram provocados, no dia anterior, por procedimento leviano ou pecaminoso.

Em suma: cumpre desviar-te do caminho, quando chega um cão enraivecido. Não prestes atenção aos teus desejos, dirige para outro ponto os teus pensamentos. Por quê? Por que se trata de uma coisa execrável, desprezível? Não; trata-se de um santo pensamento de Deus Criador, o qual tu preservas da profanação e da mancha.

65. Justifica-te tu mesmo.

Ao sul da África vive o pequeno povo dos bôeres. Durante muito tempo, quase nada se soube a seu respeito, mas há algumas dezenas de anos adquiriram mundial fama pela sua bravura na guerra do Transvaal. A causa dessa guerra foi a tentativa, feita pelos inglêses, de se apoderarem dos terrenos diamantíferos dos bôeres. Êsses nem mesmo chegavam a saber, a princípio, que riquezas naturais possuíam. Um viajante inglês vira, com espanto, as criancinhas bôeres brincarem na poeira da estrada com diamantes. Aquêle povo intrépido, tanto que teve conhecimento das suas riquezas, ergueu-se heròicamente contra a hegemonia inglêsa.

Uma mina de diamantes tão preciosa ou, antes, mil vêzes mais preciosa, está oculta na alma de cada adolescente, mas a desgraça está em que muitos moços não sabem disso, e brincam na poeira da estrada com êste tesouro infinitamente precioso, que é a sua alma. Quantos arrastam pelo esterquilínio a sua alma, outrora tão pura e alva como a neve! Quantos a expõem fàcilmente ao perigo! Quantos, brincando, perdem o seu tesouro!

Nas grandes cidades, há entre duas ruas uma passagem subterrânea. Essa passagem encurta o trajeto de uma rua a outra. Nelas, porém, não se pode garantir o asseio do calçado. As pessoas que por ali transitam fazem lamaçal. *Quantas almas de moços se parecem com essas passagens!* Pensamentos, desejos, palavras, olhares, entram e saem, à vontade. E' de surpreender que tanta sujeira aí se amontoe!

Um jovem prudente zela sua casa. À porta, coloca uma sentinela (uma vontade disciplinada) e exige salvo-conduto a quem queira entrar. Passa, por exemplo, na rua, diante de uma vitrina. A curiosidade

o convida a parar. Mas, de repente, vê uma figura obscena. A sentinela brada-lhe: "Alto! Não tem o direito de entrar nesta casa!" Afasta-se dessa figura. Exige assim um salvo-conduto para qualquer pensamento, palestra, peça de teatro, leitura, antes que lhes permitas entrem no templo da tua alma. Se és consciencioso, nada tens que temer: *és um herói de alma pura, ainda que te fôsse preciso fugir cem vêzes por dia aos maus pensamentos.* Nisso, o valente é o que sabe fugir.

Em resumo, *jamais toleres voluntàriamente, por um só instante, pensamentos impuros.* Em outro qualquer negócio, para vencer, é preciso pensar; aqui, o êxito consiste em saber não pensar em semelhantes coisas. Quando passeias por um jardim e te cai nas mãos uma repelente lagarta não tens necessidade de refletir muito tempo para a esmagar, antes que ela te emporcalhe. Se cai uma fagulha em tua roupa, não te pões a olhar sossegadamente para ela, até que a queimadura se estenda mais, porém logo tratas de apagá-la, pois de outro modo se queimaria tôda a tua roupa. Expulsa da cabeça e abafa todos os pensamentos tentadores.

Chamo agora tua atenção para uma coisa que pode causar inquietações inúteis a um jovem consciencioso — se é que êle ainda não ouviu falar nela. Com o tempo, pelos dezesseis ou dezessete anos, o teu desenvolvimento físico chega a um grau em que o organismo — geralmente durante o sono — segrega certo líquido e provoca ao mesmo tempo em ti a excitação dos sentidos. Não te perturbes. Mas, se tal sucede amiúde, não é sinal de doença, porém sinal do desenvolvimento do teu organismo. — Se isso não acontecer freqüentemente (mais que uma vez por semana), não é doença nem pecado, mas de fraqueza dos nervos, ou de excessiva fadiga, ou, ainda, de alguma perturbação moral. Essa polução não depende de ti, como não dependem a pulsação do coração nem a respiração; é, portanto, coisa perfeitamente natural. Trata-se da grandiosa sabedoria do Criador, que regula as coisas de modo que saia por si mesmo o que há de supérfluo no organismo. (Supérfluo atualmente, pois o esperma que se expulsa involuntàriamente é ainda muito fraco, e só daria vida a crianças enfêrmas).

Mas a sensação, o prazer que a acompanha, não é pecado? Não, porque não excitaste em ti êsse prazer; só será pecado, se encontras naturalmente prazer, ou *se de qualquer maneira,* provocas deliberadamente essa manifestação. Se acordares nessa hora, ergue teu pensamento para Deus por meio da oração, pensa em outra coisa, e fica tranqüilo até adormeceres de novo. Tua alma ficará assim sã e salva.

Na época do crescimento, muitas vêzes é o órgão sexual excitado durante o dia, sem razões especiais. Evita usar roupas brancas muito apertadas, a calça colada; não fiques muito tempo sentado, não faças movimentos estouvados nem contactos inúteis; não provoques artificialmente essa excitação, pois a excitação sensual intencionalmente procurada é pecado grave.

Repito o que já te disse: tudo depende da vontade, do consentimento. Mas há no homem uma vontade chamada *física,* à qual nem sempre se pode opor a nossa vontade *espiritual.* Visitas, por exemplo, uma galeria de quadros, e imediatamente, por acaso, teus olhos caem sôbre uma pintura imoral. A vontade física desperta nesse instante, perturba-te e impele-te ao pecado. Não é ainda um ato procurado, pois não és responsável por êle. Mas a tua alma logo se apercebe do que se prepara contra ti e, se desviares os olhos para outro quadro e expulsares da cabeça a lembrança

do quadro precedente, não pecarás. Para que haja pecado, *sempre se faz mister vontade e pleno consentimento.*

66. O contágio da imoralidade.

A imaginação é o campo de batalha em que geralmente se trava o combate decisivo pela pureza da alma. E' o vidro de aumento que em geral atiça o fogo; a palavra e a ação representam um regato cuja nascente jorra das profundidades do pensamento. Quem quer ser senhor da sua própria casa, dos seus pensamentos, evitará que outros venham destruir o seu jardim florido. Não te esqueças que o contágio moral se propaga mais depressa do que a mais perigosa peste ou a cólera. Faz-se mister que nos imunizemos contra êle como contra as moléstias contagiosas, cujo melhor preservativo — tu bem o sabes — é o asseio. Onde irrompe a cólera, logo no dia seguinte aparecem cartazes em que se avisa tôda população de que deve empregar o mais rigoroso asseio. Não levar a mão à bôca, não comer frutos que não estejam maduros, lavar muitas vêzes as mãos, não deixar que as môscas pousem nos pratos de comida, etc. Assim também eu desejaria gravar com letras de fogo na alma de cada adolescente: "Meu filho, toma cuidado com os bacilos da impureza! Êles te acometem de todos os lados. Pode-se deter um exército com fios de arame farpado; pode-se impedir uma inundação com diques; mas o contágio da imoralidade é mais forte que os arames, mais perigoso que as inundações destruidoras".

"Sim, prestarei atenção. Mas não sabeis em que mundo pecaminoso e desequilibrado vivemos hoje?" — pergunta-me um excelente môço. "Zelar pela pureza de minha alma? Mas ao redor de mim fervilham

milhares de tentações que a cada passo ameaçam prejudicar a sua alvura".

E' com emoção que ouço essa terrível queixa tão justificada, que salta dos lábios de tantos adolescentes de nobre caráter, contra a atual vida pecadora. Sinto, meu filho, que tens razão, e, no entanto, é preciso que resistas, *é preciso* que conserves a pureza da tua alma.

— Nos milhares de tentações da vida? — Sim.

— Nessa multidão de ocasiões de pecado? — Sim.

— Mas, representam-se hoje tantas sujeiras nos cinemas! Tantas obscenidades se apresentam nas cenas dos teatros!

— E quem te obriga a ir lá?

— Mas nos cafés-concêrto fazem rir a gente com tantas grosserias!

— Quem te obriga a ir ouvi-las?

— Mas nas ruas as loureiras nos cercam e convidam ao pecado!

— Quem te força a ouvi-las ou a passar pelas ruas que elas freqüentam?

Por numerosos que sejam os moços corrompidos que conheces, crê-me, meu filho, ainda há hoje, mais do que pensas, moços que levam uma vida pura e que são obrigados a combater como tu, e nisso mostram coragem e fôrça. Toma-os por amigos, a essas almas heróicas.

Muitos estudantes se lamentam diante de mim: "Que desgraça não causa em mim o instinto que principia a despertar! Quantas tentações perturbam meus anos de juventude! Por que não despertam em nós mais tarde êsses desejos? Por que surgem com tamanha fôrça, quando ainda não posso pensar no casamento? Êsses jovens mal sabem quanta razão lhes assiste em falar assim. Realmente, o instinto sexual desperta hoje nos moços bem mais cedo do que o com-

porta o desenvolvimento normal. A razão está em que o modo de viver atual se afastou muito da natureza. Os teatros e os cinemas, as leituras e os cartazes excitantes, os divertimentos, a vida sedentária, a falta de exercício físico, a alimentação muito condimentada, etc., despertam êsses desejos no corpo enfraquecido e arruinado do estudante das cidades muito mais cedo e fortemente que no môço do campo, que se fatiga pelo trabalho e leva uma vida mais natural e mais simples. O estudante ocupado em qualquer trabalho intelectual tem muito mais tentações que o rapaz do campo.

Daí decorre a necessidade de fugir de tôdas as ocasiões que te possam excitar os instintos.

67. Tuas leituras.

Presta atenção também aos olhos! Não permitas jamais, seja qual fôr o pretêxto, que êles parem em alguma coisa que prejudique, por pouco que seja, a pureza da tua alma. Não esqueças, meu filho, que no mundo atual verdadeira multidão de inimigos te espreitam de tôdas as partes. Em jornais, livros, ruas, teatros, cinemas, a cada passo podes ver ou ler coisas que escondem em si, aos milhares, os bacilos contagiosos. Defende-te, — pois, em tôdas as circunstâncias e sê circunspecto em tuas leituras.

Primeiramente, algumas palavras sôbre essas leituras. Quantos livros não são uma vergonha, não só para a moral, senão também para o estilo! Se eu te aconselho a ler muito (pois isso é necessário para uma sólida formação), aconselho-te com insistência a que não toleres em tuas leituras um só livro que zombe da moral e, quer francamente, quer por têrmos dúbios, ensine a leviandade ou a licença dos costumes.

Êsses livros são, em geral, mesmo no tocante ao estilo, os resíduos da literatura, e por êsse motivo *já seria grande prejuizo perder teu tempo com êles.* Tal "literatura" não é terreno favorável à tua cultura, mas um cemitério em que está sepultada a esperança dos pais e o nobre ideal da juventude.

Infelizmente, mesmo entre os mestres do estilo e da novela, há quem se não corra de molhar a fulgurante pena, que Deus lhe deu, no lôdo da impudicícia, e descrevem, ensinam e publicam pèrfidamente as "belezas", as "alegrias", os "prazeres" da vida libertina. Tanto mais perigoso, pois, pelo poder da pena, arrastam a alma dos seus leitores à decadência moral. "Muito talento e nenhum caráter" — poder-se-ia escrever no frontispício dos livros dêsses escritores, pois êles se consideram a si mesmos como semideuses, e antes são verdadeiros javardos. Por mais artisticamente que seja fabricada a pistola que tens na mão, nem por isso metes uma bala na cabeça, não é verdade? Faze igualmente por não introduzir a morte em tua alma com essas *obras-primas*. Por que refocilar-se nessas esterqueiras (ainda que aí se encontrem palhêtas de ouro), quando em nossa literatura, graças a Deus, podes encontrar preciosas gemas?

E' triste sermos obrigados a verificar que a literatura "moderna" em grande parte exalta os abusos do amor, as aberrações da vida sexual. Se as lucubrações dos nossos romancistas e dos nossos poetas fôssem verdadeiras, forçoso seria admitir que a humanidade se ufanava, não dos seus pensamentos elevados nem das suas aspirações e idéias mas ùnicamente dos seus instintos físicos, dos seus desejos sensuais, pelos quais ela se assemelha inteiramente a uma pocilga de suínos.

Toma, pois, cuidado contigo mesmo e sê circunspecto em tuas leituras. Com tristeza me escreve um jovem: "Primeiramente procurei nos romances o prazer sensual, e depois na realidade". Não imites êsses moços que lêem tudo quanto lhes cai nas mãos. Lembra-te sempre de que quem come tudo quanto encontra diante de si arruína o estômago e acaba deploràvelmente.

68. Livros.

Não penso aqui, antes de tudo, em *Nick Carter, Fantomas* e outros romances policiais. E' mau lê-los. Superexcitam a tua imaginação e enchem-te o espírito de idéias romanescas, quando inúmeros livros bons esperam que os leias; é verdadeira loucura perderes teu tempo com tais bizantinices. Mas penso mais nessa baixa literatura, nessas fôlhas humorísticas, nesses opúsculos em série e nesses livros que os teus companheiros já pervertidos lêem a um canto do parque ou na praia, com o sangue fervendo, o coração pulsando, a imaginação em febre. Essas leituras fazem tanto mal ao sistema nervoso como o álcool, a nicotina, a cafeína. Sei que repelirias o convite de qualquer camarada para encetares semelhante leitura, no intuito de te iniciares nos mistérios que se encerram em tais obras.

Êstes e aquêles moços têm estranhos raciocínios nesse particular. Lêem tudo quanto lhes cai nas mãos, sabendo mesmo que o livro ofende a religião ou a moral. "Só quero saber o que escrevem aquêles que têm outra opinião: *isso não me fará mal;* não o leio com má intenção". Estou em que êle não lê realmente com má intenção, mas apenas por curiosidade; porém não creio que isso não lhe faça mal. Achas que eu ficaria vivo, se fôsse a uma farmácia provar todos os venenos, não por "má intenção", mas "para conhecer sòmente os seus efeitos"? Ora, meu filho, certos livros são, para a alma do leitor, veneno mais violento que o sublimado corrosivo.

Certos homens são incompreensíveis: se encontram um cabelo na sopa, já não podem comer; se o ar num quarto é viciado, já não podem demorar-se lá; entretanto devoram e observam, sem dizer palavras, livros os mais deletérios.

Que a tua consciência delicada seja sempre, portanto, o melhor guia das tuas leituras. Seja qual fôr o livro que tomes nas mãos (ainda que fôsse um livro reputado como obra-prima), *quando achares passagens que ofendam, mesmo de leve, a pureza da tua alma, mune-te de energia bastante para voltares a página sem a ler; e se elas se apresentarem freqüentemente nesse livro, fecha-o resolutamente e não mais o abras.*

> "Bom coração e espírito me dai, Senhor!
> Mas, se houverdes de negar um dêstes dois ornamentos [celestes,
>
> negai-me a ciência brilhante,
> e dai-me um coração puro". (Francisco Verseghy).

Se já estiveres nas classes superiores, além de Júlio Verne, Carlos May e tantos romances e livros científicos, é absolutamente necessário que também leias *alguns livros sérios que formem o caráter e a vontade;* isto é, que se trate menos de os ler de um trago (como um romance) do que *refletindo e meditando.* Verás que benéfica influência exercerão êsses livros sôbre a tua vontade. Naturalmente, só os melhores livros correspondem verdadeiramente a êste fim.

Como exemplo: o "Novo Testamento", principalmente os evangelhos; a "Imitação de Cristo", de Tomás de Kempis; a "Introdução à Vida Devota", de S. Francisco de Sales; a "Vida de Jesus", de William; "Para se Tornarem Homens", do padre Guilherme; e os meus volumes "À Juventude Católica".

Não quero enganar-te; não é leitura fácil, pois encerram abundância de pensamentos sérios. Mas, se em cada dia puderes consagrar a um ou a outro pelo menos dez ou quinze minutos, depressa desempenharás a missão com ardor e energia novos. Seria também belo hábito ler cada dia, depois da oração da noite, *alguns versículos do evangelho e meditá-los*. Tenta-o, e verás que efeitos salutares essa leitura fará em tua alma.

69. Jornais.

Escolhe também o teu jornal. Certamente que a tua formação intelectual não sofreria, se durante os estudos secundários não lesses absolutamente jornal algum. Terás tempo para isso mais tarde. Mas agora está a leitura dos jornais tão difundida, que talvez também te interesses habitualmente pelos acontecimentos de cada dia.

Enfim, se dispões de tempo, podes fazê-lo; todavia, sê circunspecto a respeito de jornais.

O maior número das gazetas está em mão de editôres que pensam primeiramente no maior proveito material, e pouquíssimo ou nada lhes interessa se a parte literária da sua fôlha está de acôrdo com a moral. Os folhetins, os contos de jornais (sem falar dos pequenos anúncios), estão cheios de histórias de amor que, de modo franco ou velado, pregam e favorecem a imoralidade. Meu filho, tu bem sabes qual o teu dever a êsse respeito. Há jornais e revistas de primeira ordem cuja secção literária podes ler com tôda a tranqüilidade; mas se fores obrigado a ler, por qualquer motivo, outros jornais, tem cuidado com os contos e romances. Realmente, de que nos vale fugir de uma cobra, quando ela já nos picou?

70. Quadros.

Põe o máximo cuidado no apreciar os quadros. Pinturas, esculturas, academias ou qualquer outro espetáculo não são dignos de teus olhares senão no caso de despertarem nobres pensamentos em tua alma. Se ela te chocar, por pouco que seja — mesmo tratando-se da famosa Vênus de Milo — sabes que o teu dever é desviares os olhos para outra coisa. Que dizer então dos bilhetes postais chamados "artísticos", que os estudantes passam às mãos uns dos outros sob o pretêxto de estudarem a "história da arte"? Certamente êsses cartões postais impelem freqüentemente ao pecado infame.

Os artistas da antiguidade ou da Idade-Média representavam o corpo humano em sua nudez, mas essas imagens não excitam a sensualidade como a nudez atual; ao contrário, fazem cintilar a pontência do espírito, que domina o corpo do homem. Essa nudez é idealizada, e a expressão grave do rosto abafa qualquer sensualidade.

Pode ocorrer que antigas estátuas perturbem tua alma delicada; nesse caso, não fites os olhos nelas. Mas fica certo de que a maior parte dos artistas modernos, com as suas nudezas, só querem excitar as paixões, e certos pintores fazem uso do nu exclusivamente para dissimular a sua falta de talento.

Não te fies no que alguns dizem para desculpar a sua falta: "O corpo do homem foi criado por Deus; não pode, pois, comportar inconveniente que se não tenha o direito de olhar". Sim, mas cumpre que sejas severíssimo em teus olhares, mesmo em se tratando de teu corpo (por exemplo, quando tomas banho) e não contemples o que possa perturbar tua alma. De certo, foi Deus quem criou o corpo do homem, e o corpo humano é verdadeiramente uma obra-prima. Nêle

se observa a sabedoria admirável do Criador mais do que em outra qualquer criatura do mundo. *Não é no corpo humano que está o mal, porém na fraqueza da nossa alma.* Qualquer que seja o valor artístico de um quadro, de uma estátua, de um filme, *não podem ser verdadeiras obras de arte,* se impelem ou movem ao pecado; verdadeira obra-prima é a que pode ser contemplada sem risco de excitação culposa. A tranqüilidade da alma pertence, irredarguìvelmente, ao gôzo estético.

O corpo humano é santo para nós, e pode ser para nós objeto de interêsse, mas apenas como *instrumento da alma* e com as condições de revelar os sentimentos e a vontade da alma. Desde, porém, que o artista representa o corpo *para si mesmo, reduz* a alma ao papel de escrava e desperta em nós os baixos instintos.

Não só as leis da moral, mas as da estética pedem que a nudez não seja representada senão para exprimir as qualidades da alma, e jamais para outros fins. E' um ludíbrio para a humanidade haverem sido os escultores pagãos e os romanos bem mais conscienciosos neste ponto que os pintores e os escultores da era cristã. As estátuas antigas — mesmo as nuas — produzem, as mais das vêzes uma impressão delicada, espiritual e que não provocam o escândalo. Em comparação com elas, os nus modernos quase não passam de um convite intencional a pensamentos e desejos impuros.

Tens o direito de examinar um quadro, uma estátua despida? A resposta depende de duas circunstâncias: 1ª) Qual foi o fim do artista, quando representou em sua nudez o corpo humano? 2ª) Qual é o teu temperamento? Se o artista teve por fim despertar as paixões impuras e os desejos carnais (é o caso dos

nus modernos), passa com asco diante dêsse quadro. Mas, se o corpo é representado nu para exprimir mais fortemente um movimento da alma (pensa, por exemplo, no famoso grupo de Laocoonte), então podes contemplá-lo. Mas, aqui, presta bem atenção a outra circunstância: qual é o teu temperamento? Há naturezas mais frias ou infantis que, à fôrça de vontade, se dominam e jamais se deixam perturbar por espetáculos dêsse gênero; podem olhar o quadro sem prejuízo para a sua alma (o melhor seria que todos os moços pudessem chegar a tal insensibilidade). Outros, a princípio, não pensam no mal; mas, depois, sobrevém-lhes os maus pensamentos. Assim que êsses pensamentos lhes surgem, devem desviar o olhar de tais quadros ou estátuas. Enfim, há-os de temperamento de tal maneira sensual, que não podem sequer contemplar sem mau pensamento uma obra-prima. Êsses não têm o direito de apreciar um quadro.

Qual é, pois, a regra que se deve seguir? *Jamais* contemplar o que te cause maus pensamentos, se os *não podes* imediatamente dominar. Não te esqueças de uma coisa: há quadros e estátuas que perturbam qualquer homem honesto.

71. Teatro e cinema.

Também é necessário que te advirta a respeito dos perigos do teatro e do cinema. A crítica dramática dos jornais, que na sua maior parte é generosamente paga pelos autores ou diretores de teatros, leva atualmente aos píncaros da Lua cada peça, bem que te seja, pelo assim dizer, impossível saber se, com o dinheiro que dispendes, tua alma não ficará durante três horas saturada de sordícies.

Críticos ilustres e imparciais comprovaram que o teatro atual quase mais nada tem de comum com a arte.

Aliás, também tu talvez o pudesses verificar. De fato, repara ao redor de ti: em que teatro se desempenham atualmente peças dos grandes autores dramáticos? peças clássicas célebres? Em parte nenhuma, ou apenas muito raramente.

Ao contrário, representam-se todos os dias as peças "modernas", com suas grosserias, adultérios, seduções de môças, eternos amôres ocultos. Agradam mais às massas dos nossos dias e rendem mais dinheiro — reconheço-o: mas, então, que não se pronuncie a palavra sagrada "arte" a propósito dessas peças teatrais.

Efetivamente, se se pudessem seguir os autores dramáticos e os romancistas atualmente em voga, seria preciso reconhecer, com espanto, que o fim mais elevado e mais nobre que possa ser proposto à vida humana é a satisfação dos seus mais baixos instintos.

Onde há hoje peças sem história de amor ou sem situações claramente pecaminosas? E' aí que os espectadores aprendem ser o amor o fim mais importante da vida humana. Mas, que grande mentira! Não é certo? Com efeito, o amor só ocupa alguns anos na vida do homem e não passa de *uma* só das numerosas coisas importantes de que o homem se deve ocupar.

Noutros tempos, o teatro era um meio de cultura em que os homens se iam purificar das suas paixões. Hoje, é totalmente um lugar de divertimento, que não faz senão atiçar mais violentamente as paixões humanas. Realmente, os cartazes mirabolantes de certos filmes, o título de certas peças, já são uma provocação para o mal.

Catão, o antigo, não suportava teatro permanente, porque levava o povo à ociosidade. E Sêneca, baseando-se na experiência, escreveu: "Nada há mais nocivo aos costumes que a freqüentação dos teatros. E' aí que os pecados, sob o véu do prazer, nos avassalam mais fàcilmente. Quando saio do teatro, fico mais cúpido, mais orgulhoso, mais sensual, mais cruel, mais desumano" (Döllinger: *Heidentum und Judentum*, p. 727). Aí, nada podemos tirar a êsse julgamento severo de pagãos, quando consideramos os teatros atuais.

No entanto, não quero dizer com isso que a literatura dramática atual nada produza de valor.

E' apenas lamentável que as produções literárias sérias sejam como que abafadas em conseqüência da falta de crítica competente, ao lado de livros e de peças sem valor, que são objetivo de reclamo insensato e ruidoso. Se, por conseqüência, assistes a uma peça "moderna"; se lês a literatura "moderna"; se ouves dizer constantemente que tudo isso pertence à cultura "moderna", *não te esqueças um minuto de que a sujeição do puro ideal do homem à sensualidade — ainda por processos artísticos — não é cultura nem é arte, mas hediondo atentado ao progresso da humanidade.*

Êsses escritores, sob o manto dissimulado da arte, não fazem outra coisa que impingir a imoralidade. Não receies, pois, ficar para trás do domínio da arte e da cultura, se fazes escolha severa entre as peças de teatro ou os filmes que queres ver e os livros modernos que queres ler. Muitas vêzes o próprio título te advertirá da imundície. Sei que a êles não assistirás.

Porém que fazer se, por acaso e de boa fé, fores ver semelhantes peças? Não podes abandonar, sem escândalo, a representação; mas podes, sem escândalo — e deves fazê-lo — fechar os olhos até que esteja acabada a cena, ou até que tenha passado a parte inconveniente. Preservar-te-ás de muitas tentações supérfluas se não fizeres ouvidos moucos a êste conselho, e se souberes vencer a curiosidade que em tua alma des-

perta o escabroso lance. Quando se trata de defender a pureza de tua alma, toma em geral por princípio que *é preferível ser prudente a ser temerário.*

72. A dança.

Depois do teatro e do cinema, tenho que te dizer algo sôbre a dança. Estás certamente com receio de que eu a proíba.

Não. Ouve-me um pouco.

E' certo que a loucura da dança, que faz furor na sociedade atual, não convém absolutamente a pessoas graves e que pensam sèriamente. Há muita verdade na apreciação severa dos antigos romanos, que classificavam as danças entre as coisas inconvenientes para um homem livre. E muitos jovens que sofrem da doença da dança fariam bem em ler estas palavras de Cícero, com que êle defendia o cônsul Murena, acusado de haver dançado: "Não se tem o direito de erguer de ânimo leve tal acusação a um cônsul romano; que crime cometeu êle para que se lhe possa imputar semelhante coisa? Efetivamente, ninguém dança sem estar embriagado ou louco" (*Pro Murena,* VI, 13).

Ainda que rodar com as pernas, horas inteiras, numa sala de baile superaquecida e em atmosfera cheia de poeira, não seja a mais sã das distrações, no entanto — não tenhas mêdo — sou mais indulgente que Cícero e não condenarei totalmente a dança. Conforme o tempo e lugar, pode ser uma distração honesta para os *moços de caráter.*

Vais talvez perguntar, com espanto, porque colocar o caráter e a dança no mesmo pé de igualdade. Ora, é na dança que se revela o caráter viril ou a fraqueza voluptuosa de cada um. Em parte alguma, talvez, mais fàcilmente que aí. A dança é a verdadeira pedra de toque de um caráter viril. Cada movimento, cada olhar, cada palavra, mostra o que vales interiormente. Um caráter fraco aproveita a ocasião para satisfazer seus baixos instintos e sua leviandade. Um môço de caráter não esquece um só instante que é o "cavalheiro" da sua dama; ora, o cavalheiro não só defende a sua dama contra os ataques dos outros, mas em primeiro lugar *contra os pensamentos* ou *os desesejos menos nobres da sua natureza e dos seus próprios instintos.*

O jovem de caráter que defende o seu par não só contra as correntes de ar, mas ainda contra o calor excessivo do seu temperamento; que presta atenção não só à dança em regra, mas ao apuro da conversa, não tem que recear o escorregamento no assoalho encerado nem concluir o seu prazer com uma queda moral. Pelo contrário, o caráter fraco só se preocupa de não cair ao chão, e não sabe que o mesmo cuidado seria preciso para preservar-se duplamente da queda moral.

Posso afirmar com segurança que *a atitude de um jovem durante a dança é uma das melhores pedras de toque da sua firmeza de caráter e do seu espírito cavalheiresco.*

No entanto, continua verdadeiro o provérbio alemão: "No baile é o diabo que toca o violino". E' verdade que a dança continua sendo sempre uma ocasião perigosa para a alma da mocidade. Portanto, não te entregues jamais ao prazer da dança, sem ter pedido a Deus, numa rápida oração, que proteja o arminho da pureza de tua alma. Depois de haveres pesado os prós e os contras, verás se podes razoàvelmente tomar parte na dança.

Um estudante, depois de haver lido êste capítulo em anterior edição do meu livro, escreveu-me dizendo,

em tom de censura, que eu deveria condenar terminantemente o modo de dançar "atual", pois a dança "moderna" outra coisa não é que uma provocação voluntária aos instintos sensuais. Evidentemente, não tenho necessidade de dizer que não permito senão danças convenientes. Pois há danças que devem ser implacàvelmente reprovadas e deixadas aos macacos, às cabras e aos "homens" que há muito tempo ultrapassaram a linha do proceder honesto.

73. Sê cavalheiresco.

Como te inspira respeito a história dos heróis, não é verdade, meu filho? Um Aníbal, um Alexandre — o Grande, um Júlio César, ~~um Napoleão~~. No entanto, *não há no mundo herói maior, maior vencedor que aquêle que sabe submeter seus baixos instintos às leis da razão;* e, pelo contrário, não há mais vil escravidão para o homem chamado ao domínio intelectual do que gemer nas algemas das paixões cegas. Procuramos pensar nisso nos momentos difíceis em que te seja preciso de novo sustentar luta contra os baixos instintos.

Atém-te a sempre manifestar um *espírito* verdadeiramente *cavalheiresco* para com as mulheres. Não te limites a mostrá-lo, mas sente-o de fato.

Não penso aqui nos modos afetados, nesses eternos cumprimentos que os peralvilhos modernos chamam de boas maneiras, mas penso nos verdadeiros cavaleiros da Idade-Média, cuja espada estava sempre desembainhada para proteger os fracos, e cujo coração estava sempre disposto a defender a honra das mulheres. *O verdadeiro cavalheiro é o que protege a mulher, em primeiro lugar, contra os desejos desregrados, do seu próprio corpo e contra as manifestações frívolas.* O verdadeiro cavalheiro é o que descobre em cada mulher, até nas infelizes decaídas, a imagem de sua mãe e de suas irmãs, e evita aproximar-se delas com intenções desonestas. Respeita a mulher como se respeita a flor, que não deve secar, para que possa dar frutos.

74. Em companhia das mulheres.

Se assim pensas a respeito das mulheres, o mesmo deverás observar em tuas palestras com elas. Aliás, tu não procuras hoje a companhia das mulheres, mas, se com elas te encontrares, nem por isso fiques perturbado. Teus nobres sentimentos serão garantia da tua conduta irrepreensível. Em tuas palavras, olhares, jogos, etc., nunca percas de vista os teus deveres cavalheirescos. E nunca te permitas, na presença de uma môça, o que não gostarias que outro rapaz fizesse diante de tua irmã. E, se sentes que, por exemplo, as diversões a que neste momento te entregas não são apenas simples passa tempo, mas também ocasiões de pecado (por exemplo: se fôr preciso resgatar uma prenda por um beijo), sê bastante hábil e trata de passar a outro divertimento.

Cuida sobretudo de que o *teu caráter viril* não se quebrante sob o efeito das carícias, das gentilezas, dos afagos femininos, mesmo de tua mãe ou de tuas irmãs.

Uma vontade de ferro, um caráter inflexível, uma energia viril — eis o que tu mesmo te deves impor a ti.

As eternas carícias, abraços, ternuras, nas mulheres ainda passam; mas nas veias de um rapaz deve correr sangue viril, jamais sangue de peixe ou de galinha. "Os sonhadores vendem por vil preço a sua vida". Certos rapazes, na adolescência, sonham durante uma semana inteira com um personagem de romance, formam grandes projetos de futuro, se não chegam a

perceber se quando tal sentimentalidade se transforma em sensualidade.

Podes compreender desde logo o meu desejo e que o rapaz, enquanto não pode pensar sèriamente no casamento, não freqüente o mundo feminino. Isso o efeminaria. O seu caráter, desenvolvendo-se em semelhantes condições, perderia tôda a característica de virilidade. O amor não é brinquedo de criança, e os anos da juventude não se devem malbaratar em aventuras frívolas.

Um conhecimento mais íntimo da mulher só será permitido, quando puderes pensar sèriamente no casamento. Qualquer namôro antes disso é divertimento perigoso para a pureza e a honestidade.

75. Tua noiva pura.

Serás preservado de muitos passos em falso, se, na idade ingrata, pensares algumas vêzes na inocente jovem, à qual, segundo os planos de Deus, hás de um dia jurar perpétua fidelidade. Agora, ela reza com fervor, para que nenhuma nódoa moral venha enxovalhar-lhe o véu branco de noiva, e em qualquer lugar desconhecido, guarda com cuidados púdicos a sua inocência virginal para o futuro cavalheiro.

És tu êsse cavalheiro, meu filho. Tua alma é realmente também cândida? Teus pensamentos são também puros?

Conserva tôdas as tuas fôrças, todos os teus projetos, todos os teus pensamentos para o grande e único amor que te deve unir, até à morte, à futura noiva.

Que a imagem dela flutue diante de ti como um anjo da guarda, e proteja o teu tesouro, a pureza de tua alma, da qual deve sair um dia a flor do teu amor e brotar a felicidade da tua vida familiar. A tua atual

vida intemerata e pura terá como recompensa beijos de uma espôsa virginal.

O dote mais precioso é um corpo casto e uma alma imaculada, *e um homem digno dêste nome não quer conquistar senão uma só mulher — a sua futura companheira.*

Sabes que a tua vida familiar não poderá ser feliz, se antes do casamento a vida de solteiro não tiver sido pura. Mas daí resulta que o trato com uma môça não pode ser honesto, bom e permitido senão em idade conveniente e com fins de casamento à namorá-la com outro intuito é perniciosa diversão e leviandade que indica falta de caráter.

76. Ama a decência.

Ao lado dos conselhos que te dei, deixa-me que te proporcione outros, eminentemente práticos. Ama também a decência, o asseio. Lava-te várias vêzes por dia, e toma banho tantas vêzes quantas puderes. Pela manhã, toma banho frio. A ordem exterior ajuda muito a ordem na alma. Não quero dizer que esteja em ordem a alma de todo jovem elegantemente vestido. Não! Mas, ao revés, é um fato que o exterior reage na alma e que um adolescente de cabelos hirsutos, de hábitos pouco asseados, de cara suja, de unhas mal tratadas é mais fàcilmente levado aos pensamentos e às conversas malsãs e mesmo a atos de graves conseqüências. Em compensação, o asseio exterior é, pelo comum, penhor do asseio interior: aumenta a nossa tendência para tudo quanto é puro e, em geral, nos precata contra o que poderia manchar a nossa alma. Coisa notável: o que toma banho muitas vêzes, também fica mais fàcilmente puro na alma, como se o seu corpo bem asseado fôsse protestar contra tôda a mancha espiritual.

77. Morre e ressuscita!

Não quero enganar-te, meu filho, e eu to digo francamente: a educação perfeita da vontade, de modo que obedeça como um cordeiro a cada um dos nossos pensamentos, é certamente difícil. É-te necessário, pois, recorrer de boamente a todos os meios que te ajudem a atingir êsse fim. Um dos meios mais eficazes neste domínio é a mortificação.

A mortificação?! — Oh!... exclamam muitos moços, ouvindo esta palavra. Que obscurantismo medieval! Vive-se hoje numa era de "positivismo", hoje não se pode falar senão numa "vida de progresso". Hoje cada um quer "viver a sua vida", e não diminuí-la nem sacrificá-la.

Um pouco de atenção meu filho! Que vem a ser *mortificação?* Um meio de adquirir a vontade forte, de que temos absoluta necessidade, se queremos adquirir a nobreza de caráter. A mortificação é o abafamento dos desejos e das inclinações desordenadas e desregradas do corpo. Portanto, — compreende bem! — a mortificação não esmaga a nossa natureza, não violenta o nosso organismo nem as nossas faculdades naturais (pois sem estas últimas não teríamos valor algum), mas apenas os nossos desejos *desordenados e exagerados,* que são perigosos para a nossa existência.

Todos somos cheios de defeitos, e temos necessidade da mortificação. A mortificação dá-nos o *domínio de nós mesmos;* mas está perdido o jovem que se deixa arrastar pelas paixões, porque lhe falta o domínio de si mesmo. A mortificação dá-nos a paciência para conosco mesmo e para com o nosso próximo; sem ela, não nos podemos sair bem na sociedade. A mortificação dá a *vitória sôbre* si mesmo, e sem ela não pode existir ideal nobre e elevado, nem personalidade, nem caráter, nem cultura, nem civilização, nem progresso.

Nada disso se realiza sem se empregar violência contra os nossos maus instintos. Essa violência, a que chamamos mortificação, não é *um fim em si:* é apenas um meio, um instrumento de passagem para a vitória, para a alegria que encherá uma vida verdadeiramente feliz. Ao invés, os que falam do "direito de viver do instinto", de "viver a sua vida", e se inclinam covardemente diante de cada um dos seus desejos desregrados, perdem a predisposição para a verdadeira alegria e arruinam a sua própria vontade, caráter e saúde, assim como a cultura humana.

"Devemos marchar com o progresso!" Muito bem! Mas o progresso não consiste em ceder às exigências dos nossos instintos, antes em sustê-los com firmeza. Assim como a água, sob forte pressão, atinge fôrça incrível, e na prensa hidráulica levanta, como pena, fardos consideráveis, assim também a mortificação ergue a natureza humana decaída.

Tal é o sentido desta frase, bem conhecida, de Goethe: "Stirb und werde!" Morre e ressuscita.

78. O raquitismo da alma.

Já viste crianças de rosto pálido, cujas pernas, ou pescoço, ou costas, são mantidos num aparelho, e que se arrastam tão tristemente curvadas? Todos olham para elas com piedade: "Infelizes raquiticozinhos!"

Pois bem: se tivéssemos uma lâmpada, como o Aladino da fábula, com que pudéssemos ver uma alma humana, então gritaríamos a cada passo: "Pobres almas raquíticas!"

Que vem a ser essas almas raquíticas?

São almas que milhares de comodidades da vida civilizada e a preguiça enraizada em nossa natureza tornam moles e covardes; almas que têm horror a qualquer esfôrço; almas que estremecem logo que ouvem falar em trabalho, dever, domínio de si mesmo, mortificação. Tais almas podem desenvolver-se, sua inteligência pode cultivar-se, mas a vontade delas, que lhes será constantemente necessária durante a vida, permanece definhada, adoentada, anêmica, inútil.

Pobres almas raquíticas! Meu filho, também tu queres ficar assim?

Ficar assim? — perguntas tu. Pertencerei, neste momento, ao número de tais almas?

Sim, pertences. O raquitismo físico, graças a Deus, é uma doença bem rara nas crianças, mas o raquitismo da alma — justamente por causa da fraqueza da nossa vontade — é inato em nós, e é *preciso que nos curemos dêle, que dêle nos desembaracemos.*

Tens um irmãozinho de quatro anos? Pois observa o seu procedimento e vê como a vida física o domina. Se o teu bôlo, à refeição, é um centímetro maior do que o dêle... como chora! como se lamenta! como é incapaz de resistir a qualquer dos seus desejos e de se refrear! A vontade dêle ainda é raquítica.

Tu já viste que uma vontade forte dormita em cada um de nós, mas esta faculdade devemo-la despertar por meio de um trabalho consciente, perseverante e cotidiano. Começa desde hoje a educação da tua vontade. Quanto mais cedo começares, tanto melhor para ti. Quando fores maior, tua vontade será indócil e dura qual uma velha árvore. Dificilmente se encontra um adolescente que no pecado *queira cair*. No entanto, muitos há que nêle caem contra a sua vontade. Por

quê? Porque a vontade dêles é *fraca*. Por conseqüência, é de extrema importância o meu conselho de que fortifiques a vontade com exercícios repetidos.

79. Fortifica a vontade.

No domínio moral, caem muito cedo os que se conduzem passivamente com os seus desejos sensuais, e não passam de frágil joguête dos seus instintos. Quero chamar tua atenção para êste ponto. *Habitua teu corpo a pequenas mortificações.* Experimenta uma vez ou outra renunciar alguma coisa que agrade aos teus sentidos e te não seja proibida.

Não muitas vêzes, mas de ora em quando, para experimentar se trazes bem segura a alma, procura, por exemplo, durante um quarto de hora, não beber, quando entrares em casa, morrendo de sêde, após uma excursão. Quando encontrares ao almôço o teu bôlo predileto, deixa um bom pedaço, não o comas todo, e se um prato está acaso queimado, come dêle sem uma palavra de comentário. E se chegares tarde do colégio, com fome, não atormentes com queixas os ouvidos de tua mãe, a pretêxto de que vais morrer de fome, se o almôço não fôr imediatamente servido. Apresentada a sopa, qualquer que seja o teu apetite, não a devores com avidez de suíno, mas domina o teu estômago esfaimado. Se passares em frente a uma confeitaria, cuja atraente vitrina te faz saltar o dinheiro da algibeira, procura dizer "não" algumas vêzes. Se, ao lavares o rosto ou o corpo, o sabão te escorregar das mãos, não te irrites, mas sorri e apanha-o. Se se rompe os cordões do teu sapato, quando te estás vestindo com pressa, não atires longe o calçado, mas assobia alegremente, consertando os cordões. Se algum dos teus livros de aula te escorrega do braço, não praguejes, mas abai-

xa-te de bom humor e cantarola alegremente. Se não puderes desmanchar um nó, não vás buscar imediatamente uma faca ou uma tesoura, mas esforça-te pacientemente por desatar sem gládio o nó górdio...

E, quando o sol de maio surgir resplandecente, poderás estudar tranqüilo junto aos teus livros e não correr atrás dos brinquedos? E de manhã, quando chegar a hora de te levantares, poderás saltar *imediatamente* da cama, de bom humor, sem bocejar, e estirar-te, apesar da atração de um quente cobertor e de um macio travesseiro? E se, depois, de um grande passeio, os joelhos estiverem, pelo assim dizer, mortos de canseira, poder-te-ás inteiriçar e andar de porte ereto? Diante de uma vitrina que te excita a curiosidade, poderás deixar de olhar para ela? Com um condiscípulo que te é "antipático", poderás mostrar-te amável? Quando te derem uma ordem, poderás — por desagradável que ela seja — executá-la incontinentemente, sem comentário?

Se as coisas não te correm como queres, és capaz de não te enervares? se zombarem de ti, de não responder às zombarias? se a porta se abre, de não olhar imediatamente? e, quando recebes uma carta, és capaz de não a abrir? Se alguém te ofende, és capaz de conter a cólera, que te queima como a febre? E, se alguma novidade te faz cócegas, és capaz de a guardar em segrêdo durante um dia? És capaz, quando te pões a estudar depois do almôço, de deixar em cima da mesa dois ou três confeitos de chocolate, e de os abandonar assim diante de ti, sem que nêles toques até à noite, não obstante os sobressaltos da gula? E, quando leres alguma coisa interessantíssima, és capaz de fechar o livro na passagem mais interessante e não continuar a leitura senão no dia seguinte? À mesa, durante o almôço, ou em aula, no teu banco, poderás ficar sentado pre em boa disposição, ainda que te sintas fatigado? E assim por diante...

Vais dizer-me: São minúcias. E' verdade. Mas não sabes que as grandes coisas são feitas de minúcias e que os arranha-céus de Nova York de cinqüenta andares, foram construídos com pequenos tijolos? São essas pequenas vitórias cotidianas que farão aumentar a confiança em ti mesmo, e então não recuarás tão fàcilmente diante das dificuldades que encontrares pela existência afora. Porque aquêle que souber alcançar a mais difícil das vitórias — *a vitória sôbre si mesmo* — poderá também ganhá-la em tôdas as lutas da vida. Dir-se-á dêle que é um "homem de caráter". *A menor mortificação com que habitues o corpo a obedecer à alma é uma inapreciável fonte de energia para o tempo das tentações, que reclamam séria resolução,* tal como se pode com pequenas centelhas elétricas reunir grandes fôrças nos acumuladores. São essas minúcias que te hão de demonstrar que só o espírito é capaz de dominar a matéria.

Uma juventude conservada pura é um nobre e sublime ideal. Mas é sòmente com progressos contínuos e repetidos esforços que se pode chegar às alturas. Roma não se fêz num dia, e o caráter não é uma como sorte grande que nos sai por acaso.

80. A alegria da vitória.

Em geral, tua vitória será mais certa se te fortificares contra os ataques das paixões sensuais, não travando a luta diretamente contra elas, mas — por assim dizer — dando uma volta pela retaguarda. Quer dizer: *Não reflitas por muito tempo nestas coisas, mas expulsa-as o mais possível do domínio da tua atenção;* em compensação, empenha-te na luta *contra os teus há-*

dos preceitos e contra as tuas fraquezas. Quanto maior fôr o êxito que alcançares na luta com as tuas inclinações para a preguiça e a inação, tanto mais te habituarás às provações, ao silêncio, à paciência, etc., e tanto mais forte serás contra as exigências ilegítimas dos teus instintos naturais. Daquele que jamais repeliu uma coisa permitida, não podes esperar que também evite tudo o que é proibido. Não se faz mister esfôrço para pecar; *nós caímos;* mas não há caráter sem uma *vontade forte.*

Muito melhor poderás fortificar a vontade contra os instintos carnais, se *noutro terreno* te preparaste a vencer-te e privar-te. Quanto mais exercitamos os nossos músculos, mais fortes êles se tornam, e quanto mais exercitamos a nossa vontade, mais senhores dela nos tornaremos e mais fáceis nos serão as boas ações; e uma alegria indescritível nos invadirá sob a impressão da vida espiritual que vai desabrochar em nós. Aquêle que, como criança ou adolescente, sabe nas pequenas coisas, aparentemente insignificantes, triunfar da curiosidade, da gula, da preguiça; aquêle que, dentes cerrados e cabeça erguida, peito arqueado, olhos brilhantes, sabe suportar o frio e o calor, a fome e a sêde; aquêle que sabe calar-se e dominar os seus olhares, aquêle que abafa a cólera que o queima, — êsse não creio que ceda às exigências dos seus instintos. Pois no instante decisivo, a uma ordem imperativa e severa, repelirá os instintos mais exigentes, como se fôssem pequenos cães em fúria. *Aquêle que aos dez anos se pode privar voluntàriamente de um pedaço de bôlo, também aos dezesseis poderá resistir valentemente às tentações dos sentidos.*

Não há dúvida de que será preciso lutar; mas a própria luta vem acompanhada de alegria. De fato, são precisamente os moços que mais gostam de lutar entre si e de ostentar a sua fôrça. Até nos jogos, preferem os em que possam mostrar habilidade e fôrça. Pois aí tens ocasião de mostrar a tua fôrça de vontade ou, ainda, de aumentá-la ou fortificá-la. Limita-te a fazer sèriamente essas pequenas experiências de vontade, que enumerei acima. Não apenas hoje ou amanhã, mas contìnuamente. Estou certo de que te agradarão. Já esta mesma luta, esta prova da tua fôrça, te encherá de alegria; e, se um dia se acender em ti uma energia capaz de triunfar de todos os obstáculos, que sensação benéfica de vitória e que doce alegria após a primeira batalha ganha contra a tua vontade rebelde, os teus caprichos, as exigências do teu corpo.

A alegria do triunfo impele à perseverança. Assim também — se deves lutar contra um pecado de hábito já enraizado — agirás mui prudentemente não tomando resolução a princípio senão por pouco tempo, digamos quatro ou cinco dias: poderei muito bem ficar sem pecado durante êsse tempo. Depois do quinto dia, vês que fôste feliz... "Meu Deus, ainda tenho um pouco de fôrça de vontade. Na próxima semana, é preciso triunfar mais uma vez". Se ainda vences, então já contas duas semanas de vitória atrás de ti, e isso te encoraja a prosseguir na luta.

Entre os naturais das ilhas Sanduíche reina a crença de que, quando matam alguém, a fôrça da vítima passa para os assassinos. E' superstição. Mas não é superstição, e sim pura verdade, que, tôdas as vêzes em que triunfas das exigências dos teus instintos, mais forte se torna tua vontade. Realmente, o que experimentou um dia êsse prazer, sente em si mesmo certa energia, que o impele para as maiores vitórias, e certamente virá a ser muito mais feliz do que aquêle que se inclina, sem fôrça, perante os desejos carnais, como se fôra frágil caniço agitado pelo vento.

reçou um estudante:

"Quem escreve a V. Revma. é um pobre môço que, nas suas quedas por entre as ruínas no edifício que plantou para a vida, ainda possui alento para nêle colocar alguns tijolos, assim como sabe corar de arrependimento pelos pecados cometidos. E' um pobre môço que já alimentou o intento de pôr têrmo à existência, tais e tantos foram os pecados em que se chafurdou no alvorecer da juventude, lançando-se no vórtice da imoralidade sem peias. Isso que estou contando a V. Revma., nunca jamais o contei a pessoa alguma neste mundo; mas agora, considerando o meu horrível passado e vendo o meu tremendo estado de alma, permaneço paralisado pelo terror, e quero combater... Mas, entre mil dúvidas, por ínvios caminhos, com a bôlsa vazia, não sei o que faça..."

"Monsenhor: Achei, enfim, um quadro de orientação: chama-se "O Brilho da Mocidade".

Tôdas as letras dêsse livro borbulham em mim. Erguem uma fortaleza na minha alma, a fortaleza inexpugnável das minhas resoluções. Fito os meus nos vossos olhos e digo-vos: "Padre, eu quero. Quero por amor da Pátria, por amor de mim mesmo. Quero ser contado entre os que querem, entre os que se erguem".

Recebei, Monsenhor, a expressão do meu reconhecimento. Sempre pedirei a Deus que vos abençoe!"

Quando acabei de ler essa carta, recordei-me dessa magnífica verdade do pagão Boégio: — *"Superata tellus sidera donat"* — triunfa da Terra, e alcançarás as estrêlas do Céu.

E não penses que, se deves estar sempre preparado, te será a vida cheia de amargura, e que o domínio de si mesmo e a renúncia serão pesados para teus ombros. Um pêso é, mas um pêso que leva para as alturas.

As asas também são um pêso para as aves, mas, se lhas tirares, como poderão elas voar? Em qualquer luta — também nas lutas da alma — o ataque é a melhor defesa. Pelo fato de já haveres temperado a tua vontade, antes que os baixos instintos te hajam acometido, dêles estarás antecipadamente preservado.

Realmente, o encarniçamento da vontade terá com o tempo recompensa particular. O que traz consigo uma vontade fraca, o que a cada passo, é obrigado a observar, trêmulo, as próprias palavras e olhares, passa uma vida penosa; mas tu, por meio de uma contínua ginástica da vontade, chegarás ao ponto de ver essa vontade obedecer como um cordeiro ao primeiro sinal, e a premunir-se contra qualquer pensamento ou desejo impuro. Quando a poeira da rua quer penetrar em teus olhos, os cílios se contraem instintivamente para o impedir, não é verdade? E será a mais bela recompensa do teu trabalho a tua vontade forte defender, ainda que disso não se aperceba, como uma couraça, invisível e invulnerável, o teu precioso tesouro: a pureza da tua alma.

81. Na Terra, mas não da terra.

Sei muito bem que pensas com terror: "Hoje não se pode mais realizar êsse belo ideal. Se alguém se retirasse para as grutas do Bakony e nelas vivesse longe do mundo, trabalhando para o aperfeiçoamento da sua alma e para a formação do seu caráter, — talvez que tudo corresse bem; mas viver neste mundo em efervescência, ir à aula, ficar em contacto com grande número de colegas (que nutrem idéias muito diferentes), ir ao teatro, ao cinema, para o tumulto das ruas, na vida atordoadora das grandes cidades modernas, e não ter vertigens, — quem o poderá fazer?"

Vê, meu filho, eu não quero expulsar-te para a solidão; contento-me com repetir-te que espero de ti tudo o que venho de escrever. Não vás para o Bakony viver como eremita diante de Deus; deixa-te ficar aqui mesmo, entre nós, nesta multidão ruidosa de tentações; mas, como uma roseira, espalha o bom perfume do caráter *viril e dos costumes cristãos.*

Já reparaste nas roseiras? Suas raízes estão na terra, no frio, nas trevas; e, no entanto, como são puras como o orvalho suas pétalas aveludadas! Pisa na lama, porém não fiques enlameado; sai da poeira, mas não venhas coberto de pó. Marcha pela terra, contanto que a tua alma não cheire à terra; que os raios de sol do teu ideal te aqueçam a alma e nela façam florejar as roseiras sobrenaturais de um caráter inquebrantável. Ainda que sejas feito de lama, conserva-te limpo.

"Ainda que tôda a gente em redor de mim esteja no lôdo, não o estarei eu. Ainda que todos vivam no vício, nêle não viverei eu. Antes morrer, antes ser despedaçado, esmagado, que ceder, por qualquer preço, à mínima coisa contrária às minhas nobres convicções".

> "Justum ac tenacem propositi virum,
> si fractus illabatur orbis,
> *impavidum ferient ruinae*" (Horácio).

Nas frias tardes de inverno, podia eu olhar, à margem de um poço, para um pardalzinho. Fazia frio, nevara, tôda a gente tiritava com dez graus de frio, e eis como a avezinha se ria dêsse terrível tempo: "Vento, podes soprar; neve, podes cair" — ouço, pelo assim dizer, as palavras dêle; — "quando todo o mundo estiver gelado, dentro em mim vive um mundozinho novo, um coraçãozinho bem quente; nada entra nêle".

82. O que não sabe mentir.

O amor inquebrantável da verdade também pode ajudar-te na luta. Não te direi agora quanto é indispensável à formação do teu caráter dizeres a verdade, sempre e sem reserva, e quanto é incompleta a honra daquele em cuja palavra não se pode crer cegamente. Quero lembrar-te que *quem nunca mente, dificilmente cai no pântano da impureza.* O caminho da consciência pura e da verdade é sempre reto, franco, claro; a astúcia, a dissimulação e a mentira começam quando se há precisão de ocultar pensamentos e ações de que se tem vergonha. O que mente desonra a sua pessoa, o seu caráter, a sua alma, e não receará profanar o próprio corpo por meio da impureza. Ao invés, o que se respeita bastante, para se erguer contra a mentira e não a tolerar, também achará maior facilidade em se defender contra os instintos carnais. Habitua-te, portanto, a jamais proferir a menor mentira, de modo que se possa, em qualquer circunstância, acreditar em tuas palavras como na Sagrada Escritura. Empenha-te em te tornares realmente incapaz de mentir. Que magnífico elogio para ti mesmo será o poderes dizer com justiça: "Sou um môço que *não sabe mentir!*" O que *não sabe* mentir não pode engolfar-se na impureza. Sempre estará precavido contra qualquer pensamento e ação que o obriguem a mentir.

83. Fortifica teu corpo.

Em seguida, fortifica também teu corpo. A ginástica razoável pode fortificar-te a alma, assim como a negligência dos cuidados corporais pode ser muitas vêzes causas da queda moral. (Por exemplo: ficar na sujeira, dormir em cama bem fôfa ou bem quente, a alimentação demasiado abundante, enfraquecem o sis-

tema nervoso). Ama os desportos que não ofereçam perigo à tua saúde. Não fiques muito tempo sentado, porque isso prejudica a circulação do sangue. Toma por máxima: *Fatigar o corpo todos os dias*. Tem sempre em mente deitar-te muito fatigado, para que possas adormecer o mais depressa possível. Muitos pecados são cometidos no leito, por se deixar ficar nêle depois de acordar. Pratica o desporto para fortificar os músculos, e não para te tornares atleta e esmagares os outros, na convicção de que *um corpo são bem desenvolvido é instrumento muito mais apto para realizar os desígnios sublimes da alma* do que um corpo enfêrmo definhado. Aquêle que dá ao corpo ocupações regulares lutará menos com os desejos desregrados. Um corpo môço, robusto, habituado às privações, enrijado, é de certo excelente preservativo natural contra o pecado da moleza. Não pratiques, jamais, o desporto com fins de lucro ou de glória, mas ùnicamente com êste escopo: *Chegar a submeter cada parte do corpo à própria vontade.*

Não sejas excessivamente apurado no vestir. Há moços constantemente preocupados com o termômetro, o vento, a chuva, a neve, o sol: "Hoje sairei de sobretudo e manta, porque venta; e se ameaçar a chuva, sairei de capa, etc. — Quando vejo isso, não posso menos de recear pela sua saúde moral. Um corpo môço e enrijado sente mais calor que a melhor capa impermeável, e o que desperdiça as fôrças com a impureza não deve admirar-se de que os nervos, a epiderme, as artérias não funcionem regularmente; qualquer corrente de ar lhe é prejudicial; ràpidamente se vê assaltado por moléstias contagiosas, e ainda que bem agasalhado com uma capa de peles, não deixa de tiritar de frio.

Admiramos os heróis antigos. Como conseguiram êles realizar suas façanhas? Donde provinha a sua fôrça? A razão é que não a estragaram na juventude. Sabes qual é o adolescente que se tornará grande homem? E' exclusivamente o que — segundo a máxima do velho Horácio — sofre, age, sua, trabalha, evita a impureza e abstém-se do álcool.

> "Multa tulit fecitque puer, sudavit et alsit,
> abstinuit Venere et vino..."

Certo dia, uma tempestade imprevista surpreende um grupo alegre de estudantes que navegavam num barco, no lago Balaton. Os jovens olhavam com terror um para o outro... uns pálidos de mêdo, outros desvairados. Dêles só eu conhecia um, José, meu aluno, alma branca como a neve. Foi o primeiro que reconquistou a presença de espírito. Os outros estavam ainda atarantados. José salta para o leme e, com forte voz que dominava a tempestade, pôs-se a dar esta ordem: "Vamos, meus amigos: cada um faça o que eu disser, se não estaremos perdidos". E todos obedecem, enquanto José sustenta o leme com ambas as mãos. Por fim o barco atinge a margem, e os moços soltam um suspiro de alívio.

De todo o grupo de estudantes quem foi o mais corajoso? Não foi o meu aluno de alma pura? E quem não chegou a apanhar um resfriado no dia seguinte? Ainda o meu aluno de alma pura, aquecido, sob um aguaceiro gelado, pelas fôrças vitais que não desperdiçara com o pecado.

"Entrega a espada!" — ordenava-se a Skanderberg, vencido pelos turcos. "Entrego a *minha espada*" — respondeu êle —, "mas não é nesta espada, e sim no *meu braço* que está o segrêdo da minha fôrça; não é mesmo no meu braço, é no meu sangue". Sim, a sua

fôrça residia no seu sangue puro e são, que não foi contaminado pela impureza.

Que seja, pois, teu ideal Godofredo de Bouillon, o ilustre cavaleiro cristão, que, tendo cortado até à cintura, com um só golpe de espada, o seu adversário, ergueu a mão e exclamou: "Esta mão nunca foi manchada por um pecado de impureza".

84. A resistência na dor.

Aprende, também, a suportar com alma forte a dor física e moral. Não convém a um caráter viril gemer, rangendo os dentes, nas maiores ou menores adversidades da existência ou aos golpes da sorte, e suportá-los, de boa ou má vontade, mas deve-se utilizar dêles em proveito de nossas fôrças para a construção harmoniosa do nosso ideal moral. Se sofres dos dentes, se estás doente, se as coisas não correm à medida dos teus desejos, se és vítima de uma injustiça, de uma repreensão não merecida, — nem por isso desanimes nem te entristeças. O pagão Epicteto já havia descoberto que a mortificação e o sofrimento são o caminho da virtude. "Abstine sustine" — era a sua divisa. Efetivamente cai mui fàcilmente no pecado quem manifesta indiferença passiva diante dos instintos e das fôrças ocultas em si. Esforça-te, pois, por intervir ativamente em tôdas as circunstâncias da tua vida; se tens inimigos, se estás doente, se te esqueceste de alguma coisa, se te molestam, não te aborreças, não fiques amargurado, não mordas os lábios, não feches os punhos, mas procura tirar proveito de tudo isto. Proveito? Como? Utilizando a tristeza para educar a alma. Quando o pesado malho bate o ferro avermelhado pelo fogo, dêle tira o aço; e, quando os rudes golpes da vida te ferirem brutalmente, não os recebas com sentimento doloroso de impotência e resignação, mas levanta a cabeça e utiliza essas dores na formação ideal do teu caráter. O que assim aprende a aproveitar para a alma os acontecimentos da sua vida física, jamais trairá sua alma com as inclinações carnais.

Esforça-te por bem fazer o que te pedirem. "Age quod agis". Se um dia a vida te fôr amarga e penosa, não suportes com amargura a provação (que te é impossível evitar), mas com tal grandeza de alma, que nada pode vergá-la.

Não creias que, pela utilização voluntàriamente aceita da fôrça educadora da dor, vás estragar as alegrias dos teus anos de juventude. Pelo contrário, forjarás uma couraça de aço para o teu futuro.

Aprende — sobretudo na idade juvenil, tão propícia à teimosia — a dobrar-te diante da vontade dos outros, por mais penoso que seja isso à tua natureza rebelde.

Respeita o teu corpo e não o estragues. A respeito do corpo, lembra-te das palavras profundamente verdadeiras de S. Francisco de Assis, que ao seu próprio corpo lhe chamava "irmão asno". "Irmão" e não inimigo; é companheiro na estrada da vida, precioso tesouro, como o asno é companheiro precioso para o viajante italiano; entretanto, não é simplesmente "asno", mas servo, feito, não para mandar, mas para obedecer. O que muito bem cuida do seu corpo, continuamente o enche de alimentos ou guloseimas; o que nada sabe recusar às exigências do seu estômago, vê naturalmente que o corpo se torna senhor da alma. Que farias tu, meu filho, se um dia saísses à rua e visses com espanto os cocheiros atrelados ao carro e os cavalos sentados nêle? Cuidado! não faças assentar no tro-

no que está dentro de ti essa natureza material, cuja obediência é a regra, e não subjugues a alma, que é chamada a governar.

85. Um gênero da vida higiênica.

Bem farás — sempre que isso depender de ti — em regular razoàvelmente o teu regime alimentar. Uma alimentação demasiada torna o corpo indolente e efeminado; ao revés, com uma prudente temperança farás que os desejos carnais formulem em ti cada vez menos exigências. A alimentação muito condimentada excita os nervos, e nervos excitados não obedecem fàcilmente. Não te sirvas de pratos que contenham muita albumina, ou muita carne, sobretudo à tarde. Prefere legumes verdes, frutas, massas. Sê sóbrio, principalmente à refeição da tarde. O que é sóbrio no comer é bom médico de si mesmo: "Modicus cibi, medicus sibi". Não te vás deitar logo depois do jantar, com o estômago cheio, mas pelo menos duas ou três horas depois, e abandona qualquer estudo sério uma hora antes de te deitares.

À refeição da tarde, ou depois, serve-te o menos possível de líquidos, e antes de te deitares toma precauções; durante o dia, alimenta-te em intervalos de três a seis horas. Convém que vás regularmente à privada. O corpo humano é uma estufa: precisa de alimentos, para que possa aquecer. Alimenta-se a estufa com carvão, e o nosso corpo com comida. O carvão depressa se consome no fogão, o alimento consome-se lentamente no corpo. Uma pequena parte dos produtos queimados sai como fumo pela chaminé, mas a maior parte se transforma em cinza na grelha do fogão, e deve ser tirada todos os dias, porque, ao contrário, a grelha se entope e o fogo se apaga. Em nosso corpo

também se encontram muitas matérias consumidas. Uma pequena parte delas sai pelos poros da pele como suor (eis por que se devem limpar os poros com banhos freqüentes, isto é, conservá-los abertos). Mas a maior parte das matérias inutilizáveis — o que o corpo não pode assimilar — fica em nós como cinza. E' imprescindível que nos desembaracemos dela cotidianamente (de preferência tôdas as manhãs), pois se o não fizermos, sobrevirão perturbações, dores de cabeça e até doenças mais graves. Nisso também deves dar prova de regularidade. Se vais regularmente à privada, sem faltar um dia só, contribuirás muito para a inalterabilidade e robustez de tua saúde.

Muitos jovens não se preocupam muito com isso, porque ninguém para tal lhes chamou a atenção.

Jamais te sirvas, na juventude, de bebidas alcoólicas. A maior parte dos atos imorais são cometidos em conseqüência do abuso de bebidas alcoólicas. Não é sem motivo que a Sagrada Escritura nos adverte: "Nolite inebriari vino, in quo est luxuria" (Ef 5, 18) — não vos embriagueis, pois a embriaguez leva à impureza. E noutro passo: "O vinho leva à luxúria, e a embriaguez ao túmulo: quem quer que a êle se entregue não é assisado" (*Prov* 20, 1). Já os romanos sabiam que onde entra Baco, deus do vinho, não tarda em aparecer Vênus, deusa da impureza. E quantos jovens têm havido que, durante anos, souberam, com trabalho heróico, conservar a inocência da sua alma, e que, esquentados pelo vinho, os instintos lhe assaltaram a vontade enfraquecida com o álcool e perderam a pureza!

Inúmeros moços têm sido privados do uso da razão por causa da bebida, e na mesma noite se lhes maculou a pureza da alma.

Ai! como é terrìvelmente verdadeira esta frase da Sagrada Escritura: "Fornicatio et vinum et ebrietas

auferunt cor" (Os 4, 11) — a luxúria, o vinho e a embriaguez fazem perder a razão.

De modo geral, não te esqueças de que o cuidado exagerado e a superalimentação do nosso corpo excitam fortemente em nós os baixos instintos. O animal revolta-se no homem, quando muito afagado.

Não devem as tuas calças ser muito estreitas, para não te apertarem, por isso poderia ser causa de excitação. Cruzar as pernas estando sentado, pôr as mãos nos bolsos das calças, ficar sentado por muito tempo (sobretudo em cadeiras bem macias), tudo isso é também fonte de excitação. À noite, não te vás deitar senão quando estiveres cansado; e pela manhã, logo que acordares, não te deixes ficar na cama. Deve o teu pijama ou camisa de dormir ser de preferência grosseiro (portanto nem macio demais, nem muito quente, em todo caso nunca de lã) e o mais folgado possível. Não uses roupas de baixo que sejam de lã, porque o exagerado calor delas é causa de excitação. Usa suspensórios e não cinto, pois êste prejudica a circulação. Convém que a tua cama seja mais dura que macia, mais fria do que tépida. Faze uma experiência: quanto mais dura fôr a cama, tanto mais fàcilmente reprimirás teu corpo. A utilidade dos cobertores e cobertas é conservar no corpo o calor que os movimentos e as roupas mantêm durante o dia. Se lhes dás mais calor do que durante o dia, o excesso provocará excitação febril e despertará fortes tentações. A cama quente e macia demais é fonte de excitação dos desejos sexuais. Conserva as mãos *fora* dos cobertores. Procura dormir num ambiente puro, se fôr possível com as janelas abertas. O ar fresco é um banho para os pulmões, como a água pura o é para o corpo. Como acorda eletrizado por nova fôrça quem dorme com ar puro (sobretudo ao ar livre), e como é diferente aquêle a quem é preciso despertar pela manhã num dormitório infeccionado! Deita-te sempre do *lado direito*. Não de peito para cima, porque o calor da coluna vertebral excita o sistema nervoso; não do lado esquerdo, porque se comprime o coração. *Pela manhã, logo que acordes, não continues na cama.* Posso afirmar, como regra quase sem exceção, que a pessoa que fica algum tempo na cama depois de acordado, comete inevitàvelmente o pecado solitário. Já o pagão Horácio formulava esta pergunta: "Os bandidos levantam-se de noite para matar os homens, e tu não poderás levantar-te para te salvar?"

> "Ut jugulent homines, surgent de nocte latrones,
> ut te ipsum serves, non expergiscaris?"
>
> (Horácio: *Epistola*, I, 3).

O demônio é um grande senhor: levanta-se tarde — dizia um pregador. Quando começa o seu giro, os homens ativos já estão trabalhando há muito tempo, e êle não lhes pode fazer mal. Mas ai dos preguiçosos a quem encontra na cama! Engana-os, seduze-os até que se tornem seus escravos.

O sono da manhã não é mais que modôrra em que a vontade é como manteiga derretida e cai sem resistência em poder da bestialidade. O que fica na cama depois de acordado, repousa no travesseiro de Satanás. Se nada tens que fazer com urgência, dorme o tempo que puderes; *mas, uma vez acordado, salta imediatamente da cama.* Eis aí uma regra importante, mesmo durante as férias, ainda que nada de extraordinário te obrigue a agir com presteza. Lava-te com água fria. Não receies a água fria. Se puderes, faze pela manhã, com a janela aberta, um quarto de hora de exercícios físicos; em seguida, toma um banho geral de água fria, e depois faze-te em ti mesmo enérgicas

fricções. Essa ginástica matinal e essas abluções frias fortificarão muito o teu sistema nervoso.

Presta particular atenção, meu caro filho, aos teus pensamentos, no caso de a doença te obrigar a ficar na cama alguns dias. Durante a doença, ocupa-te com alguma coisa fácil (rezando, lendo); pois é triste ver muitos jovens cometerem em seu leito de enfermos pecados de pensamento ou de ação, quando esperam da bondade de Deus justamente a saúde do corpo.

86. Nunca estejas ocioso.

Não é sem motivo que se chama à ociosidade o travesseiro de Satanás. Jamais me cansarei de te dar êste conselho: *Nunca estejas inativo*. Mesmo em férias.

Quando passeio pela montanha, páro sempre com emoção, para sonhar à margem de um dêsses regatos que descem serpenteando. Que trabalho executam êsses filêtes de água! Como furam a rocha, como abrem caminho em seu leito! Não têm repouso, não param um momento. E, embora saiam de um solo pantanoso e carreiem destroços de rochas a água dêles conserva-se límpida como cristal. Mas, quando chegam à planície, onde tudo corre às mil maravilhas, não há mais "tanto trabalho"; tornam-se preguiçosos, espalham-se e ficam sujos. Não vale a pena dizer que charco lodoso e fétido vai ficando o regato mais puro, à medida que suas águas se vão espalhando e estagnando em paul.

A inação, a imobilidade, é sinal de morte em a natureza e promotora de ruína em a vida da alma. Enquanto o môço, com um trabalho sério, fura e despedaça os rochedos que se erguem no caminho da vida; enquanto, à custa de trabalho cheio de sacrifícios, abre caminho para belo futuro, sua alma pode mais fàcilmente ficar pura. Entretanto, o perigo de cair

está próximo, quando essa força, em vez de trabalhar sèriamente, pára na indolência e na preguiça. Não era sem razão que Ovídio dizia: "Venus otia amat" — a madraçaria sustenta a imoralidade.

Quando te assalta uma fortíssima tentação e receias não poder resistir ao pecado, não fiques só. Levanta-te imediatamente, deixa o teu quarto e vai para junto dos outros homens, para perto de teus pais, dos teus irmãos. E' o que recomendava Ovídio, aliás bem frívolo que êle era:

> "Quisquis amas, loca sola nocent, loca sola cavete!
> Quo fugis? In populo tutior esse potes".

Outro dístico traz a mesma recomendação: Se te achares em presença de Vênus (a imoralidade), que fazer? Não fiques sentado, mas vai-te embora, para que não morras por causa dela.

> "Quid facies, facies si Veneris veneris ante?
> Ne sedeas sed eas; ne per eas pereas!"

A mó mói bom grão e, se não tem grão, mói-se a si mesma; a alma humana também se estraga a si própria, se não se emprega o trabalho útil. Toma, portanto, muito cuidado contigo durante as férias, quando tantos jovens não se fazem só queimar pelo sol (o que não é um mal, antes um bem), mas enegrecem a alma na lama da imoralidade.

A perdição de muitos moços começou pela ociosidade durante as férias. Aquêle que nada faz aprende a fazer o mal; e a Sagrada Escritura diz muito apropriadamente: "A ociosidade ensina muito mal" (Ecli 33, 29). A ociosidade é particularmente perigosa durante o repouso depois do almôço, dado que, depois de termos comido, estamos mais sujeitos ao pecado. Toma também cuidado — salvo se estás doente — em não te estenderes numa cama estando acordado, pois o

calor excita a coluna vertebral, e por ela os baixos instintos. Não é sem razão que um provérbio diz: "O demônio encarrega-se de dar trabalho aos que nada fazem". A alma humana quer constantemente ocupação; está em contínua atividade; e se um môço nada faz, comete de ordinário pecados, pois a alegria de viver condenada à ociosidade abrirá caminho para a imoralidade. O pensamento leva ao desejo, o desejo ao ato, o ato à ruína, à perdição. "O trabalho é o sal da vida, que preserva da corrupção" (Trompa). Esmaga, pois com o trabalho as exigências dos teus instintos e das tuas inclinações. Faze seja o que fôr, mas conserva-te sempre ocupado!

Impende a cada jovem ter a sua ocupação predileta, que lhe dê mais prazer, utilizando nela o excesso da sua fôrça vital. Um é apaixonado pelo herbário, outro pelo recorte, um terceiro entrega-se à experiência de física ou à fotografia. Êste cria pombos ou coelhos, aquêle coleciona pedras, aqueloutro dedica-se à jardinagem. Uns se entregam ao estudo de línguas estrangeiras, outros estudam música, aprendem a encadernar ou se dedicam ao rádio, etc.

Em todo o adolescente bem comportado há certamente excesso de fôrças. Os que são arrastados pela corrente do mundo estragam essas fôrças no pecado; e os que refletem sabem que o excesso de ativo que aparece num balanço não deve ser delapidado, mas, sim, passar para outra rubrica. Noutros têrmos: devem empregar em trabalho precioso êsse excesso de energia. Quanto mais lutares fortemente com os teus instintos, tanto mais te entregarás com ardor ao trabalho. *Afoga realmente no trabalho a superabundância das tuas fôrças vitais.* E' por aí que tens de preparar o teu melhor futuro.

87. Ama a natureza.

Agora, faço-te esta pergunta: Amas a natureza? Qualquer homem pode achar inesgotável alegria nas belezas da natureza; mas ninguém pode sentir mais a alma inundada de alegrias puras, à vista dos esplendores da natureza, do que a juventude. Gostas de aspirar a plenos pulmões o ar puro e são das florestas? Gostas de ouvir o zumbido do inseto à margem de silencioso regato que desliza pela planície deserta? Gostas de te estender sôbre a verde e macia relva e receber o sorriso acariciante dos raios do sol? Gostas, sonhando ao pé de um bosquezinho, de ouvir o canto do rouxinol, o trinado da cotovia? Gostas de mergulhar incansàvelmente os olhos nas profundezas cristalinas de um lago de montanha, dizendo de ti para contigo: As profundezas da minha alma também podem ser puras como o cristal? Gostas de embalar tua alma ao ritmo do murmúrio de um arroio? Gostas de cantar ao vento que leva docemente a tua canção? Gostas de escalar, com o rosto abraseado, as alcantiladas montanhas e extravasar em alegres cantos a felicidade que reina em tua alma? Amas a natureza? Ou preferes perambular dia a dia pelo asfalto das calçadas e respirar o ar viciado das ruas?

A vida do estudante é evidentemente sedentária. Mas essa vida contínua enfraquece a alma. Quando tiveres ocasião, *sai de teu quarto e vai para o bosque, para as montanhas.* Um môço correto não pode ficar tranqüilamente numa valeta, quando vê a montanha diante de si.

Efetivamente, hás de verificar que, banhando os pulmões na onda de ar puro da floresta, e da mesma forma o coração e os nervos durante alguns dias, muito mais fácil te será o estudo. Não sòmente avigoras

a tua saúde física, senão que, ainda, tua energia moral se patenteará mais destra e mais resistente.

O adolescente que não sabe participar dos divertimentos alegres dos seus companheiros, mas fica desenxabido e meditabundo a um canto, deve tratar de procurar o médico, porque está doente, ou antes, vá procurar o seu diretor espiritual, porque é bem possível que a alma lhe esteja doente. E' ridículo ver um homem maduro conduzir-se como uma criança; mais ridículo ainda é ver um jovem dar-se ares de importância e apresentar aspecto de envelhecido.

Os rapazes que, com o seu entusiasmo nas diversões e os seus cantos alegres, quebram a calma das florestas, são-me, às vêzes, mais caros do que os que se arrastam pelas ruas, ou ficam sentados, tristes e lerdos, por detrás de suas janelas, com os rins e a alma despedaçados...

Canta o hino dos escoteiros:

"Dentro de nós é o Deus,
nossa fôrça, Senhor e Guia,
no fogo da pureza ferve o sangue,
como o aço se tempera na forja".

Meu ideal é o adolescente de saúde, alegre, transbordante de fôrça, de coração ardente, alma vibrante, que sabe rir com todo o seu coração; o estudante de senso moral delicado, *que tem confiança em si, mas sem presunção.*

88. Alguns conselhos médicos.

Em 1932, realizou-se em Budapeste uma exposição de higiene social. A associação médica húngara de ética sexual afixou, entre outras coisas, dois quadros, cujas palavras são dignas de um espírito sèriamente cristão.

No primeiro quadro, lia-se:

OS DEZ MANDAMENTOS DA CONTINÊNCIA

1. Não comas demais de uma vez. Janta três horas antes de te deitares; serve-te, ao jantar, de alimentos leves e de fácil digestão.

2. Não bebas licores fortes, nem muito chá ou café; não comas pratos muito condimentados nem muita carne.

3. Vai regularmente à privada todos os dias; a prisão de ventre envenena o sangue.

4. Dorme em quarto fresco, sôbre leito duro, ao lado direito, com leve coberta ou cobertor; não te sirvas de cobertor quente, e jamais de edredão.

5. Evita ficar na cama pela manhã; levanta-te logo que acordares; foge da moleza.

6. Fiscaliza particularmente o asseio da pele; toma banho o mais freqüentemente que puderes. Um banho tépido à noite torna o sono pacífico.

7. Faze muito movimento; ama a natureza; pratica um desporto sem perigo; faze cada dia pelo menos uma hora de exercício a pé.

8. Evita os livros, as revistas e os quadros obscenos, os companheiros de conversas imorais, os lugares de diversão e as danças indecentes.

9. Esforça-te por criar em ti e em volta de ti atmosfera de pureza moral; é o mais seguro preservativo contra as tentações.

10. Pede a Deus que te faça intimamente unido a Êle; toma resoluções; conta com a graça divina; vive na convicção de que estás sempre na presença de Deus.

O outro quadro estava concebido nos seguintes têrmos:

OS DEZ MANDAMENTOS DO CASAMENTO

1. Desde que o teu corpo está suficientemente desenvolvido e que te achas em condições materiais para manter modestamente família, casa-te o mais cedo possível.

2. Emprega teus anos de mocidade de maneira que fiques bem preparado para as grandes lutas da existência.

3. Antes do casamento, gasta o menos possível em diversões e põe de lado o dinheiro assim poupado, para constituir o teu lar. Não bebas licores fortes; não fumes.

4. Não encares o casamento como fonte de prazeres, em que tudo é permitido, pois a vida conjugal tem as suas dificuldades, tentações e lutas.

5. O casamento importa graves obrigações para tôda a vida; é um campo de batalha para um caráter viril.

6. Não escolhas a companheira da tua vida por causa das vantagens materiais, pois a má administração ou a falta de sorte pode chegar a fazer perder grandes riquezas. Basearás tua vida material no trabalho e na economia.

7. Que as vantagens físicas não sejam para ti o principal, pois a beleza acaba e, ainda quando exista, é tesouro de valor duvidoso; anda ligada a muitas tentações.

8. Em tua companheira procura qualidades morais, a fidelidade, o amor ao trabalho, a economia, a ternura, a paciência, a pureza, — virtudes que tu mesmo deves cultivar.

9. Não te precipites na escolha de tua companheira; aprende a conhecer a fundo aquela que escolheste

para consorte durante tôda a vida; não te decidas apenas por impressão de momento.

10. Que não seja longa demais a duração do teu estado de noivo; evita intimidades impuras; prepara-te com santa gravidade para a grande missão que te espera: a união harmoniosa de duas almas que crêem em Deus.

Podes verificar que a séria ciência médica prescreve e reclama tudo quanto a moral cristã te impõe para a tranqüilidade da tua consciência e o desenvolvimento do teu caráter.

O décimo artigo de cada um dêstes quadros sugere um pensamento sublime a respeito do qual gostaria eu de conversar contigo mais calmamente: é a relação entre a religião e a pureza.

89. Um pai e um amigo.

Procura um pai espiritual. Nunca discutas acêrca de assuntos sexuais, mormente com teus companheiros. Se um cego conduz um cego, ambos acabam caindo num fôsso. Como poderia esclarecer-te a respeito dêsse grande problema o próprio que geme ao pêso de questões semelhantes e que provàvelmente hauriu seus conhecimentos em fontes suspeitas, numa literatura de baixa esfera e em conversas do mesmo gênero? Êsses camaradas falam em geral tão brutal, tão grosseira e tão levianamente dessas coisas infinitamente sérias, que depois da conversa dêles, tua alma fica ainda mais inquieta, tua imaginação mais perturbada e mais cheia de imagens excitantes. A Sagrada Escritura diz com muita propriedade: "Não consultes homens sem religião a respeito de coisas santas, a homens injustos sôbre a justiça, a covarde sôbre a guerra, a homem desonesto sôbre a honestidade, a escravo da preguiça

em relação a grande tarefa; não os ouças para conselho algum. Interroga freqüentemente a homem piedoso, que tu conheces em condições de caminhar no temor de Deus" (Ecli 37, 12-15).

Não procures solução para as tuas dúvidas nos dicionários e nos pretensos livros de medicina. Os que se vendem com êsse título são geralmente brochuras que não querem fornecer sério ensinamento, mas antes excitam as imaginações juvenis já de si tão inflamáveis. Nesse terreno, como tantas vêzes tenho lembrado, não é a ciência que decide do combate, mas a vontade. Poderá alguém conhecer o funcionamento do organismo humano e os perigos que aguardam os que abusam dêle até nas próprias minúcias; não obstante conhecê-los a fundo, poderá ainda entregar-se a uma vida *imoral, se não tiver vontade forte, formada e bem avisada.*

No entanto, eu te recomendo que não fiques só nas tuas dúvidas: "Infeliz daquele que está só" lemos na Sagrada Escritura — "pois, se cai, não há ninguém que o levante" (Ecle 4, 10).

A quem hás de pedir então esclarecimentos, se te invadirem dúvidas sérias? Em primeiro lugar, interrogarás teu pai, tua mãe ou teu professor de religião. Se teus pais não tiverem tempo, ou se receares não ser completamente franco para com êles, sempre te poderás dirigir muito à vontade a qualquer sacerdote ou ao teu professor de religião. Mas sê inteiramente franco para com êle e hás de sentir que só com lhe expores tuas lutas, tuas dúvidas, a alma te ficará aliviada e com a vitória em meio caminho. Não penses que êle vá abusar da tua confiança, quando lhes escancarares a alma em efervescência. Não te há de desprezar por causa das tuas lutas; ao invés, sentir-se-á honrado por lhe expores tão francamente teu estado de alma.

Êle sabe que, se não atender às tuas dificuldades, acabarás por procurar por ti mesmo uma resposta, com que não hás de ficar satisfeito. Êle sabe que nas lutas da idade ingrata andas à ventura como um viajante perdido na estrada por uma noite sem luar. O que aprenderes dêle não o vás transmitir logo aos teus camaradas; lembra-te de que êsse conhecimento é um tesouro sagrado, que seria talvez prematuro revelar aos outros; que tens uma faca bem afiada, que não te fere, mas que te pode ser perigosa para teus companheiros.

90. Do diário de um aluno de 16 anos de idade.

"Meu caro diário, ainda não escrevi coisas semelhantes às que vou agora gravar nas tuas páginas, mas não posso calar por mais tempo.

Vou dizer-te claramente o que me vai na alma: "Estou apaixonado! Sim, apaixonado! Não me coro de te confessar isso, o que, aliás, não admira num jovem como eu.

Vou contar-te o que aconteceu: Faz algumas semanas que, quase todos os dias, pela manhã, no mesmo bonde em que vou à escola, vai também uma môça singularmente bela. Descrever a sua beleza é coisa que julgo impossível. Ela pôs meu coração em reboliço, e desde que a vi, nunca mais tive sossêgo.

* * *

Não sei por que tenho mêdo de escrever; mas a ti, meu caro diário, não devo ocultar coisa alguma. Tudo te contarei. Estou cada vez mais apaixonado. E minha mãe sabe tudo... Ontem, à noite, depois do jantar, quando eu continuava a escrever no meu diário, entrou minha mãe sorrateiramente no meu quarto. Eu quis esconder ràpidamente o meu caderno, mas não

pude fazê-lo. Fiquei muito vermelho, mas considerei que nada neste mundo eu deveria ocultar à minha mãe.

E logo disse ela de mansinho:

— Meu querido filho, quero falar contigo, porque me parece que tens algum aborrecimento, e ainda não me disseste nada.

— Aborrecimento?! Por que, minha mãe? Por que é que a senhora julga assim?

— Os olhos das mães são muito penetrantes. Hoje, ao jantar, tiveste o teu prato predileto, entretanto não o recebeste como costumas; e durante o jantar estiveste muito pensativo, distraído. Dize-me com franqueza: o que é que tens?

Os olhos dela fixavam-se nos meus. Comecei a empalidecer e a tremer. E' que o meu diário estava aberto diante de minha mãe.

— Minha mãe, a senhora leu o meu diário?

— Li só uma sentença que tu escreveste na página aberta.

— E' verdade, minha boa mãe. Por que negá-lo? Não devo envergonhar-me de o confessar à senhora.

— Sim, meu filho, não deves ter vergonha de contar a tua mãe o que se passa contigo. E' melhor dizer-me tudo. Desde quando e como sucedeu isso?

— Quando eu tomava o bonde para a escola, durante algumas semanas, quase diàriamente, *ela* me esperava na praça de Cristina, e viajávamos juntos até ao fim da ponte de Isabel, que se acha do lado de Peste. A sua beleza me impressionou bastante, mas ainda não conversei com ela. Há poucos dias, eu a vi correndo, e quando ela olhou para mim, senti que o sangue estuava no meu coração. Uma vez, caíram no chão os livros dela, e eu mais que depressa os apanhei e lhos entreguei. Agradeceu-me de maneira mui graciosa. Um dia, não tomou o bonde. Fiquei muito triste por isso.

A senhora está sorrindo minha mãe? Pode ser que seja isso para rir... Mas a minha tristeza não durou muito, visto que ela apareceu no dia seguinte.

Foi para mim como um raio de sol. Ela arrebatou o meu pensamento. Muitas vêzes, quando abro um livro para estudar, permaneço diante dêle como que a sonhar com os olhos abertos. À noite, também sonho. Para que êsses pensamentos e êsses sonhos? Creio que tudo redundará em nada...

Não sei como vieram os meus companheiros a saber disso. Ontem, pela manhã, êles se tornaram impertinentes. Diziam-me frases dúbias, atiravam-me apodos, chasqueavam-me. Um dêles, apontando-me, bradava: "Olha o moralista, o grande enganador de môças! Agora êle caiu mesmo na rêde". Não sou dom João, como o são alguns dos meus colegas, nem engano môça alguma. Os meus colegas ofenderam-me perversamente.

Entretanto, eu não sou como quase todos êles, que passeiam pela avenida horas e horas, e vão ficar à frente do ginásio, esperando que saiam as môças. Não escrevo cartas nem bilhetes para elas, como êles o fazem.

Os tais colegas não trepidaram em falar-me acêrca de coisas feias, e contaram-me anedotas e casos picantes...

Minha mãe, tremendo, olhava-me estarrecida.

— Não tenha mêdo, minha mãe querida, não há perigo. A senhora sabe que eu tenho os meus princípios e vou pô-los em prática. E disse tudo o que pensava.

— Mas, meu filho, por que prestou atenção àquelas conversações?

— Minha mãe, era impossível evitá-lo! Em todos os lugares por onde ando, topo um ou outro dos meus colegas. Mas foi a primeira vez que ouvi na minha vida as coisas feias que êles me disseram. Mas, graças a Jesus, minha alma conserva-se pura. Hoje, com 16 anos de idade, sou o seu mesmo filho de sempre. Não sou mau. A senhora me crê?

— Meu querido filho, nunca jamais deixei de crer em tuas palavras.

Disse e abraçou a minha cabeça. Depois, prosseguiu:

— Meu filho, tu já falaste com o teu diretor espiritual?

— Ainda não falei com êle, mas por êstes dias irei procurá-lo.

* * *

Eu já não podia esperar muito, e resolvi procurar o padre. Seja como fôr, contar-lhe-ei tudo. E' verdade que jamais ocultei coisa alguma ao sacerdote, mas agora me custará assaz a confissão. Custará, mas hei de lhe dizer a verdade inteira.

Procurei o padre, e depois de uns quinze minutos:

— Reverendíssimo padre, eu quero dizer alguma coisa...

— Pois não, José. Mas pensa você que eu desconheça a luta que há tempos vem sustentando consigo mesmo? Vamos! Diga tudo.

— Reverendíssimo padre, eu quero dizer alguma coisa a respeito *dela*...

Não pude continuar. Êle tomou a mão:

— José, você quer dizer que está apaixonado?

Não me surpreendeu a pergunta. Acostumado a abrir-lhe os recônditos de minha alma juvenil, bem sabia eu que para êle o meu peito era de cristal. Com grande estôrço, mas firmemente disposto a contar-lhe tudo, principiei:

— Reverendíssimo padre, não me condene. Falarei sem rebuço. — E narrei todo o ocorrido, minuciosamente. Em remate, perguntei-lhe com inaudita coragem e sentindo que o sangue me afluiu ao rosto: — Reverendíssimo padre, pode apaixonar-se um estudante do 1º ano?

Meu diretor espiritual olhou-me fixa e profundamente, e respondeu-me com outra pergunta:

— José, você, com 16 anos, não quer continuar a ser o primeiro na sua classe?

Fiquei assustado. Mas logo obtemperei:

— Como não? Mas é essa a resposta à minha pergunta?

— Sim, esta mesma. A respeito de amor, segundo o plano de Deus, ouviu você bastante nas aulas de moral. Você sabe que o amor é o pensamento mais majestoso do Criador, e o amor não pode ser brincadeira de crianças. Amor de estudante é brincadeira. Ficar horas e horas a passear na avenida, fabricar poemas de amor, andar atrás das môças, namorá-las e ao mesmo tempo cumprir os deveres é impossível. Você não pensa desta maneira?

— O que eu sei é que a coisa está no pé em que acabei de narrar, e por isso não posso pensar daquela maneira. O que eu sei, reverendíssimo padre, é que a amo. Ela roubou-me o coração; minha não é a culpa. Devo desatar todos os laços? — perguntei-lhe com voz trêmula e sumida, que demonstrou a minha emoção, e aguardei ansiosamente a resposta.

— Eu não disse que você devia cortar os laços que o prendem à môça. Naturalmente, seria melhor que não houvesse tais laços. Mas você absolutamente não pode negar que os olhos da môça lhe são mais

interessantes que as letras gregas. Considere bem que esta época de romantismo irá surpreender todos os moços em desenvolvimento. Mas você pode fazer com que venha o esquecimento dela. Não desligue os laços violentamente, mas faça o possível para esquecer; e assim desaparecerá vagarosamente a atual perturbação. Diga-me: Você a encontra freqüentemente?

— Só no bonde.

— Não mantém correspondência com ela?

— Não, senhor. Uma vez o experimentei, mas tive o pressentimento de que isso não era correto, e não reiterei.

— Você pode estudar da mesma forma que dantes?

— Mais. E estou mais senhor dos meus pensamentos. Se repentinamente me vem um pensamento imoral, fàcilmente posso expulsá-lo da minha cabeça.

— Então, está direito, meu filho, não se incomode com o que está sucedendo. Só uma coisa é necessário que me prometa: que seja sempre franco e verdadeiro comigo, e se houver qualquer mudança na sua alma, venha depressa dizer-mo. Enquanto você depositar confiança em mim, não tenho receio de que lhe aconteça qualquer mal. Grande sentimento terei eu, se você fizer alguma coisa que não possa comunicar a seu diretor espiritual

Quando êle acabou de pronunciar essas palavras, os meus olhos pousaram na sua fisionomia bondosa e as lágrimas me saltaram de emoção.

— Isso, reverendíssimo padre, não há de acontecer nunca!

Apertou a minha mão, e eu saí rápido, com o coração a transbordar de indizível contentamento.

* * *

Aqui termina mais uma parte do meu diário. E eu concluo, de mim, que é uma grande bênção terem os moços um bom guia espiritual!".

91. Nas fontes de uma vida nova.

Antes de mais nada, tens um inapreciável arrimo nas lutas da tua juventude: a confissão e a comunhão. Não quero falar-te mais minuciosamente com respeito a êsses poderosos meios de educação e de domínio de si mesmo, de fôrça, de reerguimento e de proteção. A criancinha tem mêdo da água; a criança espiritual tem mêdo do banho da alma. Os que não estão ainda espiritualmente desenvolvidos estremecem com espanto diante da confissão; todavia suponho que tu sabes apreciar a fôrça profundamente educativa da confissão. Não só a aprecias, senão que fazes uso dela, espontâneamente, não compelido. Um corpo intoxicado não pode achar tranqüilidade; enquanto o veneno não tiver sido expulso dêle, o corpo arruína-se. Do mesmo jeito se arruinará a alma que conservar em si as matérias envenenadas que nela foram introduzidas, isto é, o pecado. Quanto mais violentas forem as tuas lutas, mais vêzes te deves confessar, e se te fôr possível sempre com o mesmo confessor. Confessa-te *com sinceridade — e com a firme resolução de te melhorares:* Desde o momento em que expões tuas lutas ao pai espiritual, já dás um grande passo para tua melhoria, pois triunfaste das repugnâncias da tua natureza com atitude que ela não queria. Aí encontrarás a mão paternal que tira o espinho. Aí encontrarás um bálsamo que cura a ferida. Aí encontrarás um pai indulgente que com alegria aperta ao peito o filho que julgava perdido. E' humano o enganar-se, mas reconhecer o êrro com a vontade de se corrigir é sinal de coragem viril. Que preciosas fontes de fôrça brotam em tua alma, quando

ajoelhas no confessionário e abres tua alma palpitante! Descobres as manifestações mais secretas das tuas paixões, a inicial ação destruidora dos teus pecados, a tempestade furiosa das tuas tentações, as chagas vivas da tua alma, diante do confessor que, não só com mansuetude e experiência, mas com fôrça curativa provinda de sublime missão divina, tocará tuas chagas.

"Eis aí, meu pai, quanto eu pequei; caí tantas vêzes; fiz tal e tal esfôrço. Que fazer para me tornar mais forte? Que fazer, visto que *eu quero* libertar-me do pecado?" E então ouvirás os conselhos de um guia espiritual experimentado; e, quando saíres do confessionário, teu rosto brilhará como as velas da missa da meia-noite, respirarás longamente e um pêso imenso desapareceu da tua alma. "Agora, graças a Deus, vou começar uma vida nova. Não recairei mais no meu antigo pecado. *Não, não. Nunca mais!*"

Quem poderá contar o número de todos os que a confissão e subseqüente comunhão salvaram de uma terrível escravidão? Gostaria muito, caro filho, que aproveitasses o seguinte conselho: *Aquêle que, desde a juventude, na adolescência, e durante tôda a sua vida, conserva o hábito salutar de se confessar todos os meses, voluntàriamente, e com alegria, não se perderá eternamente; eu não me preocupo com a alma dêle.* E' possível que êle, às vêzes, ainda escorregue e caia — mas levantar-se-á de novo e não permanecerá no pecado.

E por que isso?

Leia, primeiro, a seguinte carta que recebi de um estudante da Universidade.

"Reverendíssimo padre: Quase não posso começar a escrever esta a V. Revma., para dizer-lhe coisas que sempre ocultei a todos; mas é preciso que V. Revma. conheça os meus segredos, para poder dar-me os seus bons conselhos. Se V. Revma. pudesse ver minha alma, ficaria horrorizado com verificar que o jovem que escreve, talvez de índole muito boa, está gafado de mazelas nauseantes, feias, hediondas, e com desgôsto desviaria a vista, como se desvia de um leproso.

Faz três anos que tive a felicidade de conhecer o seu livro: "O Brilho da Mocidade". Naquele tempo, tinha eu 17 anos de idade, mas já era um montão de ruínas, cheio de pensamentos os mais tenebrosos e escravizado pelo maldito vício do onanismo. Era e sou um montão de ruínas, mas espero em Deus que nessas ruínas hei de erigir um belo edifício. Lembro-me bem, quando li a mencionada obra, de que a minha consciência me acusava fortemente, e eu me convenci de que era um pecador, um grande pecador, um miserável pecador...

Meus pais são pobres e moram numa aldeia. Com 12 anos de idade, fui para o ginásio. Naturalmente, vivi numa sociedade muito simples, como pobre que era, e não tive grande sujeição.

Esta não me impedia de ter relações com os maus companheiros, que já estavam viciados e quiseram contaminar-me. Caí no lôdo e perdi-me.

Quando me lembro, tenho desgôsto de mim mesmo. Como é imensa a graça de Deus! Todo o meu organismo se estragou. Tôda a minha energia desapareceu. A indolência, a preguiça, tomaram conta de mim inteiramente.

Não tive fôrça de vontade para vencer as tentações. Quando percebi que pecava, veio-me o remorso, veio-me a escuridão, e vi-me sòzinho, desamparado. Fiquei muito triste. Mas os princípios religiosos que me foram implantados no espírito, quando pequenino, salvaram-me nessa tétrica situação em que me achei.

E veio a luta tremenda: pela manhã, tomava resoluções firmes, mas à noite me deleitava com a masturbação; depois, vinha o brado forte da consciência, e eu adormecia com a intenção de me levantar com resolução inabalável de não mais pecar. Tudo, porém, sem o mínimo resultado.

Nada neste mundo me alegrava o espírito. Desistia de todos os divertimentos. Não podia saber a verdadeira causa de tudo isso. Durante muito tempo foi essa a minha triste vida. Por isso digo, revmo. padre, que já padeci um pouco, já fui algo castigado. E hoje só desejo uma coisa, revmo. padre: é possuir uma alma inocente e pura! Ah! meu padre, como pagaria eu bem caro, até com o meu sangue, esta graça! Creia V. Revma. que é grande a minha dor, quando vejo um amigo de alma impura, quando avisto um companheiro que se chafurdou na lama da impureza. Desejaria flagelar o meu corpo com cilício ou com azorrague cheio de pregos. Sòmente agora me é dado compreender porque se flagelou o monge da Idade-Média. Se eu não tivesse pais, dos quais sou o único arrimo, entraria incondicionalmente na mais rigorosa ordem monástica, a fim de fazer penitência e castigar o meu corpo manchado de feios pecados, satisfazendo, assim, à minha viva e ardente aspiração atual.

Ai de ti, miserável jovem, que tais coisas me disseste pela primeira vez! Como te amaldiçoaria eu, se não fôsse cristão!

Deu-se a minha queda no primeiro feriado do estio. A tentação apareceu-me muito interessante, e não pensei que tal coisa fôsse pecado. Infelizmente, porém, não houve ninguém que me avisasse ou esclarecesse no momento fatal. O resultado foi que o jovem, antes alegre, casto, de olhos brilhantes, se tornou rabugento, de olhos torvos, ocultador da verdade.

Ai! infeliz de mim! Não encontrei pessoa alguma que me lesse nos olhos e jeitosamente me desviasse da senda perigosa. Felizes os moços a quem se deparam, nos momentos difíceis da vida, conselheiros e salvadores como os pais ou como os diretores espirituais. Êsses homens têm muito mais mérito do que os que se atiram na água para salvar um afogado.

Não tive a felicidade de achar alguém que me abrisse os olhos, porque, vivendo no meio de gente pobre e simples, dificilmente surgiria um homem que deixasse a luta insana pela vida a fim de cuidar de assuntos que lhe não interessavam.

Aos 13 anos de minha idade obtive, pela última vez, excelente boletim de notas das matérias que estudava. Meio ano depois, não alcancei mais de 50 nas três matérias, e no fim do ano apenas alcancei 50 em uma delas. Nesse ano, estudava na escola sòmente durante o recreio. Mas que estudo êsse! Por êsse tempo, já o vício secreto se havia apossado de mim; masturbava-me diàriamente. E agora, quando me lembro das energias que desperdicei, e vejo um corpo juvenil forte e sadio, tenho-lhe inveja, ao mesmo passo que o admiro.

Resolvi reler o volume de V. Revma., e agora me considero forte. Forte, sim, porque jamais eu havia dominado os pensamentos maus, e hoje os estou mais ou menos governando... Da primeira vez, não liguei muita importância aos sábios conselhos de V. Revma., mas no meu espírito ficaram alguns dêles; entretanto o meu mau instinto não deixou que eu os seguisse, preferindo negligenciar e ir cômodamente obedecendo a êle. Com a segunda leitura, porém, prestei muita atenção a tudo quanto lá se acha escrito, e tenho esperança que a graça de Deus me vem tirar desta lama, tanto mais quanto estou disposto a confessar-me

haver-me dado pais católicos e permitido que eu tivesse educação religiosa. E não sei também de que modo possa agradecer a V. Revma. pelos conselhos salutares que me deu por intermédio do seu miraculoso livro. Foi V. Revma. quem, por meio dessa obra benemérita, me ensinou a arrepiar carreira do caminho do vício degradante e infame; foi V. Revma. quem me fêz emendar, e devagarinho tenho feito progresso na emenda. Peço a V. Revma. que se lembre de mim tôdas as vêzes que rezar pelos infelizes, que, como eu, perderam a alvura do lírio da vida casta.

Desculpe V. Revma. o haver-lhe roubado um pouco do seu precioso tempo e creia na gratidão dêste criado de V. Revma.:

F., Aluno da Universidade".

Ah! meu filho! Quando recebo cartas semelhantes, não és capaz de imaginar com que ternura e comoção me ajoelho aos pés da Cruz do Redentor, Nosso Senhor Jesus Cristo, para lhe suplicar proteção, auxílio e graça para o meu jovem correspondente, para o meu jovem lutador!... E de todo o coração imploro: "Meu Senhor, abraçai a alma do novo combatente! Meu Senhor, dai-lhe alma pura, adolescência casta e feliz!"

92. O Senhor está comigo.

O organismo pode vencer os bacilos da moléstia, se um sangue novo e quente passar por todo o corpo e vivificar tôdas as células. Assim também os bacilos das enfermidades morais desaparecem de tua alma quando, depois da santa comunhão, o sangue sagrado de Nosso Senhor Jesus Cristo circular em ti, e com a fronte oculta entre as mãos, dirigires a Cristo, que vive em ti, esta deliciosa súplica: Alma de Cristo, santificai-me. Corpo de Cristo, salvai-me. Sangue de Cristo, embriagai-me. Água do lado de Cristo, lavai-me. Paixão de Cristo, fortificai-me. O' bom Jesus, ouvi-me. Em vossas chagas, ocultai-me. Não permitais que me separe de vós. Do espírito do mal, defendei-me. À hora da morte, chamai-me. Mandai que eu vá para vós, a fim de que, com os vossos santos, vos louve pelos séculos dos séculos.

S. Teresa queria construir um claustro, porém não tinha mais do que três moedas. Disse: Três moedas e Teresa é pouco. Mas três moedas, Teresa e o bom Jesus é demais". E o convento foi construído. Talvez já o tenhas tentado por mais de uma vez. Só, sou incapaz de tal. Mas, com a minha boa vontade e o auxílio da graça de Deus, vencerei. Não é sem razão que um velho provérbio diz: *"Deo favente navigas vel vimine* — se Deus infuna a vela atravessarás o oceano, ainda que seja num cêsto. Recebe o mais freqüentemente que fôr possível o "Pão dos Fortes", Nosso Senhor Jesus Cristo na santa Comunhão. Recebe o mais freqüentemente que te fôr possível o Senhor em tua alma, em tua barca, e, qualquer que seja a violência da tempestade, pede como os apóstolos, quando temiam naufragar pela tempestade: *"Domine, salva nos, perimus"* — Senhor, salvai-nos, que perecemos (Mt 8, 25).

As convicções religiosas, sinceras, são o melhor apoio, em nossas lutas contínuas, para a pureza da nossa alma. Diante de tôda a gente se apresenta esta questão: "Por que não sou eu livre para fazer o que a *natureza* me pede tantas vêzes e tão instantemente?" E só pode dar resposta satisfatória e animadora quem compreende que, acima da natureza, há a *ordem sobrenatural*, e que o dever mais sublime da vida do homem é chegar lá.

Em 1781, Mozart, com 25 anos de idade, escreveu: "O instinto natural funciona em mim também, como nas outras pessoas, e, ainda, talvez, mais forte em mim que na gente da roça. Mas eu não sou capaz de tomar por modêlo a vida dos meus companheiros de mocidade. Não sou capaz, porque sou mais piedoso, tenho mais consciência e gosto tanto do meu próximo, que jamais consentiria em seduzir criaturas inocentes; e também porque zelo muito a minha saúde, e por isso não posso nem devo ter relações suspeitas. Até ao presente, posso afirmar, sob juramento, que ainda não tive, em minha vida, uma queda ou fraqueza!"

Do mesmo jeito que do centro de um círculo uma reta traçada em tôdas as direções imagináveis conduz à sua circunferência, assim também tôdas as manifestações, todos os acontecimentos da tua vida te levam ao grande centro do mundo, que é Deus. Esforça-te, pois, meu filho, por manter com Jesus Cristo uma amizade tão íntima, tão profunda quanto possível. Em tôdas as coisas, volta-te para êle com amor sincero e vivo. A pessoa do Cristo não é qualquer imagem do passado, pois êle é hoje ainda e será eternamente o teu Salvador, que faz raiar a vida, ama e fortifica a tua alma. Portanto, não te esqueças de que êle não está diante de ti como apagada imagem, senão que é a *Verdade* viva, com a qual deves discutir cada um dos teus projetos, para o qual deves voltar tôdas as tuas esperanças e de quem tu sabes que se regozija contigo por tôdas as tuas vitórias, e que se entristece com as tuas quedas eventuais.

Todo o adolescente deseja uma amizade ideal; é dela que nasce também o primeiro amor. Se assim me posso exprimir, — seja Cristo o teu primeiro amor; debalde no mundo procurarás ideal mais nobre, amigo mais seguro, protetor mais poderoso que Êle. Habituate ao pensamento de que Nosso Senhor está em tôda a parte, e sempre contigo. Desde a madrugada, muito cedo, até à noite, Êle te acompanha por onde quer que andes: na rua, na aula, nas diversões, no cinema, quando estudas, quando estás só, quando te divertes; e, quando à noite te vais deitar, Êle senta-se ao pé de teu leito, olha-te com amor e felicita-te: "Meu filho, hoje combateste bem".

Aprende a orar nesse estado de espírito. Dize-me, meu filho: Tens o hábito de rezar regularmente? *Regularmente!* Quero dizer: de manhã e à noite, mas rezar *bem,* com piedade, com amor, de todo o coração, com tôda a tua alma? Se não regares as flôres, elas secarão; as flôres da tua vida moral também secarão, se não as regares regularmente com a água pura da tua prece. E' rezando assim que sentirás a existência da eternidade: é rezando assim que ajoelharás diante do trono do Todo-Poderoso, onde se apazigua tôda a tempestade, se desmancham as ondas da alma atormentada ou, pelo menos, retoma coragem aquêle que luta.

Dize-me, meu filho, sabes orar assim? Nunca o soubeste? Então, aprende. Já perdeste o hábito depois de tanto tempo? Recomeça. Mas não amanhã. Hoje mesmo. Hoje, à noite. E, depois, sempre.

Certo homem desejava entrar numa Ordem Religiosa muito severa. Mas, antes de o admitirem, quiseram pôr-lhe à prova a vocação. Conduziram-no à capela, onde êle teria que ficar em vigília à noite, durante horas. Mostraram-lhe o refeitório, onde deveria mais jejuar que comer. Experimentou o leito duríssimo, onde teria que ficar, não para dormir, senão para passar a noite serenamente. Por fim, perguntaram-lhe: "Que pensa disso? Ainda tem vontade de ingressar? Suportará esta vida?" O homem contentou-se com perguntar: "Haverá um crucifixo em minha

cela?" — "Há". — "Então creio que tudo irá bem" — respondeu, e entrou para o convento.

Meu filho, poderás tu amar assim a Nosso Senhor? De modo tal que, sejam quais forem as tentações que te assaltem, possas pensar nêle, dizendo: "Tudo irá bem"?

Sem o socorro da religião, quase não é possível ficar puro na juventude. Aquêle que quisesse levar vida pura sem religião faria como o que quisesse voar sem asas, tirar água de um rochedo, cavar um poço com as próprias unhas. O sábio rei Salomão já confessava isto: "Era eu criança de bom natural e recebera uma boa alma, porém logo que soube não poder possuir sabedoria, a não ser que Deus ma desse, dirigi-me ao Senhor e lha obsecrei" (Sab 8, 12-21). S. Agostinho também declarou acertadamente que, ou é o amor de Deus que reina em nossa alma, ou a sensualidade: "Regnat carnalis cupiditas, ubi non est Dei caritas".

Não se pode levar uma vida pura senão com a ajuda de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Olha de frente para Jesus Crucificado, como a avezinha olha para sua mãe, que lhe está sobrevoando. Sê a avezinha da pureza eterna, sê o seu adorador, *leva sempre Cristo em tua alma,* e sentirás com alegria que com êle a alegria não é impossível.

Meu caro filho, algumas vêzes as tentações carnais se lançarão sôbre ti como fogo devorador, como oceano encapelado que quer devorar tudo; momentos chegarão em que hás de julgar que todo o pensamento, entusiasmo, ambição morreram em ti, que só a vida animal te governa e te leva a pancadas; nesses momentos só a mão poderosa do Salvador te pode tirar são e salvo do perigo.

Não posso, pois, dar-te melhor conselho do que deu S. Catarina de Gênova a seu afilhado: "Que Jesus esteja em teu coração, a eternidade em teu espírito, o mundo a teus pés, a vontade de Deus em teus atos, e que sôbre tudo o seu amor brilhe em ti".

93. "E depois?"

E, se tudo quanto venho de expor não pôde causar bastante impressão em tua alma, para te fazer romper definitivamente com o pecado, lê ao menos esta breve história, depois fecha o livro e reflete: Certo dia, um rapaz dirigiu-se com entusiasmo para a casa de S. Filipe de Néri. — "Que se passa contigo que estás tão alegre?" — perguntou-lhe o santo. — "Por que estou alegre?" Venho de falar com meu pai, e êle me permitiu estudar advocacia". — "Muito bem! serás advogado. E depois?" — "Depois, ganharei muito dinheiro". — "Sim, ganharás muito dinheiro. E depois?" — "Depois? Quando tiver muito dinheiro, terei tudo quanto me é preciso para viver tranqüilamente na minha velhice". — "E depois?" — perguntou o santo. O rapaz foi ficando triste: "Depois?" — respondeu lentamente — "depois, terei certamente que morrer". — "E depois?" — perguntou pela última vez o santo: "Que te acontecerá depois da morte?" E desde aquêle momento Francisco Spazzari (era êste o nome do rapaz) viveu tôda a sua vida na honestidade e na virtude, pois nunca mais se esqueceu de que um dia seria forçoso dar contas a Deus de tôda a vida que levava.

Meu caro filho, se nada te pode desviar dos teus hábitos pecaminosos já antigos, reflete neste ponto infinitamente grave: "E depois? que te acontecerá depois? quando tiveres que prestar contas a Deus justo, que sabe tudo e tudo vê?" "Pensa no teu último fim e não mais pecarás" — diz a Sagrada Escritura (Ecle 7, 40). "Para viver na morte, viveu como se devia morrer"

— está escrito numa velha pedra tumular: "Ut moriens viveret, vixit ut moriturus". Que profunda sabedoria se encerra nessas poucas palavras!

Lembra-te de que Deus um dia te pedirá contas, não só das tuas ações, mas de cada uma das tuas menores palavras, e até dos teus mais secretos pensamentos. E êsse Deus te viu, ao passo que ninguém te via; viu-te na obscuridade do teu quarto de dormir; viu-te sob os cobertores da tua cama; viu-te no teu esconderijo do jardim. Ouviu as tuas conversas confidenciais. Atravessou teus pensamentos. Meu filho, *queres apresentar-te manchado de corpo e alma no dia da grande prestação de contas?*

Certamente que não.

Tu queres ser um rapaz de alma pura!

PARTE VII

A ALMA SORRIDENTE — OS OLHOS BRILHANTES

"Uma consciência pura é uma sensação celeste; sem ela, o trono real é um deserto; com ela, o cavalete e o patíbulo não são terríficos".

Conde Estêvão Széchenyi.

Deixou-nos o Senhor três lembranças do paraíso terrestre: o luzir das estrêlas, a beleza das flôres e os olhos brilhantes de um rapaz de alma pura. E das três a última é a mais bela: *O rapaz de alma pura é um herói.* Um verdadeiro herói, cujas lutas são mais ásperas que as batalhas mais violentas, e cujos louros não são manchados pelo sangue do inimigo, mas dourados pelo esplendor da alma humana triunfante. E' o puro esplendor de uma consciência em paz. Em conseqüência da união íntima que existe entre o nosso corpo e a nossa alma, a serenidade da alma reflete-se em nosso olhar: a alma sorridente acende uma chama nos olhos.

94. A maior vitória.

A maior vitória consiste em nos podermos vencer a nós mesmos. Era com esta convicção que o paganismo já cumulava de honrarias os que pudessem submeter à sua vontade o mais forte dos instintos, que é o ins-

tinto sexual. E, por muito longe que remontem os documentos escritos, por tôda a parte se encontra nos antigos o respeito à castidade. Cícero escreve: "Nihil est virtute amabilius" — nada é mais amável que a virtude. Em Roma, erigira-se um templo à Pudicícia, deusa da pureza, e Tibulo proclama altivamente: "Casta placent superis" — a castidade é agradável aos deuses. Diante das vestais romanas marchavam — sinal de grande honra — os litores, como diante dos cônsules. E, se uma vestal encontrasse por acaso um condenado à morte, seria êle indultado. Assim como em Roma as vestais, também na Gália os drúidas e os sacerdotes do Nilo, no Egito, eram cercados de grandes honrarias por causa da sua castidade. O Sábio do Antigo Testamento exclama com espanto: "Há três coisas que eu não compreendo e uma quarta que me maravilha completamente: como a águia voa através dos céus, como a serpente desliza através dos rochedos, como o navio flutua sôbre o mar — como o homem atravessa são e salvo as estradas perigosas da juventude" (Prov 30, 18-19).

Ainda hoje, o próprio homem que escorregou pelo declive da impureza experimenta, involuntàriamente, certa emoção e certo respeito diante daqueles que conquistaram a vitória da castidade.

Schiller, grande poeta alemão, disse:

> "Ao encanto da juventude, nunca profanada,
> ao talismã da inocência e da virtude,
> quero ver quem lhes possa resistir".

O próprio negador cínico dos valores morais não se pode subtrair ao poder da superioridade mortal, que emana de um jovem casto. Efetivamente na Terra inteira não se encontra um valor maior que um caráter viril de uma moralidade perfeita. A mais bela jóia da

coroa da humanidade é o môço casto que alcançou a vitória sôbre si mesmo. E' o mais forte pilar da sociedade, pois com a juventude moralmente decaída a própria sociedade marcha para a ruína; é o penhor, o clarão de esperança do mais belo futuro da humanidade.

95. Ah! como é bela a geração dos castos!

Em nossos dias, fala-se enormemente da beleza do corpo humano. Na verdade, o homem é o remate da criação, mas não tanto pela beleza do corpo quanto pela nobreza da alma. Realmente, que é a encantadora cabeça loura de uma criança, que é o brilho dos seus grandes olhos abertos, que são os seus lábios vermelhos que clalram continuamente, — que é tudo isso, se considerarmos que o templo de Deus se ergueu no corpo humano imaculado e que por detrás dos olhos sorridentes e cândidos dêsses homens *se erige um altar em que o Eterno estabelece a sua morada?* Afirma um velho provérbio que "os olhos são o espelho da alma". Ora, nenhuma outra beleza da alma se pode refletir mais triunfalmente nos olhos do homem que a pureza no rosto de um jovem. "Bem-aventurados os que têm o coração puro, porque verão a Deus".

Há uma idéia profunda e interessante no dar-se o nome de *virgem* a tôda a beleza da natureza que tenha conservado sua integridade e frescura. E' assim que falamos de "floresta virgem". Esta doce, piedosa e santa moção que surge em nossa alma à vista das belezas virginais da natureza, cresce mais no homem à vista de um adolescente de alma "virginal". E' como se uma voz misteriosa mussitasse: "tira o teu calçado e fala só respeitosamente, porque essa alma é uma terra santa".

Repara nessa alegria de viver, nessa energia pronta para a ação, nessa alacridade perpétua, primavera

cheia de esperança, que brotam dêsses olhos brilhantes como a vela intumescida pela brisa fresca, como o anúncio da aurora, como um hino celestial. Dêsses verdes anos cheios de promessas nascem cada dia novas fôrças, revelam-se energias ocultas, e a alma estremece em santa expectação. Efetivamente, a potência genital conservada intacta, reconquistada e transportada para outro trecho, o terreno espiritual, torna-se fonte dessas obras criadoras que exigem do homem a maior energia. Essa alegria transbordante de viver, êsses planos e êsses desejos inflamados, são a prova — coisa confirmada, aliás, pela experiência dos homens que receberam e executaram grandes obras — de que a continência tem benefício e misterioso influxo no progresso da nossa atividade intelectual. Nêle, a primavera canta a graça, a alegria, as esperanças, as ambições da juventude, e, enquanto os seus infelizes companheiros transviados delapidaram a melhor parte das suas fôrças espirituais e viris na impureza, e agora choram sôbre as ruínas da sua alma, sôbre a vida tão cedo despedaçada, pulsa-lhe o coração de alegria, os olhos azuis lhe brilham como a miosótis e as fôrças se lhe entesam ao pêso das resoluções que o levam aos grandes atos. Os excessos sexuais arruínam o espírito e o organismo, a continência dá-lhes fôrça e frescura. Para tal adolescente, não há dever mais fácil que a observância do grande mandamento divino: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de tôda a tua alma, com tôdas as tuas fôrças".

Com fôrça indomável, o regato da montanha corre os rochedos. Se tivesse liberdade, faria terríveis devastações. Mas a inteligência humana mantém-no entre reprêsas poderosas, dirige-o em tubos de aço para reservatórios, e eis essa fôrça selvagem transformada em luz e em energia elétricas. O instinto sexual no homem é

também uma fôrça natural de selvagens impulsos. Se o deixares livre, causará terríveis devastações em teu idealismo, nos teus trabalhos, no teu corpo e na tua alma; porém se o mantiveres no tubo de aço da continência, até ao momento em que puderes utilizá-lo, de conformidade com os sublimes designios do Criador no sacramento do matrimônio então se tornará fonte de uma vida familiar radiante de felicidade.

A pureza da alma dá à vontade humana uma fôrça vitoriosa contra tôdas as baixezas; também é a pureza o verdadeiro fundamento do caráter firme. A pureza é a criadora da virilidade. *A quem sabe vencer-se ninguém pode vencer.* Os heróicos *mártires* do cristianismo eram, as mais vêzes, e não por acaso, *virgens,* e receberam êsse título magnífico: *Virgo et martyr.*

Em Lucerna, ergue-se um magnífico monumento (Obra de Thorwaldsen) em honra dos setecentos suíços que morreram em defesa de Luís XVI: um leão em agonia defende com a pata direita um lírio, emblema dos Bourbons; em baixo, há esta inscrição: *"Helvetiorum fidei et virtuti"* — à fidelidade e à coragem dos suíços.

Meu caro filho, em tua alma também floresce o lírio da pureza; se o conservares, não é Thorwaldsen que te erguerá um monumento, mas receberás em recompensa uma vida de concórdia e de felicidade.

Magnífico desabrochar de uma vida môça cheia de esperança! Esperanças, desejos, aspirações celestes de uma alma humana nascida para a eternidade! Ah! como é bela a geração dos castos! "Nenhuma compensação" — exclama a Sagrada Escritura — "é digna da alma casta" (Ecli 26, 20). "A pureza é a fonte de tôda a beleza" (Conde Estêvão Széchenyi, *Memórias,* 36).

Ah! se os moços soubessem que fonte maravilhosa de fôrças é a castidade conservada intacta! Nunca jamais a perderiam tão levianamente!

96. Liberdade, liberdade querida!

A liberdade causa impressão nos moços. Certo, é também o que lhes convém. Mas haverá homem mais livre do que aquêle que com superioridade põe ordem no santuário da sua alma e a preserva dos movimentos inferiores? Haverá no mundo escravo mais miserável do que aquêle que os instintos cegos do corpo, o pecado da impureza, jogaram às cadeias da mais penosa escravidão? Realmente, não é homem livre aquêle que faz o que quer, mas, sim, aquêle que pode querer o que deve fazer, o que pode governar-se a si mesmo e, em conseqüência, pode obedecer às suas ordens.

Viver na imoralidade — é isso liberdade? Sabes qual o povo que seria tão mais livre? Uma vara de porcos numa pocilga ou num pantanal.

Eis como Logan censura semelhante liberdade: "Se liberdade é fazer tudo quanto se deseja, será então povo livre uma vara de suínos na lama".

Quantos moços repetem: "Liberdade, liberdade querida!" Mas só o adolescente de vida pura pode apreciar e compreender a *verdadeira liberdade*, pois a *verdadeira liberdade consiste na liberdade da alma.*

Ah! meu caro filho, se pudesses conservar sempre tua alma pura! Se pudesses permanecer sempre como guerreiro vitorioso dessas lutas pela liberdade da tua alma!

Conserva êste livro para mais tarde. Quando estiveres na Universidade ou tiveres chegado a certa situação, toma-o contigo e, se as tentações te cercarem, relê-o. Muitos jovens aqui hauriram fôrça, coragem, perseverança para ficarem puros.

E oxalá venhas tu a ser, no meio dos outros, o propagandista dêsses magníficos sentimentos! Repara, meu filho, quantos não há que se debatem, afundam e abafam nesse triste pecado. Talvez conheças alguns no meio dos teus camaradas. Ah! sê para êle o anjo da guarda. *Põe êste livro nas mãos do maior número possível de moços!* Quem sabe quantos poderás salvar assim da perdição! Quando um dia notares, no curso da tua vida, a multidão imensa dos propagandistas, dos companheiros, dos auxiliares do pecado, da imundície, da impudicícia; quando vires um dia a multidão dos corruptores das almas e dos apóstolos da imoralidade, como ficarás inflamado de santa indignação e de enérgica resolução! "Se outros podem corromper as almas, eu tentarei *torná-las melhores.* Se outros podem perder as almas, eu tentarei *salvá-las*". Algumas vêzes, há jovens que neste sentido fazem mais do que qualquer sacerdote. Porque ainda és môço, os outros jovens mais fàcilmente abrem a alma diante de ti. Desde que comecem a falar-te pela primeira vez em coisas imorais, ou mesmo que lhes façam simples alusão, tu, de aspecto infinitamente grave, com santa emoção, mas também com firmeza, adverti-los-ás; pode ser que assim preserves da primeira queda os teus camaradas. E que mais nobre alegria se pode abrir em teu coração, quando, à noite, puderes agradecer a Deus em tuas preces: "Eu vos agradeço, Senhor, a graça de haver conseguido salvar hoje uma alma"! Fala a teus camaradas com calorosa convicção, mas, sobretudo, com o exemplo da tua pureza de vida. Ingente alegria te inundará a alma quando refletires que, pelas palavras, pelos exemplos ou pelo simples empréstimo de "O Brilho da Mocidade", te é possível ganhar um membro útil à pátria e uma alma imortal para a vida da graça.

Deus enviou-me meus irmãos,
para que faça brilhar as chamas aurifulgentes dos seus raios,
que de sua face me iluminavam o coração,
plàcidamente, por todos os lugares.
Para meus irmãos, que se acham na noite,
Deus me enviou, como fanal" (Sik).

97. Vontade. — Fôrça. — Vitória.

A nobreza e a liberdade da alma dão ao olhar da criança inocente tal encanto, que os maiores pintores do mundo, quando querem representar os anjos — portanto uma beleza sobrenatural — lhes dão fisionomias infantis. Êsses traços sorridentes são um orvalho refrigerante nos botões nascentes da humanidade. Sim, no rosto de um adolescente de alma pura, de vida casta, reflete-se a beleza do Céu. Platão já dizia: "Que nos é preciso para ver a Deus? A pureza e a morte". *O céu sem nuvens não tem o mesmo sorriso ao romper do dia as estrêlas não têm o mesmo brilho à noite: as pérolas do rocio matinal não têm o mesmo esplendor; o regato da montanha não tem a mesma pureza de cristal; talvez fôsse semelhante o olhar dos anjos, se tivessem corpo.* Aparece nesses olhos a alma de um anjo coberta de flôres da primavera; nêle brilha a serenidade de uma alma pura, que a poeira não desbota. E, se o reflexo da inocência natural e da pureza da alma num rosto de criança é tão belo, muito mais comovente o é num môço, cuja virtude deve ter sido adquirida ao preço de rudes combates sustentados virilmente! Guarda estas graves palavras de Goethe: "Grandes pensamentos e coração puro — eis o que deveríamos pedir a Deus" (Wilhelm Meisters Wanderjare, 1, 10). A vida casta estabelece a harmonia entre a parte inferior e a parte superior do homem. A alma pura é o mais precioso tesouro do homem, o alicerce de uma vida

heróica a mais bela manifestação [illegible] Deus.

E' difícil achar no mundo coisa mais santa que um jovem coração preservado do pecado.

98. Mantém-te vigilante.

E' possível, meu filho, que regresse de longe e que te espante o espetro dos anos passados no pecado. Se um dia achares de novo o Senhor, fica sempre com Êle. Se despertaste de um sonho terrível, continua desperto. Lê esta carta, transbordante de imensa alegria, que me escreveu um jovem soldado, quando, depois de anos seguidos de quedas morais, achou de novo Jesus Cristo:

"Caía sempre cada vez mais para baixo. Entrei pela primeira vez num hospital; não foi bastante. Voltei segunda vez; ainda não foi suficiente. Tornei pela terceira vez... Disse então com os meus botões: será a última.

Quando saí do hospital, dirigi-me ao confessionário. Foi a minha ressurreição. Meu Deus, que confissão! Tôda a felicidade dêste mundo, milhares de anos de gozos, não podem dar tanta ventura como a que senti após a santa comunhão. Levei até ao fim a minha penosa missão; três vêzes voltei ao confessionário. *Eu queria ter bom êxito, era preciso que eu o tivesse.* Sou um soldado de coração duro: todavia, diante do altar, pus-me a chorar. Fora do hospital, procurava a felicidade no pecado; quando alcançava por instantes o que acreditava fôsse a felicidade, sentia-me depois cem vêzes mais infeliz. Faltava-me alguma coisa, e procurei-a onde jamais a poderia achar.

Agora, encontrei uma felicidade perene. Minha felicidade, quereria fazê-la sentir aos meus jovens ca-

maradas transviados, derramá-la na alma dêles, para que êles vissem a verdadeira ventura que trocavam por um vil e efêmero prazer. Meus irmãos, é indiscritível a felicidade que experimento. Nos dias que antecedem a santa comunhão, fico impaciente; só um pensamento me empolga; receber o Santíssimo Sacramento. Depois, o meu peito como que se arrebata de alegria, e digo com fervor, prostrado em terra: "Senhor, como é bom assim!" Desejaria entornar minha alma na tua, irmão infeliz. O mundo já te deu alguma vez semelhante alegria? Eu também passei pelo mesmo abismo, pelo pecado, pela imundície: mas depois daqueles instantes de gôzo, olhava fixamente para o futuro e procurava saber onde se achava uma felicidade *mais longa, mais duradoura*... Agora, o triste passado não me parece mais que um sonho mau; neste sonho, o meu sorriso, a minha alegria, desapareceu, e o meu aspecto era cheio de tristeza, porque essa felicidade não se apresentava como a de agora. E a dor de antes haver cometido tantos pecados então me afligia como um pesadelo. "Meu Deus, foi bom ter despertado... *Meu irmão, mantém-te acordado!*"

Mantém-te vigilante e sê feliz, alegre, de bom humor. A alegria pura e verdadeira é um excelente auxiliar em nossas lutas contra a impureza. Onde não brilham os raios do sol, aparece o môfo, a atmosfera torna-se carregada de miasmas, e formigam bandos de bichos de conta e outros insetos. O bolor do pecado, o ar empestado da devassidão, os bichos de conta da impureza, surpreendem mais fàcilmente a alma triste e lerda. Quanto mais pura fôr tua alma, mais o bom humor se deve traduzir num riso argentino em teus lábios. Pois quem poderia estar de melhor humor que um môço de alma pura, de pensamentos voltados para o ideal e amante de Deus? Jovens, desmenti essa idéia

errônea de que o pecado dá a alegria, e de que um môço deve recorrer ao pecado quando quer ter prazer. Ah! meu caro filho, experimenta-a apenas, e verificarás que todos os prazeres prometidos pelo pecado e pelos seus enganadores atrativos nada são ao lado da doçura, da alegria, da paz, que locupletam a alma de um môço casto, de um môço que, de alma tranqüila, pode fitar os olhos nos olhos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

99. Tu o farás, não?

A última palavra que te quero dirigir, meu filho, não pode ser senão esta: Guarda o teu precioso tesouro, a pureza da tua alma juvenil. Se no passado fôste obrigado a deplorar quedas, começa desde agora uma vida nova. Não te esqueças das minhas palavras: Ninguém está irremediàvelmente perdido, exceto aquêle que se não quer salvar. Por mais profundamente que tenhas caído, meu filho, *sempre é possível reerguer-te*. Porque, se podemos dominar as ondas elétricas, também podemos, incontestàvelmente, submeter às nossas ordens as vagas das nossas paixões.

Conserva pura a tua alma, como de tôdas a mais peregrina jóia que tens. As pérolas e as pedras preciosas, a esmeralda, a safira, o rubi, são extremamente delicados; se usarmos dêles muitas vêzes, se os tocarmos freqüentemente, se os expusermos aos raios do sol, perdem o seu brilho e a sua côr. Por isso é que se conservam guardados em escrínio especial. A pureza da tua alma se embaciará também, se não a guardares. Todos, durante a juventude, são lançados ao combates pela natureza que nêles se expande. Êste môço atravessa com bastante facilidade as dificuldades da adolescência; aquêle já não o faz senão com insanos combates. Os instintos rebentarão talvez contra ti com

tal fúria, que ficarás quase paralisado de horror, e dirás: "E' impossível guardar a pureza de minha alma!" Não, meu filho, não digas isso. Tu bem sabes que podes alcançar vitória, que podes chegar, puro de corpo e de alma, ao altar do teu casamento. *Tu o podes, mas à custa de improbo trabalho,* à custa de generosos sacrifícios, de vigilância perpétua, de perseverança incansável. Toma por lema o que a província holandesa da Zelândia, em luta constante com o mar, inscreveu em suas armas: "Luctor et emergo" — luto, mas sempre levanto vitoriosamente a cabeça acima das vagas.

Êste livro falou-te com tôda a franqueza: *Tu podes viver casto, deves* viver casto, *mas não é coisa assim tão fácil.* E' preferível saberes antecipadamente que o homem *não nasceu* casto, mas *tornou-se* casto à custa de duros combates. No mundo atual, só uma luta heróica lhe pode permitir a conservação da castidade inteira até o casamento. Bem te diz a razão: "Conserva-te puro". Mas o mundo hodierno, as frívolas idéias contemporâneas, os milhares de tentações atuais, os instintos da tua natureza inclinada ao pecado, tudo se mussita aos ouvidos: "Não te conserves casto! Não sejas casto!".

Entretanto, *é preciso que sejas puro,* porquanto a recompensa que te espera é digna dos maiores combates. A mais bela recompensa da coragem, a ordem de Maria Teresa, não pode ser ganha senão em batalha. O caminho que conduz às alturas, às alturas da alma, já Sêneca reconhecia não ser fácil: "Non est ad astra mollis e terris via". A fôrça moral que terás adquirido durante a juventude aureolará de alegria e felicidade a tua idade madura.

Nas tentações mais violentas, lembra-te de que podes tirar dêste pensamento a tua fôrça de resistência: "Neste momento, não é só por mim que luto, mas também *pelos meus descendentes*". Ah! que grande alegria para mim, quando, vinte e cinco ou trinta anos mais tarde, meu filho, na idade madura, puderes dizer-me:

"Agradeço-te, querido pai, o haveres ensinado a juventude a lutar contra as tentações impuras, mostrando-lhe o caminho para tornar a luta mais fácil.

Agradeço-te por haveres conservado a minha pureza juvenil e teres alimentado em mim a santa chama do desejo de uma vida casta.

Agradeço-te por haveres cuidado da alvura de minha alma e por me haveres estimulado às lutas vitoriosas a que devo os meus olhos sorridentes.

Agradeço-te por haveres contido com mão firme os meus instintos durante a juventude, e é a ti que devo os meus músculos de aço, os meus nervos sólidos, a minha boa saúde do corpo e da alma".

Os jornais estão cheios de reclamos de fortificantes e depurativos: "Tomai isto, tomai aquilo, e vivereis muito tempo". Sabes qual é a melhor segurança e o maior segrêdo de uma boa saúde e de uma longa vida? *E' uma juventude casta, uma mocidade que não tenha sido desbotada pela impureza.*

Penso que pudeste vê-lo bem claramente em meu livro: a vida sexual não é invenção diabólica nem coisa vergonhosa, mas, ao revés disso, um dom muito nobre e sagrado do nosso Criador, um sinal de grande confiança no homem. Se é dom de Deus, não pede ser pecado, e sim uma coisa santa. E tua vigilância, tuas lutas contínuas durante a juventude, são dirigidas *contra* as coisas sexuais, para as conservar puras e sem mancha, até ao momento em que, em harmonia com a vontade de Deus, tiveres o direito de te servir delas, quando te ligares pelos laços matrimoniais.

E, se agora seguires os conselhos dêste livro, mais tarde, quando se arrefecer o calor do teu sangue ardente, após a experiência da idade madura, pensarás com reconhecimento que outrora, em tua juventude, leste um livro, cujo título não te ocorre e de cujo autor já não te lembras, mas que te precaveu de graves erros e da ruína moral.

Meu caro filho, passei largos anos no meio da juventude. Vi crescer muitos jovens como botões transbordantes de seiva. Vi moços atirarem-se para as alturas como carvalhos cheios de promessas. Vi muitas dessas belas promessas reduzidas a pó. Vi êsses vigorosos botões, êsses carvalhos altos roídos por misterioso verme. Muitos dêles não tinham dado ainda os primeiros passos no caminho do pecado, senão por ignorância e leviandade, porque não houve quem os avisasse a tempo. Mas creio firmemente que haverá moços na vida dos quais as páginas sérias dêste livro marcarão uma vitória decisiva, rompendo com o pecado e estabelecendo as bases de uma vida nova: a vida idealmente bela da *"casta adolescência"*.

100. Uma geração nova.

Uma época aproxima-se do declínio: a que orgulhosamente gravou na fronte as palavras "ciência" e "indústria". Tinha por máxima a ciência e só a ciência. Mas tal ciência despedaçou muitos dos nossos valores.

Que surja agora uma geração nova. Uma geração môça, que leve na fronte o sinal da beleza da alma, e cujos olhos tragam a chama da pureza moral. Que venha essa juventude, e que nós possamos saudar o seu triunfo!

"Como os cantores magnificaram o herói Szondy,
que lutou sòzinho com milhares:
Ficou ereto no meio das ruínas,
sua espada fazia cair os inimigos
e sua arma brilha em seu ombro esquerdo".
(J. Arani).

Talvez que alguns camaradas pervertidos queiram implantar o desânimo em teu espírito, dizendo: "Não vale a pena fazer tantos esforços, não vale a pena... Não há juventude casta no mundo... Um cai desde o colégio, outro na universidade... Hoje ninguém mais se conserva casto até ao casamento..." Meu filho, acredita no que escrevo neste momento: Há moços no colégio, na universidade, e moços que conquistaram seus diplomas, que dia a dia lutam sem desfalecimentos pela sua castidade. Sim, há-os, e o número dêles cresce de ano para ano. Êles sabem passar com a alma imaculada através das mil tentações do mundo atual, e no dia do seu casamento levarão à sua virgem noiva não um corpo arruinado, nem um sangue estragado, nem uma alma doentia, senão a coroa da vitória, conquistada triunfalmente nas lutas espirituais, um corpo jovem e robusto, uma saúde de ferro, um coração ardente, uma alma cheia de ideal.

Êsses moços tornar-se-ão cada vez mais numerosos; essa santa chama, outrora tímida, estende-se cada vez mais; *sim, a casta adolescência já é hoje uma arrebatadora, uma grande, uma santa realidade.* De ti depende, meu filho, o aumento do número dêsses heróis; de ti depende torná-lo cada vez maior.

O' *pureza moral,* ornamento dos mais belos da alma humana! Triunfa dos milhares de laços dos prazeres sensuais e coloca sob teu jugo suave o nosso precioso tesouro, essa juventude de corpo robusto, de alma de beleza ideal. Meus amigos, de pé, sob o estandarte

do lírio da pureza, pela vossa felicidade física e moral, pelo vosso futuro, pela vossa geração, pela vossa pátria!

101. A santa vontade.

Quando, na China, uma jovem morre virgem, seus pais têm o direito de erigir em sua honra um arco de triunfo com esta inscrição: "Schoeng Dsche" — *"A santa vontade"*. Êsse arco de triunfo quer dizer que a santa vontade conduziu a jovem sã e salva através da vida. Essa forte e santa vontade é o bom gênio de todo o adolescente que quer conservar uma pureza intemerata nas lutas da mocidade. Merece que se lhe erga um arco de triunfo, quando entrar com a alma imaculada na pátria da eterna pureza.

Tens tu, meu filho, essa "santa vontade"? A santa vontade de combater com uma perseverança inquebrantável, uma coragem indomável, nas fileiras dessa casta juventude, que, de rosto abrasado pela vitória, investe contra tôda a impureza e tôda a leviandade moral, enristando o estandarte branco da pureza sem mácula; ou, então, combates noutro campo, entre os que arrepiam caminho e se querem corrigir, e que, à custa das suas tristes quedas, sabem amar agora, mais do que a outra qualquer coisa, a felicidade sem par da vida casta? Tens essa santa vontade? E se a perdeste, acha-la-ás de novo, não é verdade?

Serás forte, meu filho. Zelarás a pureza de tua alma.

Vê: a vida pura é a fôrça; a vida pura é a alegria; a vida pura é a nobreza; a vida pura é a liberdade; a vida pura é a beleza. Vale, pois, a pena lutar por ela.

Quando te imagino assim diante de mim, e, em sinal de adeus, te encaro ainda uma vez, profundamente, e te vejo como vela impelida pelo vento, como a

promessa de bela aurora, conquanto prevendo grandes tempestades morais, provações e tentações que cairão sôbre ti no decorrer da tua juventude, — do meu coração brota esta fervente prece:

> "Tu és puro, belo, intacto, como a rosa;
> quando te olho, minha alma chora
> e meus olhos ficam cheios de lágrimas.
> Ponho minha mão na tua cabeça,
> e peço ao Pai Celeste
> que conserve puro e branco como a neve
> o lírio do teu coração".

Meu filho, tenho confiança em ti, grande e confortadora confiança!

Agora, dá-me tua mão. Fita os teus olhos nos meus, longamente, firmemente.

Enfim, dize:

Continuarei no caminho da pureza.

Ou, conforme o teu caso, dize assim:

Ingressarei de novo no exército dos lírios. .

EU QUERO... EU QUERO... SER CASTO.